

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Literatura

Área de especialização / Estudos de Literatura Comparada

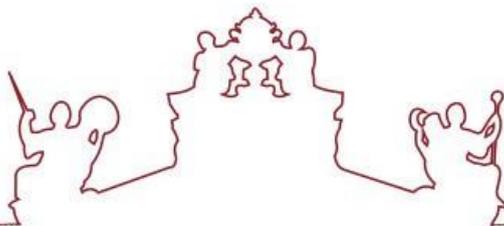
Dissertação

**Representação do livro e da biblioteca na literatura infantojuvenil: a saga Harry Potter
de J. K. Rowling**

Anabela de Jesus Canivete Risso

Orientador(es) / Cláudia Sousa Pereira

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Literatura

Área de especialização / Estudos de Literatura Comparada

Dissertação

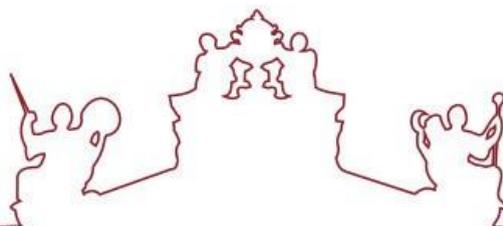
Representação do livro e da biblioteca na literatura infantojuvenil: a saga Harry Potter de J. K. Rowling

Anabela de Jesus Canivete Risso

Orientador(es) / Cláudia Sousa Pereira

Évora 2023





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente / Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Vogais / Cláudia Sousa Pereira (Universidade de Évora) (Orientador)
Rogério Puga (Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) (Arguente)

Évora 2023



Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à Professora Doutora Cláudia Sousa Pereira, com quem tive o privilégio de trabalhar ao longo dos últimos meses e que esteve sempre presente para orientar este caminho.

Depois, e como considero que não faz sentido falar sobre leituras e leitores sem falar de quem nos fez também a nós leitores, agradeço à minha mãe e a todas as professoras e todos os professores que fui encontrando ao longo do caminho e que, de alguma forma, contribuíram para este vício dos livros.

Cabe-me ainda agradecer à Doutora Zélia Parreira por ter criado em mim não o vício dos livros, mas a paixão pelas bibliotecas, que move também os meus dias e esta dissertação.

Resumo

Representação do livro e da biblioteca na literatura infantojuvenil: a saga *Harry Potter* de J. K. Rowling

A saga *Harry Potter* de J. K. Rowling tem apaixonado gerações de leitores ao longo dos anos. Com milhões de livros vendidos em todo o mundo, as histórias deste mundo mágico são um fenómeno literário que clama por atenção a quem se interessa pelo estudo da literatura infantojuvenil.

Neste trabalho partimos de uma análise temática dos livros de Rowling. Analisamos a representação dos livros, das bibliotecas, dos bibliotecários e das personagens leitoras em *Harry Potter* com o intuito de compreender a imagem que a literatura infantojuvenil transmite destes temas.

Estas representações fictícias e fantásticas revelam-se, ao longo da saga, elogiosas e bastante próximas do mundo real. Apenas a representação da bibliotecária acaba por ser negativa, provavelmente influenciada por ideias preconcebidas e clichés, o que revela a importância de dar atenção ao tema.

Abstract

Representation of books and libraries in children's literature: the saga Harry Potter of J. K. Rowling

J. K. Rowling's *Harry Potter* saga has enamored generations of readers over the years. With millions of books sold worldwide, the stories of this magical world are a literary phenomenon that cries out for attention to those interested in the study of children's and youth literature.

In this work we start from a thematic analysis of Rowling's books. We have studied the representation of books, libraries, librarians, and the reading characters in *Harry Potter* in order to understand the image that children's literature conveys about these themes.

These fictional and fantastic representations reveal themselves, throughout the saga, to be flattering and quite close to the real world. Only the representation of the librarian ends up being negative, probably influenced by preconceived ideas and clichés, which reveals the importance of paying attention to the topic.

Lista de abreviaturas

- PF – *Harry Potter e a Pedra Filosofal*
CS – *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*
PA – *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*
CF – *Harry Potter e o Cálice de Fogo*
OF – *Harry Potter e a Ordem da Fénix*
PM – *Harry Potter e o Príncipe Misterioso*
TM – *Harry Potter e os Talismãs da Morte*
LIJ – Literatura infantojuvenil

Índice

Resumo	4
Abstract	5
Lista de abreviaturas	6
Índice de figuras	8
Introdução	9
<i>Os best-sellers</i> e a importância da criação de hábitos de leitura	14
A biblioteca: espaço simbólico	20
A bibliotecária: do valor ao preconceito	31
As personagens leitoras: de Hermione a Luna Lovegood	39
O livro: símbolo, matéria e ferramenta de magia	54
Concluindo	81
Bibliografia ativa	86
Bibliografia passiva	87
Anexos	90
Glossário	90
Citações	92
Harry Potter e a Pedra Filosofal	92
Harry Potter e a Câmara dos Segredos	98
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	102
Harry Potter e o Cálice de Fogo	105
Harry Potter e a Ordem da Fênix	111
Harry Potter e o Príncipe Misterioso	114
Harry Potter e os Talismãs da Morte	118

Índice de figuras

Figura 1	
A Biblioteca por Rudolf Von Alt, 1881	22
Figura 2	
Escadaria de Hogwarts no filme Harry Potter e a Pedra Filosofal	23
Figura 3	
Loja de varinhas do Ollivander no filme Harry Potter e a Pedra Filosofal	25
Figura 4	
Biblioteca de Hogwarts no filme Harry Potter e o Cálice de Fogo	29
Figura 5	
The Bookworm de Carl Spitzwek (Munique, 1808-1885)	35
Figura 6	
Madame Pince no filme Harry Potter e a Câmara dos Segredos	37
Figura 7	
Destruição do Diário de Tom Riddle no filme Harry Potter e a Câmara dos Segredos	65
Figura 8	
O Quidditch através dos tempos, edição ilustrada	66
Figura 9	
Monstros Fantásticos e onde encontra-los, edição ilustrada	67
Figura 10	
Os Contos de Beedle, o Bardo, edição ilustrada	68
Figura 11	
Livro onde Hermione lê as informações sobre Flamel no filme Harry Potter e a Pedra Filosofal	77
Figura 12	
Os Contos de Beedle, O Bardo no filme Harry Potter e os Talismãs da Morte parte 1	78
Figura 13	
O Monstruoso Livro dos Monstro no filme Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	79
Figura 14	
Livro Defesa Contra as Artes Negras no filme Harry Potter e a Ordem da Fénix	80

Introdução

No campo de estudos da Literatura Comparada, as possibilidades de escolha para desenvolver um trabalho de investigação são praticamente infindáveis. Se tudo, desde autores, obras e nacionalidades, poderia ser um ponto de partida. porquê esta decisão de estudar algo tão específico como a representação dos livros e das bibliotecas na saga *Harry Potter*? Sou bibliotecária, apaixonada por literatura e pela minha profissão. Não poderíamos, como nos permitem os estudos comparatistas, começar a nossa investigação afastando-nos desses dois assuntos. Se o motivo pessoal, resultante de um impulso mais emotivo, é necessário, não é suficiente para justificar a pertinência de um trabalho académico que se disponibiliza para leitura pública.

Foi assim que nos demos conta de que, no campo específico das Bibliotecas na área das Ciências da Informação e Documentação, existem inúmeras teses realizadas sobretudo sobre as bibliotecas escolares e na área das novas tecnologias, mas muito pouco, ou praticamente nada, se produziu em texto académico que una o mundo literário ao mundo das bibliotecas. Situação algo estranha quando a literatura o faz e há tantas bibliotecas nas suas páginas, quando as bibliotecas quase não vivem sem a literatura e até quando a literatura se reaviva graças a bibliotecas, por mais pessoais que sejam, e aos seus utilizadores, os leitores.

A escolha da saga *Harry Potter* como *corpus* a analisar deveu-se, em grande parte, a dois fatores. Primeiro, e talvez aquele que continua a revelar menos imparcialidade da nossa parte, somos fãs assumidas desta saga. Pertencemos ao que chamam “Geração Harry Potter”. Vimos os filmes no cinema à medida que foram lançados, esperámos a publicação dos livros seguintes e lemo-los assim que saíram. Crescemos com as personagens, assumimo-nos *Potterhead* e se hoje em dia nos consideramos leitoras isso deve-se, em grande medida, a esta série.

Depois, e bastante mais importante, é inegável o valor que estas obras tiveram na divulgação da literatura e cultura infantojuvenil. A saga vendeu em todo o mundo mais de 500 milhões de exemplares, os filmes tornaram-se rapidamente em êxitos de bilheteira, foram criados musicais, sequelas e prequelas, eventos e espaços temáticos e todo um mundo de *merchandising* em redor deste universo ficcional. Alguns estudiosos de literatura, a par de críticos que influenciam um público mais generalista, consideram que

Harry Potter se tornará mesmo um clássico da literatura infantojuvenil. Não é, claro, unânime: em algumas escolas nos Estados Unidos da América e nos Emirados Árabes Unidos, por exemplo, as obras chegaram a estar proibidas por se referirem ao mundo da bruxaria. E este é um dado que, em algumas perspectivas da teoria da literatura, serve até para acrescentar interesse e importância ao fenômeno cultural. O que nos parece incontestável é que estas obras têm contribuído para conquistar jovens leitores um pouco por todo o lado.

Podemos considerar que a saga *Harry Potter* se divide em duas fases distintas. Nos primeiros três livros, a estrutura narrativa não apresenta grandes variações. A jornada do herói (CAMPBELL, 1949), Harry, inicia-se sempre no fim do verão, ainda em casa dos Dursley. É de lá que Harry parte para mais um ano em Hogwarts, onde irá enfrentar algum excepcional perigo que nunca nenhum feiticeiro da sua idade enfrentou e sobreviver. Hogwarts é, então, o lugar que para ele representa a sua casa, o seu porto de abrigo, longe da sua terrível família *muggle*. Ao longo da sua jornada, Harry vai tendo diversas ajudas, quer para compreender o que enfrenta, quer para aprender a enfrentá-lo. Muitas vezes ele encontra essa ajuda em livros. Nesta fase da saga percebemos também que as personagens de Rowling são ainda crianças ou pré-adolescentes: os perigos e provações são menores que nos livros seguintes e as suas preocupações, reações e atitudes são as da infância.

No quarto livro notamos pela primeira vez o seu crescimento. Vemo-los claramente entrar na adolescência, com os primeiros amores, as primeiras discussões e as amizades postas em causa. É também aqui que os perigos se adensam. No final de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* o vilão Lord Voldemort volta à vida e vemos, nos livros seguintes, que os desafios que enfrentam cada vez afastam mais Harry e os amigos da segurança de Hogwarts. Esse afastamento chega ao seu expoente máximo no sétimo livro, *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, quando Harry, Ron e Hermione – o trio mais unido e persistente - não chegam sequer a partir para Hogwarts, visitando a escola apenas para a batalha final. A forma como os temas de que iremos falar são vistos e utilizados, ou seja representados (tornados presentes e apresentando funções próprias), nos livros iniciais e nos livros finais, também se diferencia, embora assistamos a uma evolução entre cada livro e não uma rutura abrupta. A mudança da relação das personagens com estes temas é algo mais subtil, embora não passe totalmente despercebido a um leitor atento e interessado neles.

Depois, há também o fator que torna cada um dos livros da saga diferente dos outros,

apesar de estruturas constantes e, de certa forma, clássicas. No primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, é a busca pela Pedra Filosofal para impedir que Quirrel consiga trazer o seu amo Lord Voldemort de volta à vida, que move as nossas personagens; em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* é a abertura da Câmara dos Segredos, um lugar secreto em Hogwarts habitado por um Basilisk, uma cobra gigante que mata instantaneamente todos os que a olham nos olhos. Aqui, a abertura da Câmara deve-se ao *Diário* de Tom Riddle - um livro; em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* a trama ronda a fuga de Sirius Black de Azkaban, a prisão dos feiticeiros. Sirius, padrinho de Harry e que todos pensam ser um terrível criminoso, mas que na verdade foi condenado erroneamente e fugiu para tentar salvar a vida ao afilhado; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, a quarta parte da saga, fala-nos sobre o Torneio dos Três Feiticeiros, um torneio entre escolas para o qual Harry acaba por ser escolhido sem se ter inscrito; no quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, conhecemos a sociedade secreta da resistência que luta contra Voldemort; em *Harry Potter e o Príncipe Misterioso* a trama gira em torno do *Livro de Poções do Príncipe Meio Sangue* e da história de Voldemort e dos seus *horcrux*; no sétimo e último livro, *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, seguimos a busca pelos *horcrux*, a que se junta o mistério dos três talismãs da morte - que são descritos num conto de um livro de histórias infantis para feiticeiros, *Os contos de Beedle, o Bardo*.

Este trabalho divide-se em capítulos, cada um com um foco próprio sobre os vários aspetos do núcleo temático. Começamos na receção da obra pelo público e a sua potencial importância na criação de novos leitores. Em seguida passamos à análise próxima do texto que constrói o enredo e os elementos que constituem as categorias da narrativa, em quatro capítulos individuais, respetivamente no que concerne a representação das bibliotecas, da bibliotecária, das personagens leitoras e dos livros. Considerando-os faces separadas do tema poliédrico, podemos analisar melhor a forma como são retratados, uma vez que essa representação não é uniforme, nem monótona. Por fim, apresentaremos a conclusão a que chegámos com o nosso estudo. Para facilitar a leitura das referências à obra objeto deste trabalho, acrescentamos ainda nos anexos um glossário relativo ao mundo mágico de Harry Potter; também elencaremos as citações relativas ao tema – livros, bibliotecas, leituras e bibliotecários - que retirámos da obra, mesmo não as tendo utilizado na íntegra.

Inicialmente pensámos estender o nosso trabalho, num último capítulo, à representação destes mesmos elementos temáticos nas adaptações cinematográficas da obra de Rowling, uma vez que esse é um fenómeno que tanto contribuiu para o sucesso, pelo menos de

venda, dos livros. No entanto, ao longo da redação, percebemos que seria mais útil falar sobre a essa representação de cada tema individualmente, no respectivo capítulo. Desta forma conseguimos ter uma visão mais concentrada sobre as diferentes representações e a sua adaptação.

Realçamos ainda que este estudo se foca nos sete livros principais da saga de Harry Potter¹, mas que abordaremos também brevemente, quando considerarmos necessário, os livros complementares, como *Os Contos de Beedle*, *O Bardo*, *O Quidditch Através dos Tempos*, *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, *Monstros fantásticos* e *Onde Encontrá-los*, de forma que a nossa análise possa ser o mais completa possível. O “universo Harry Potter”, nascido nos sete volumes a que demos lugar central, compõe-se de uma teia de meta e intertextualidades, com sequelas, prequelas e mesmo com os exemplares das referências bibliográficas que ganham corpo em livros, em princípio, não-literários mas ficcionais.

Sendo esta uma tese no âmbito do curso de mestrado em Literatura Comparada, sabíamos que teríamos de enveredar pelo estudo de, pelo menos, uma obra literária. Não queríamos, ainda assim, que esse estudo fosse totalmente alheio ou inútil para a área profissional da Biblioteconomia e isso levou a que a nossa escolha fosse feita entre as obras infantojuvenis. Queríamos tentar perceber o que há, afinal, nestas obras que, estando relacionado com a profissão, seja capaz de ajudar os profissionais das bibliotecas a criar leitores, podendo ser útil para uma das mais importantes missões das bibliotecas. Daqui nasceram as perguntas, genericamente ambiciosas, que guiaram a investigação inicial e permanecerão após as primeiras respostas, dadas ao estudo de um caso em concreto: como são os leitores, a leitura, os livros e as bibliotecas representados na literatura infantojuvenil e qual o efeito disso na realidade?; como se cria a identificação leitor-personagem?; e como podem as bibliotecas fazer uso disso a seu favor?

Os livros que lemos são uma das parcelas dos objetos culturais que “consumimos” e contribuem para moldar o nosso olhar sobre o mundo que nos rodeia. Poderá essa parcela ajudar os cidadãos a aproximarem-se das bibliotecas e dos livros, até desde tenra idade? Será a literatura infantojuvenil capaz de ajudar a criar alguma atração, por exemplo através da identificação entre as personagens leitoras de uma história e os jovens leitores da realidade? Enquanto bibliotecária, interesse também próprio portanto, preocupa-me a

¹ De forma a tornar mais fácil a escrita e leitura deste trabalho iremos, em alguns momentos, abreviar os títulos dos livros, conforme lista de índice inicial.

imagem que a literatura, sobretudo a ficção, transmite das bibliotecas e dos bibliotecários. Será real? Positiva ou negativa? E como pode essa imagem influenciar ou não a criação de novos leitores e a sua relação com a biblioteca pública?

Os *best-sellers* e a importância da criação de hábitos de leitura

Em fevereiro de 2022 foram publicados os resultados *do Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses de 2020*, encomendado pela Fundação Gulbenkian ao Instituto de Ciências Sociais (ICS)². Neste estudo lemos que apenas 39% dos portugueses leram livros impressos em 2021 e apenas 10% leram e-books. Ficamos ainda a saber que 80% da população não foi nenhuma vez nos 12 meses anteriores ao início da pandemia a arquivos e bibliotecas.

Um estudo realizado pelo Plano Nacional de Leitura em 2019 mostra que os hábitos de leitura nas crianças e jovens têm também vindo a decrescer³. Após inquirirem 7 469 alunos concluiu-se que a maioria tinha lido menos de três livros por prazer nos 12 meses anteriores ao inquérito e que os hábitos de leitura têm tendência a diminuir à medida que a idade aumenta. Percebeu-se, também, uma forte relação entre os hábitos de leitura destes jovens e o contexto familiar e respetivos hábitos de leitura, em que apenas 16,1% tinha por hábito utilizar a biblioteca escolar para a leitura de livros, frequentando-as maioritariamente para estudar e fazer trabalhos. Constatou-se, ainda, que as crianças e jovens com uma maior quantidade de livros em casa eram quem mais requisitava livros na biblioteca.

O que será preciso para que uma obra, neste caso especificamente uma obra infantojuvenil, crie novos leitores e hábitos de leitura? A influência dos pais e professores é, sem dúvida, um fator relevante. Na grande maioria dos casos, o primeiro contacto da criança com o livro é em casa e as primeiras visitas a bibliotecas são as motivadas e organizadas pelos professores. Mas nem todas as crianças que vêm de famílias com pais leitores se tornam leitoras, tal como nem todas as crianças leitoras são filhas de pais leitores.

Além do exemplo dos pais e da insistência dos professores, ajuda que os livros dados às crianças e jovens sejam atrativos, ou tornados atrativos quando a sua qualidade é diferente da facilidade com que se lêem. Lemos para conhecer o mundo, para conhecer os outros e as suas histórias, mas, no fundo, lemos também para nos conhecermos a nós próprios, mesmo quando não damos logo por isso. Em *Figuras da Ficção* Carlos Reis

² https://www.ics.ulisboa.pt/sites/ics.ulisboa.pt/files/2022/inquerito_praticas_culturais_2020.pdf

³ [https://www.pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1940&fileName=PLEP_Apresentacao_publica_30_9_2020.pdf](https://www.pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1940&fileName=PLEP_Apresentacao_publica_30_9_2020.pdf)

afirma:

A leitura é o mecanismo que entrelaça seres humanos e figuras da ficção. As disciplinas que os analisam são distintas, mas a leitura vulgar, não especializada, a leitura de ócio transforma-se em necessidade de identificação. Todos os esforços para a separação dos dois, desde o contorno teórico, desvanecem-se na leitura real das obras, mesmo nos próprios críticos. (REIS, 2006:27)

A literatura infantojuvenil tem sido bastante desvalorizada ao longo dos séculos quando comparada com a restante literatura. E isso relaciona-se diretamente com a forma como a própria infância tem sido vista ao longo da história. Em *A emancipação da literatura infantil* de Manuel António Teixeira Araújo lemos que na Idade Média *não havia infância no sentido intelectual do termo* (ARAÚJO, 2008:64). Zohar Shavit em *Poética da literatura para crianças* afirma que:

Na sociedade medieval e nos séculos que se seguiram, a abordagem teológica dominante, bem como as condições de vida não deixavam lugar para a extravagância da infância. A estrutura conceptual da sociedade ignorava as características distintivas entre uma criança e um adulto. (SHAVIT, 2003:24).

As crianças eram vistas como adultos em miniatura: assim que era possível, começavam a trabalhar ou a aprender um ofício, por necessidade. Simultaneamente, a curta esperança de vida e o elevado número de mortes na infância aumentava a necessidade de rápida integração no mundo dos adultos.

Foi só no início do século XVII que a infância começou a ser considerada de outra forma. Com a revolução industrial, o surgimento da burguesia, a diminuição da mortalidade infantil e o (curto) aumento da esperança média de vida, os adultos começaram a olhar para aqueles primeiros anos como um tempo importante. A inocência e a ingenuidade pareciam ser as características comuns mais evidentes, e vemos então

surgir, nas representações artísticas e literárias da época, a infância com todas as suas diferenças. Surgiram novos brinquedos mais adequados às características das crianças e o próprio vestuário se adaptou. As crianças foram-se tornando algo precioso, que era preciso proteger e manter afastado da maldade (e do pecado) que existia no mundo. Então, também a literatura mudou com esta nova forma de ver a infância: os contos de fadas passaram a ser vistos como algo infantil; os textos tornaram-se mais simples, acessíveis a quem ainda não tem as capacidades comunicativas verbais desenvolvidas; e passaram a servir para ensinar e moralizar.

O panorama histórico das publicações dedicadas aos mais novos, a teorização e a crítica são assunto que só ganha a importância que tem hoje, no mundo ocidental, na segunda metade do século XX, a velocidades e com prioridades diferentes de país, ou região, para país. É disciplina autónoma, com trabalhos académicos que circulam entre equipas que dedicam a esse subsistema literário o seu tempo e interesse. Isto para além do interesse, obrigatório e comum a outras ciências, não já só com o objeto livro, mas com a criança e o jovem, e o seu bem-estar e prosperidade.

Harry Potter e a Pedra Filosofal, o primeiro livro da saga Harry Potter, foi lançado em 1997 após ser recusado por diversas editoras. Desde este lançamento aos dias de hoje, os livros da saga já venderam mais de 500 milhões de exemplares em mais de 65 idiomas diferentes e os filmes arrecadaram mais de 7,7 bilhões de dólares em bilheteiras. O livro mais vendido da saga tem sido precisamente o primeiro, o que também pode dizer algo sobre os que pelo menos experimentaram “entrar” na saga, que consta até da lista de livros mais lidos no mundo em todos os tempos.

Mas o fenómeno Harry Potter não ficou por aí. Foram criadas prequelas e sequelas como *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* e *Monstros Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald*; no Universal's Islands of Adventure e Universal Studios em Orlando, e no Universal Studios Hollywood, em Los Angeles, surgiu o The Wizarding World of Harry Potter, um parque temático do mundo Harry Potter; jogos de tabuleiro e de computador, vestuário, acessórios, eventos, cosplay e muito mais. A magia desta saga espalhou-se um pouco por todo o mundo e ajudou a criar, muitas vezes, novos leitores.

Em *O Comércio da Literatura* de Manuel Portela lemos a propósito do fenómeno da comercialização de livros nas décadas de 1720 e 1730:

À medida que a produção de livros e periódicos aumentava, uma nova imagem do autor começava a definir-se: o autor comercial, cujas produções eram determinadas pelo seu próprio interesse pecuniário, pela lógica do mercado e elas paixões do público. (PORTELA, 2003:226)

Podemos considerar J. K. Rowling uma autora comercial. E a sua própria história tem um pouco de conto de fadas: mãe solteira e desempregada, passou por grandes dificuldades financeiras antes de escrever a saga do rapaz feiticeiro que a iria tornar milionária. Helena Vasconcelos afirma, na página 313 da sua obra *A Infância é um Território Desconhecido*:

A própria J. K. Rowling, a autora de Harry Potter, tem qualquer coisa de maravilhosamente mágico, uma vez que passou de uma rapariga pobre e sem recursos a braços com dificuldades infundáveis, a uma multimilionária discreta e misteriosa - mantendo o suspense - mas que se apoia numa bem oleada e profissionalmente impecável máquina de marketing muito contemporânea. (VASCONCELOS, 2008:31)

Os livros de J. K. Rowling foram alvo de um marketing de milhões e tornaram-se em bestsellers mundiais. Chegaram às massas, foram lidos por milhões de crianças e jovens em todo o mundo. Mas o que nos diz isso sobre esta saga?

Por vezes o selo de bestseller é considerado também um selo de falta de qualidade. Muitos falam em alta e baixa literatura e argumenta-se se os grandes clássicos da literatura devem ou não ser leituras impostas nas escolas. Para o professor e crítico literário americano Harold Bloom, os jovens que leem Harry Potter são os que no futuro irão ler Stephen King; e para ele, ambas as leituras são deploráveis. Carlos Ceia refere-se a isso no seu artigo *O poder da leitura literária* dizendo:

Bloom não gosta de Harry Potter, porque, diz, é uma colecção de lugares comuns que em nada enriquece os jovens. Recomenda como alternativa o clássico Alice no País das Maravilhas (1865), de Lewis Carroll, e o excelente

Contos de Shakespeare (1807), de Charles Lamb. Ora, eu aprendi a ler através da literatura oral e popular e devorando todos os livros de banda desenhada que o meu pai colecionava. Aprendi a ler através dos lugares mais comuns da própria literatura. Aprendi que ler tudo é o melhor remédio para saber hoje o que é que vale a pena ler. A pergunta J. K. Rowling ou William Shakespeare? nunca devia ser colocada. O importante é o compromisso que cada um de nós estabelece com aquilo que sente que deve ler. Errado é pensar que J. K. Rowling é suficiente. Harry Potter é apenas um cantinho do mundo. As tragédias de Shakespeare estarão certamente do outro lado do mundo, mas a nossa imaginação, se estiver predisposta a isso, pode viajar para todo o lado e não deixar ninguém de fora. (Ceia:2)

Muitos dos leitores que circulam nas bibliotecas não começaram a sua infância a ler Carroll ou Shakespeare e queremos acreditar que isso não faz deles menos leitores ou leitores de menor qualidade. Todos sabemos, por experiência própria, que um livro que nos toca numa determinada altura da vida pode vir a não nos dizer absolutamente nada se lida em outra fase. Sabemos que Harry Potter não pode ser considerado alta literatura, no sentido habitual do termo. Por muito que estas obras ensinem aos jovens leitores e possam até mesmo considerar-se um futuro clássico do género, são livros escritos sobretudo para entreter e distrair, o que não é sequer criticável. São livros escritos com o objetivo de alcançarem as massas e que realmente alcançaram as massas. No entanto, a divisão entre alta e baixa literatura, que muitos não querem deixar cair, parece-nos hoje em dia cada vez mais ténue: vejamos os exemplos de Elena Ferrante e Ian McEwan que apesar de terem assumida influência de autores canónicos ou até clássicos nos trazem também muitas referências contemporâneas e se tornaram sucessos de venda.

De pouco nos serve alongarmo-nos sobre se Harry Potter deveria, ou não, ser considerado alta ou baixa literatura, ou se deveria, ou não, ter alcançado o sucesso que teve. O facto é que o alcançou e é precisamente esse o facto que nos traz aqui. Enquanto bibliotecária, quero crer, e assim fui formada, que, salvo as exceções que se encontram em produtos que, com crivo, não chegariam às estantes, qualquer livro é um bom livro desde que ponha alguém a ler. Assim, continuo a crer, se contrariará a tendência de decréscimo da leitura e da diminuição das visitas a bibliotecas. Certamente há livros de diferentes qualidades, mas, como dizia o verso do poeta espanhol António Machado, o

caminho faz-se caminhando. Resta-nos, enquanto promotores da leitura que nós, bibliotecários, somos, ajudar os leitores que hoje leem Harry Potter a encontrar o seu próprio caminho e crescerem para outros e mais autores e obras.

A biblioteca: espaço simbólico

Será talvez importante introduzirmos, antes da nossa análise a um *corpus* representativo, alguns aspetos sobre elementos da narratologia relevantes nesta saga, pois também a eles se deve a identificação leitor-personagem e a respetiva conquista de leitores. O narrador criado por J. K. Rowling é um narrador heterodiegético. Percebemos que não se integra na história enquanto personagem, o que lhe permite um ponto de vista privilegiado sobre diversas situações, a que não teria acesso de outra forma, correndo os mesmos riscos a que as personagens estão constantemente sujeitas. Não se trata, como iremos ver ao longo deste trabalho, de um narrador imparcial: ele impele o leitor a preferir esta ou aquela personagem, subtilmente, através desta ou daquela situação narrada a jeito. É um narrador humanamente subjetivo: muitas vezes, vemos o ponto de vista de uma personagem, mas não o de outra; tal é bastante flagrante por exemplo em relação a Severus Snape, que o leitor da saga é levado a detestar nos primeiros seis livros para só no sétimo livro, através de uma analepse em que Harry visita as memórias do professor, o leitor perceber, afinal, que estava completamente enganado. Aqui, notamos também as diferentes opções de focalização utilizadas: enquanto para Harry o narrador usa uma perspetiva onisciente, para outras mantém-se em focalizações internas ou, mesmo apenas, externas. Esta opção cria e permite uma maior identificação do leitor com algumas personagens, em desfavor de outras. É também um narrador que tende a manter-se no tempo presente. Não existem prolepses no tempo da história e as analepses são feitas através das memórias e nos discursos das próprios personagens. O narrador usa diversas frequências no seu discurso, tornando-o singulativo, repetitivo (como em relação à morte dos pais de Harry) e iterativo (como as notícias de desaparecimentos e mortes nos últimos livros), consoante lhe é mais conveniente. Apesar de notarmos, por parte do narrador, uma certa dose de esforço de neutralidade, esta é de uma evidente falácia, com intenção, portanto, e as suas intrusões são constantes.

Falemos, então, de bibliotecas reais, mesmo que algumas das suas histórias se aproximem do que encontramos em ficção. A primeira biblioteca conhecida foi a de Nínive, também conhecida como Biblioteca de Assurbanípal. Esta Biblioteca era constituída por milhares de placas de argila com textos em escrita cuneiforme. Localizava-se na cidade de Nínive, na margem ocidental do rio Tigre, que foi capital do Império Assírio (atual Iraque). É uma biblioteca que não conta, no entanto, com um

número significativo de representações na literatura e na arte. Por outro lado, a Biblioteca mais conhecida na história é a de Alexandria, a maior biblioteca da antiguidade que foi criada por Alexandre o Grande no séc. III a.C. Foi um importante centro de cultura na época. A Biblioteca de Alexandria conta com diversas representações na literatura.

A palavra Biblioteca deriva do grego *biblion*, "livro", e *theca*, "depósito". As bibliotecas são, simbolicamente, um lugar de calma e conhecimento, não só nas vivências individuais, mas também de coletivos: é nelas que se concentram anos, séculos de informação adquiridos pela humanidade. São também, sobretudo na literatura infantojuvenil, um local mágico, pois para estes leitores principiantes é comum a metáfora que proporciona a relação do viajar através dos livros. E de que forma se poderia viajar através de um livro se não fosse magia, pensará o leitor pouco habituado ao poder imersivo da leitura literária.

Os livros são, na literatura, habitualmente um tema mais frequente do que as bibliotecas e os bibliotecários e, muitas vezes, não as representam tão positivamente como seria de esperar. Em *Sónetchka* de Ludmila Ulitskaya a biblioteca é uma *cave poeirenta e abafada* (ULITSKAYA, 2007:10); para Agatha Christie em *Um Cadáver na Biblioteca* a biblioteca é *ampla, sombria e pouco cuidada* (CHRISTIE, 1998:21), situava-se numa casa de família e estava mobilada com *enormes poltronas e aquarelas vitorianas* (CHRISTIE, 1998:21); em *A Bibliotecária* de Sally Vickers a biblioteca infantil onde a personagem principal trabalha é descrita como tendo *instalações espaçosas* mas uma *colecção desactualizada* cheia de autores *moralistas vitorianos* (VICKERS, 2020:16); para Zafón, em *A Sombra do Vento*, o *Cemitério dos Livros Esquecidos* é uma *biblioteca de geometria impossível* que fica numa *grande sala circular onde uma autêntica basílica de pedras jazia sob uma cúpula* (ZAFÓN, 2008:13). A tendência é, como vemos, as bibliotecas serem consideradas lugares escuros e frios, muitas vezes repletos de pó e pouco acolhedores, apesar de guardarem em si os preciosos tesouros da alma. Na arte, a tendência parece ser semelhante. Em *Bookworm* de Carl Spitzweg a biblioteca é um local escuro onde entra apenas um feixe de luz, que nos deixa perceber o pó no ar; Rudolf Von Alt representa a Biblioteca com os mesmos tons escuros de Spitzweg, onde além dos livros vemos mobílias e peças de arte de aspeto austero e sem ninguém.



Figura 1
A Biblioteca por Rudolf Von Alt, 1881

Felizmente na LIJ a tendência é outra. *O Morcego Bibliotecário* de Carmen Zita Ferreira encontra uma biblioteca num palácio, *enorme e em forma de cruz* (FERREIRA, 2015:24) da qual saia para uma floresta cheia de flores; em *Madeleine Finn e o Cão da Biblioteca* (PAPP, 2017) a biblioteca é um lugar onde as crianças podem treinar a leitura lendo para amigáveis cães; em *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* (SOARES, 2008) é um lugar onde o rei se fartava de ler e rir; e para Mafalda Milhões, *Uma Biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente!* (MILHÕES, 2008). No que diz respeito à saga de J. K. Rowling, será talvez interessante começar por falar do lugar onde se insere a biblioteca mágica da nossa história: Hogwarts.

Em *Dicionário de Lugares Imaginários* Alberto Manguel e Gianni Guadalupi resumem Hogwarts como sendo *um antigo castelo, com muitas torres e torreões, empoleirado no cimo de uma montanha e sobranceiro a um grande lago negro* (MANGUEL, 2020:400) e afirmam ainda que a escola segue *o modelo inglês* na forma como separa os alunos em quatro equipas.

Helena Vasconcelos, em *A Infância é um território Desconhecido* afirma, por sua vez:

A Escola de Magia e Bruxaria é um lugar com uma estrutura vitoriana -

o próprio Harry Potter é uma figura do século XIX com as suas roupas e os seus óculos, Hermione é uma menina com a seriedade e a ansiedade de uma jovem vitoriana, a estrutura da sua população (espertos, marrões, vilões, aventureiros) é a de qualquer colégio - e a «magia» alimenta-se muitas vezes de truques tradicionais como vassouras voadoras, fantasmas, poções, feitiços, animais que falam, etc. Hogwarts, a escola de magia, é organizada segundo os padrões que ainda vigoram nas escolas públicas inglesas - cujo modelo extravasou para as Universidades inglesas e americanas (VASCONCELOS, 2008: 314)

Hogwarts é, concluímos, um lugar de aspeto vitoriano, como o são muitas das bibliotecas que vemos representadas na literatura. Supomos que a biblioteca segue o mesmo padrão estético do resto da escola. Hogwarts é também um lugar de magia: as escadas movem-se sozinhas, as portas aparecem e desaparecem, as estátuas andam e facilmente se encontram fantasmas pelos corredores. Supomos, mesmo quando ainda não entrámos, nós os leitores a acompanhar as personagens, que a biblioteca não seja uma exceção.



Figura 2
Escadaria de Hogwarts no filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*

A primeira vez que se fala de uma biblioteca em Harry Potter ela é, na verdade, apenas

uma comparação para a loja de Ollivander, o fabricante de varinhas. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* lemos:

Uma varinha mágica... era o que Harry realmente mais desejava. A última loja era estreita e encontrava-se em muito mau estado. Nas letras douradas e descarnadas, da porta, podia ler-se Ollivander: Fabricante das melhores varinhas desde 382 a.C. Na montra suja estava uma única varinha, sobre uma almofada de carmesim descolorido.

Uma campainha ouviu-se algures no fundo da loja quando eles entraram. Era um espaço pequenino, vazio, que tinha uma única cadeira raquítica onde Hagrid se sentou enquanto esperava. Harry experimentou a estranha sensação de ter entrado numa biblioteca muito austera, engoliu uma série de novas perguntas que acabavam de lhe passar pela cabeça e olhou para os milhares de caixas estreitinhas, metodicamente empilhadas até ao tecto. Sem saber porquê sentiu um formigueiro na nuca. O silêncio e o pó que ali reinavam pareciam entorpecê-lo com uma magia secreta. (ROWLING, 2003:73 e 74)

Neste excerto temos já um prelúdio do que iremos ler mais à frente sobre as bibliotecas em Harry Potter. Uma *biblioteca muito austera*, como se austera fosse uma palavra que surge metonimicamente colada à palavra biblioteca, um lugar que *entorpece*. No filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal* esta descrição foi, sem dúvida, aplicada à loja do Ollivander: a imagem que temos quando Harry entra na loja, com as prateleiras cheias de pequenas caixas de varinhas e uma escada basculante que permite ao fabricante chegar ao topo das estantes, facilmente poderia ser confundida, por um espectador mais desatento, com a imagem de uma pequena e escura biblioteca, com prateleiras cheias de livros até ao teto.



Figura 3

Loja de varinhas de Ollivander no filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*

No mesmo livro, a biblioteca é descrita como um lugar de uma *quietude abafada* (ROWLING, 2003:137), que muitas vezes estava *escura como breu e misteriosa* (ROWLING, 2003:172). E é um lugar de regras apertadas: Snape refere que *os livros da biblioteca não podem sair da escola* (ROWLING, 2003:153) e Madame Prince, a bibliotecária, reforça por diversas vezes a importância do silêncio, ficando deveras zangada quando acha que Harry escreveu num livro da biblioteca. Por fim, e provavelmente o mais importante, temos a temível *Secção dos Reservados*, onde só os alunos mais velhos ou aqueles que têm autorização expressa de um professor podem consultar livros.

Ainda assim, a biblioteca é também um lugar de liberdades e decisões. Neste primeiro volume podemos ver as diferentes formas que o trio de personagens principais utiliza para as pesquisas sobre Flamel:

Hermione reuniu uma lista de assuntos e títulos sobre os quais decidira pesquisar, enquanto o Ron, na tentativa de fazer qualquer descoberta, deitava abaixo uma pilha de livros colocando-os ao acaso nas prateleiras. Harry andava à volta da secção dos reservados. Não lhe saía da cabeça a ideia de que o Flamel devia ser mencionado num deles. Infelizmente, era preciso uma autorização especial, assinada por um dos professores, para

consultar os livros dos reservados e ele sabia que nunca conseguiria obtê-la.
(ROWLING, 2003:166)

Hermione como sempre mostra-se a mais organizada, ao passo que Ron mistura e desorganiza sem que, curiosamente, a ameaçadora bibliotecária surja para o pôr na linha. Harry por sua vez prefere a opção interdita, a Secção de Reservados, a única que não pode usar mas que acaba mesmo por visitar, durante a noite. Vemos também aqui espelhadas as principais características destas personagens: Hermione, a aluna estudiosa e organizada; Ron, o amigo desastrado e trapalhão; Harry, o rapaz que gosta de desafiar as regras.

A biblioteca é um lugar que o trio visita por diversas vezes, sempre que precisa de descobrir uma forma de resolver um problema, mas não só. Outras personagens entram naquele espaço quando precisam de informação, por vezes até personagens que não imagináramos inicialmente lá, como Hagrid quando tenta descobrir como criar um dragão. A Biblioteca é um espaço de descoberta e ajuda. Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, quando têm de pensar em como enfrentar o Dragão do Torneio dos Três Feiticeiros, Harry e Hermione encontram-se sem ideias e, portanto, foram para a biblioteca (ROWLING, 2003:276 e 277), porque para eles era essa a solução óbvia: procurar a resposta nos livros.

Exemplo de que não é só para encontrar respostas que a biblioteca serve, encontramos em CF, onde lemos, sobre Krum e Hermione

- Suponho que te pediu para vires com ele quando estavam ambos na biblioteca?

- Sim, por acaso foi – respondeu Hermione, com as rosetas do rosto ainda mais coradas. – E depois?

- Como é que foi... tentaste que ele se inscrevesse nessa coisa da baba?

- Não, não foi! Se queres mesmo saber, ele... ele disse que ia todos os dias à biblioteca para tentar falar-me, mas não tinha conseguido arranjar coragem! (ROWLING, 2003:344)

A biblioteca é, portanto, também um lugar de reunião e de encontro, onde o

apaixonado Krum consegue finalmente arranjar coragem para se dirigir a Hermione.

A Secção de Reservados, que surge esporadicamente nos livros e apenas uma vez nos filmes da saga, tem também um interesse particular. Nesta área estão os livros mais perigosos: os que gritam e amaldiçoam e os que guardam os segredos mais tenebrosos e as magias mais difíceis. Madame Pince, a bibliotecária, é particularmente vigilante relativamente a estas estantes e Harry, Ron e Hermione parecem, na mesma medida, muito curiosos sobre ela. Quando procuram informação sobre Nicholas Flamel, Harry tenta a todo o custo procurar na área de reservados, mesmo que isso possa significar ser castigado. Igualmente em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* é no *Moste Potente Potions*, um livro da Secção de Reservados onde se encontra a receita da Poção Polissuco, que Hermione precisa fazer. Aqui o trio consegue mesmo ludibriar um professor, Lockhart, para ter acesso ao livro.

Há ainda uma curiosidade no que toca a bibliotecas do nosso mundo não-ficcional: haverá livros que não devem ser livros em algumas idades? E enquanto bibliotecários, temos o direito de negar o acesso a um livro se não o considerarmos adequado para aquele leitor? Quem define o que é adequado? As opiniões divergem no que se refere a este assunto e talvez estas hesitações transpareçam nas bibliotecas fictícias.

Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* Hermione e os outros parecem crer, pela primeira vez, que a biblioteca lhes está a falhar. Quando procuram informações sobre como Harry poderá sobreviver uma hora debaixo de água, Hermione começa a desesperar e a voz do narrador comenta a voz interior da aluna aplicada: *Parecia que ela considerava a falta de informações úteis da biblioteca sobre aquele assunto como um insulto pessoal; nunca lhe falhara antes.* (ROWLING, 2003:395-396) Sabemos mais tarde que a informação de que necessitam se encontra realmente num livro, *o Plantas Mágicas Mediterrâneas e Suas Propriedades*, mas faltavam-lhes dados para saberem procurar essa informação bibliográfica.

Uma outra referência a bibliotecas que consideramos interessante é a que lemos não nos livros principais da saga, mas sim em *Os Contos de Beedle O Bardo*, constante da nota de Dumbledore sobre o conto *A Fonte do Justo Merecimento*:

Vários pais exigiram que este conto fosse retirado da biblioteca de Hogwarts, incluindo, por coincidência, um descendente de Brutus Malfoy e antigo

membro do Conselho Directivo de Hogwarts, Mr. Lucius Malfoy. Este exigiu a proibição da história, apresentando a questão por escrito:

Todos os trabalhos de ficção ou não ficção que retratem o acasalamento entre feiticeiros e Muggles devem ser banidos das prateleiras de Hogwarts. Não desejo que o meu filho seja influenciado a manchar a pureza do seu sangue lendo histórias que promovam o casamento entre feiticeiros e Muggles. (ROWLING, 2008:39-40)

Dumbledore continua, reiterando que negou o pedido de Malfoy, bem como a maioria dos membros do Conselho Executivo.

Lucius Malfoy, devorador da morte e inimigo de Harry, queria censurar obras da Biblioteca de Hogwarts. A censura de livros é algo que acontece em diversas ocasiões ao longo da história da humanidade e que continua a acontecer nos dias atuais. As bibliotecas são um lugar central de acesso à cultura, a sala de estar de comunidades em crescimento, onde todos podem ter acesso ao conhecimento independentemente da sua situação económica, da sua raça, sexo ou orientação sexual, entre outros. Mas também elas podem tornar-se vítimas dos preconceitos e opiniões alheios.

Em *Uma História da Leitura* lemos:

Como compreenderam os ditadores de todos os séculos, é mais fácil dominar uma multidão de analfabetos; como não é possível desaprender a arte de ler uma vez adquirida, a melhor solução, à falta de melhor, é limitar-lhe o campo de acção. Por isso, mais do que todas as outras criações humanas, os livros foram a perdição das ditaduras. O poder absoluto exige que toda a leitura seja leitura oficial; em vez de bibliotecas de diversas opiniões, basta a palavra do soberano. [...] A censura é, conseqüentemente, de uma forma ou de outra, o corolário de todo o poder, e a história da leitura é alumada por uma série aparentemente interminável de fogueiras de censores, dos primeiros rolos de pergaminho aos livros do nosso tempo. (MANGUEL, 2020:356-357)

O autor, investigador e bibliotecário Manguel segue com uma lista de exemplos de queimas e censuras de livros, desde as obras de Protágoras no ano 411 a.C. até aos dias

de hoje.

Para Lucius Malfoy, de *Harry Potter*, deviam ser retirados da Biblioteca *todos os trabalhos de ficção ou não ficção que retratem o acasalamento entre feiticeiros e Muggles* (ROWLING, 2008:39-40) para, como se afirma ao longo da saga, manter a pureza da raça e preservar o puro-sangue dos feiticeiros. O passo seguinte seria, muito provavelmente, impedir a entrada de alunos *meio-sangue* ou *sangue de lama* em Hogwarts. Esta nomenclatura corresponde a uma prática discriminatória que acontece, sem camuflagem, na saga de *Harry Potter*, desenvolvida de forma a que os leitores a condenem.

Nos filmes, a Biblioteca de Hogwarts surge menos vezes do que nos livros, mas, apesar das suas breves aparições, não deixa de chamar a atenção sobre si. Vemo-la maioritariamente nos primeiros dois filmes da saga, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*. Surge-nos como um lugar quase clandestino, de pouca iluminação natural, algumas vezes visitada pelos protagonistas em horário noturno. As estantes, enormes ao ponto de quase não lhes conseguirmos ver o topo, têm na base mesas com candeeiros para que os alunos se possam sentar e estudar. E os livros pairam de um lado para o outro, arrumando-se sozinhos, seguindo para o topo das estantes isoladamente ou dividindo-se a partir de pilhas mais firmes do que parecem.



Figura 4
Biblioteca de Hogwarts no filme *Harry Potter e o Cálice de Fogo*

Não podemos negar que a ideia de uma biblioteca em que os livros se arrumam sozinhos por artes mágicas é aliciante para uma bibliotecária. E não negamos inclusive que, apesar das aparições esporádicas que a Biblioteca de Hogwarts tem quer nos livros

da saga, quer nos respetivos filmes, consideramos que ela facilmente cativa os leitores. Apesar de ser, já como a maioria das bibliotecas que vemos representadas na literatura para adultos, um lugar escuro e austero, de silêncio e guardado por uma bibliotecária rezingona, ela é também uma biblioteca mágica que qualquer leitor da saga, mesmo aqueles que não gostam assim tanto de bibliotecas, gostariam de visitar.

O conceito de espaço é definido em *Dicionário de Narratologia* como um *domínio específico da história* e uma *das mais importantes categorias da narrativa* (REIS, 1990:129). Os espaços de Rowling têm, como vimos, uma tendência inglesa e vitoriana e a Biblioteca de Hogwarts não é exceção. Também a penumbra em que este espaço literário muitas vezes se encontra não é caso único: o próprio castelo, o lago negro, a floresta proibida e os espaços onde circula Lord Voldemort mostram o mesmo aspeto. A biblioteca não é um espaço central nesta trama, fazendo parte de um espaço maior que é o Castelo de Hogwarts. É, ainda assim, um importante espaço físico e social nesta saga, tornando-se espaço de convívio e reunião das personagens principais. É, também, um espaço que não vemos alterar-se com o tempo, tal como o próprio Castelo de Hogwarts. O aspeto do cenário é o mesmo, no tempo de Harry, Ron e Hermione, do que nas memórias de Riddle, o jovem que viria a tornar-se Lord Voldemort anos mais tarde.

A bibliotecária: do valor ao preconceito

Ainda no *Dicionário de Narratologia*, Carlos Reis define personagem como uma *categoria fundamental da narrativa* (REIS, 1990:306) e cita como exemplo Flaubert, quando este afirma que ao escrever o envenenamento de Bovary, se sentiu ele próprio envenenado.

Difícilmente poderíamos ter uma imagem integral da biblioteca em Harry Potter, se não analisássemos a representação da figura da bibliotecária. E dificilmente podemos analisar a imagem da curiosa Madame Prince, sem analisarmos também a imagem que as pessoas reais têm das bibliotecárias e bibliotecários reais.

Na sua tese de mestrado de Educação e Bibliotecas da Universidade Portucalense *Óculos, coque e Shhh! Um olhar sobre a auto-imagem e o estereótipo do bibliotecário em Portugal*⁴, Silvia Isabel Pinto Cardoso refere que predomina *uma imagem feminina, de óculos, coque, roupa formal, com ar sério ou provocador, mas, sobretudo, caracterizada pela expressão onomatopaica “Shhh”*. (CARDOSO, 2014:5). A ideia de que as bibliotecas são continuamente vigiadas por uma velhota de coque no cabelo, saia de tweed e óculos na ponta do nariz, pronta a dizer “shh!” ao mínimo sinal de ruído, é ainda muito forte na cultura popular e, conseqüentemente, em objetos culturais consumidos pelas massas.

Em *Matilda* de Roald Dahl por exemplo, a bibliotecária Senhora Felpa é descrita como sendo muito alta, comparada a um abutre e ilustrada com os típicos óculos na ponta do nariz. Em *Sombra do Vento* o bibliotecário é um homem e não uma mulher, mas também ele é descrito como tendo *traços de ave de rapina e cabeleira prateada* (ZAFÓN, 2008:13); de Sónetchka, é dito que *de tanto estar vergada sobre a leitura, a Sónia ficou com o rabo do feitio da cadeira e com o nariz do feitio de uma pêra* (ULITSKAYA, 2007:7).

Menos frequente, mas ainda assim bastante comum, é a ideia de que as bibliotecas são vigiadas não por uma velhota de cabelo branco e saia de tweed, mas sim por uma jovem mulher voluptuosa, de saia curta, óculos, lábios pintados de vermelho e um rabo-de-cavalo ao alto. Esta imagem é obviamente predominante na literatura para adultos, no

4

<http://repositorio.uportu.pt/xmlui/bitstream/handle/11328/722/TMEB%2027.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

sentido de poder ter conteúdos que um público infantojuvenil não processará com a maturidade necessária, e contamos com exemplos como a bibliotecária de *A Bibliotecária* de Logan Belle.

Por sua vez, a bibliotecária da saga mágica de Harry Potter, que curiosamente em algumas traduções é chamada de Madame Prince (Príncipe) e noutros de Madame Pince (Alicate)⁵, é uma mulher feroz e austera, vítima de uma curiosa troca de nomes. Será ela a habitante de um afortunado palácio que é a biblioteca quando é apelidada de Prince? E quando se torna Pince? O que estará ela a segurar, apertar, torcer e cortar?

Em Harry Potter e a Câmara dos Segredos lemos sobre esta personagem:

Baixaram as vozes ao entrar na quietude abafada da biblioteca. Madam Prince, a bibliotecária, era uma mulher magra e irritável que parecia um abutre mal nutrido. (ROWLING, 2003:137)

A bibliotecária de Rowling é, desde o primeiro volume, descrita como uma mulher magra e irritável, semelhante a um abutre. Em *Harry Potter e o Príncipe Misterioso* encontramos uma das descrições mais completas:

Interrompeu-se; Harry também ouvira. Alguém se aproximara deles por entre as escuras estantes de livros. Esperaram, e instantes depois surgiu à esquina a figura de abutre de Madame Pince, as faces cavadas, a pele de pergaminho e o comprido nariz adunco cruelmente iluminados pelo candeeiro que empunhava.

- A biblioteca encerrou – informou ela. – Vejam lá se voltam a colocar o que tiraram no sítio cer... o que estiveste tu a fazer a esse livro, rapaz malvado?

-Não é da biblioteca, é meu! – apressou-se Harry a afirmar, tirando o seu

⁵ PEREIRA, Cláudia S., ZURBACH, Christine Zurbach, (2007). «Traduire ou ne pas traduire? Une question à propos de Harry Potter», *Atelier de Traduction, Pour une poétique de la traduction*. Numéro hors série. Centre de Recherche Inter Litteras, Université de Suceava - Roumanie. ISSN 1584-1804. pp. 73-82. Disponível em http://www.usv.ro/fisiere_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/arhive_full_text/Atelier_hors%20serie_Pour%20une%20poetique.pdf

exemplar de Preparação de Poções: Nível Avançado de cima da mesa, quando ela estendeu para ele a mão semelhante a uma garra.

- Espoliado! – sibilou ela. – Profanado! Maculado!

- É só um livro em que se escreveu! – repontou Harry, arrancando-lhe o exemplar da mão.

Madame Pince parecia prestes a ter um ataque. Hermione, que arrumara rapidamente as suas coisas, agarrou no braço de Harry e empurrou-o para fora. (ROWLING, 2003:249)

A biblioteca de Hogwarts é aqui ainda mais escura, ao ponto de a personagem da bibliotecária ter de empunhar um candeeiro. A bibliotecária, por sua vez, move-se quase silenciosamente por entre os corredores, pronta a apanhar em flagrante quaisquer transgressores.

A sua imagem física está longe de ser apelativa. Não deixa de ser curioso que, tal como acontece com a bibliotecária de Roald Dahl, seja feita uma comparação entre a personagem e um abutre, uma ave necrófaga de grande porte. Em *Matilda*, tal parece ser indicação de uma mulher fisicamente grande, porém Pince é magra, como um *abutre mal nutrido* (ROWLING, 2003:137).

Quando poisados, algumas espécies de abutres têm tendencialmente uma curvatura na zona das costas e início de pescoço que pode ser comparável a uma marreca, posição conhecida a quem “mergulha”, durante muito tempo, num livro poisado numa mesa. Madame Pince é tão semelhante a um abutre que até a sua mão é *semelhante a uma garra* (ROWLING, 2003:249). Para além disso, podemos dizer que os abutres são desajeitados: apesar de serem aves de rapina como as águias ou os falcões, os abutres não conseguem um voo ágil que lhes permita capturar animais vivos em fuga. São, por isso, aves necrófagas que se alimentam, quase exclusivamente, de animais mortos. Simbolicamente, o abutre é um animal ainda mais curioso: ao alimentar-se de animais mortos para continuar a viver, ele é tido como um regenerador, um conhecedor da vida e da morte. Diz-se, por vezes, que é de todos o animal mais rico, pois tem conhecimento do poder necessário para se triunfar sobre a morte. Parece-nos que a comparação de Madame Pince com um abutre será maioritariamente física, mas não discordamos da hipótese de ela apresentar um maior conhecimento da vida e da morte do que a maioria das outras personagens da saga, tendo à sua disponibilidade todos os segredos que a mágica

Biblioteca de Hogwarts encerra.

Mas a descrição física de Madame Pince não termina na referência ao abutre. Da segunda citação sabemos, também, que possui *faces cavadas, pele de pergaminho* e um *comprido nariz adunco cruelmente iluminados pelo candeeiro que empunhava* (ROWLING, 2003:249). A figura desta personagem que poderia ser amigável, mas não é, parece ser tão desagradável que vê-la iluminada por um candeeiro é “cruel”, pois torna-a ainda menos agradável à vista. As suas faces concavas lembram as de uma caveira e a evocação da morte surge de novo. Se comparada, a descrição da sua *pele de pergaminho* (ROWLING, 2003:249) parece-nos bastante menos surpreendente, porque é coerente com o ambiente que frequenta.

O pergaminho, material criado a partir de peles de animais e usado como suporte para a escrita antes da invenção do papel, era um material fino, macio e claro preferencialmente feito a partir de peles de jovens bezerros e cordeiros pois eram consideradas as melhores para a escrita. A cor da pele é também um cliché da imagem dos bibliotecários: a pele clara ou a palidez, consequência das muitas horas passadas nos corredores escuros de uma biblioteca e da falta de luz do sol. Mas é comum o uso da comparação da pele humana com o pergaminho para referir as rugas que, ao contrário do papel, a pele dos animais deixa, mesmo muito curtida e tratada, nos folios de um códice. Esta é uma possível referência à idade mais avançada da bibliotecária Madame Pince, de resto consentânea com a relação direta do Tempo com a Sabedoria.

Por fim, resta-nos o seu *comprido nariz adunco*, comprido e curvo, o género de nariz conhecido por se estar sempre a meter no meio das páginas dos livros. A descrição de Madame Pince é muito semelhante à da figura criada por Carl Spitzweg em *The Bookworm* (fig.5). Nesta pintura, o bibliotecário encontra-se no cimo de uma escada, rodeado de livros sob uma fraca iluminação, com o seu nariz adunco quase espetado no livro que lê, roupas pretas e andrajosas e uma ligeira marreca. Facilmente poderia ser também este verme *de biblioteca* comparado a um abutre, mantendo-se no campo dos necrófagos e jogando, por oposição, com a expressão “bichinho ou minhoca de biblioteca”, mais simpática e evocando um leitor que tem o vício, benigno, da leitura: “ter o bichinho”.

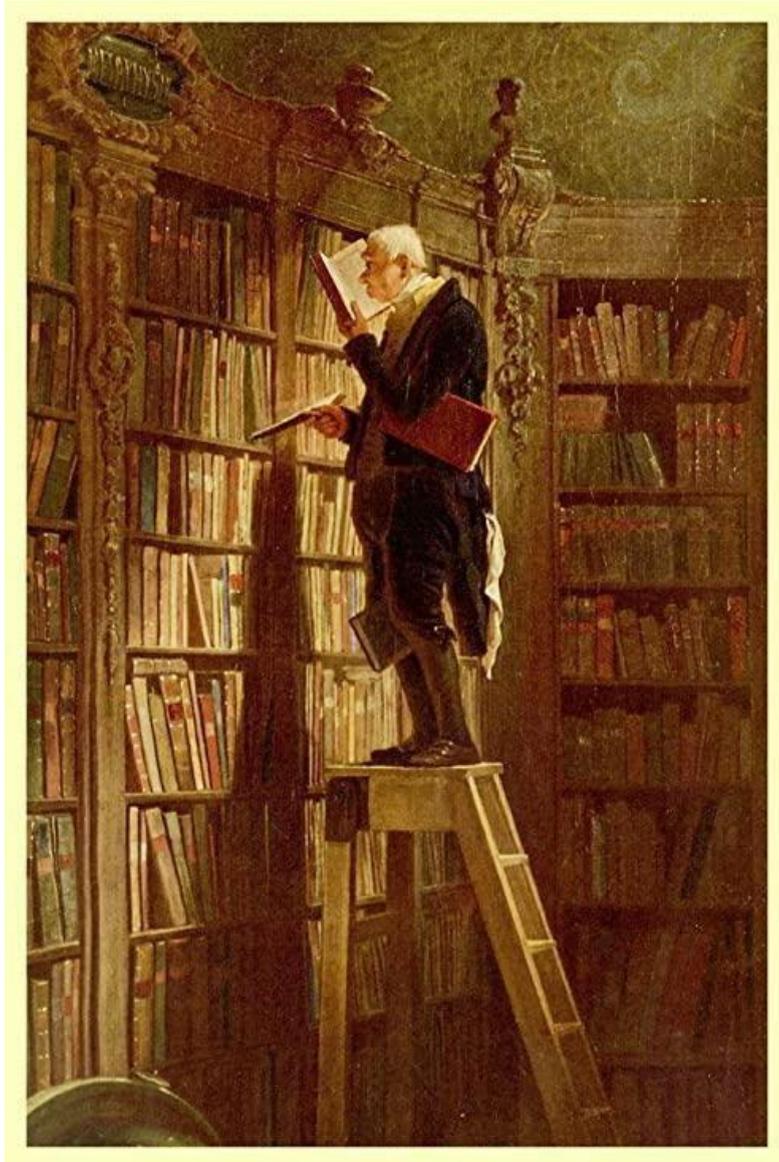


Figura 5
The Bookworm de Carl Spitzweg (Munique, 1808-1885)

A descrição física de Madame Pince que esta citação nos traz termina aqui, mas nem por isso esgotou as informações que temos de si. Conseguimos entender ainda mais sobre esta personagem no que se segue.

Em *Harry Potter e o Príncipe Misterioso*, na página 249, Pince começa por salientar que a biblioteca já está encerrada e prepara-se para ordenar a Harry e Hermione que voltem a pôr tudo nos sítios certos antes de saírem. Como é sabido, nas bibliotecas reais atuais os bibliotecários preferem o oposto: que os utilizadores deixem os livros que consultaram fora das estantes, para que possam ser eles a arrumá-los e não correr o risco de o utilizador o arrumar no sítio errado. Mas, mantendo a “suspensão da descrença” e,

ao mesmo tempo, jogando nós, bibliotecária e utilizadores frequentes de bibliotecas, com este conhecimento, acreditamos que Madame Pince terá certamente conhecimento suficiente das artes mágicas para conseguir encontrar um livro mal arrumado sem grande esforço.

Então, ela repara no livro de Harry, *Preparação de Poções: Nível Avançado*, antigamente pertencente ao Príncipe Meio Sangue. O livro, que Harry descobre por acaso e que se torna a base da trama deste sexto livro da saga, encontra-se todo rabiscado com anotações do Príncipe. E o que faz esta bibliotecária ao deparar-se com um livro rabiscado? Exaspera-se. Chega a ser descrita como estando *prestes a ter um ataque* (ROWLING, 2003:249). Esta reação diz-nos muito de Madame Pince enquanto bibliotecária e também enquanto leitora. Para ela, escrever num livro era quase um crime. Os adjetivos que a personagem emprega - espoliado, profanado e maculado - podem representar bastante bem o estado em que ela acha que o livro está, mas não são certamente as primeiras palavras que surgiriam à maioria das pessoas num momento de grande irritação. Madame Pince pode parecer um abutre, mas mostra um vocabulário alargado e consistente que habitualmente se vê empregue por leitores de obras de qualidade.

Como já foi dito, Madame Pince não surge muitas vezes ao longo das obras, mas conseguimos perceber facilmente que o pouco que é dito sobre esta personagem é suficiente para a conhecermos superficialmente e é funcional para o desenrolar da trama. Além do ataque que quase tem ao ver o *Livro de Poções do Príncipe Meio Sangue*, podemos vê-la a ameaçar Harry *com um espanador de penas* (ROWLING, 2003:166) quando, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, ele faz barulho na biblioteca. No fim da citação lemos ainda o aviso de Hermione: se Harry não tem cuidado, Pince proíbe-o de voltar à biblioteca

Numa das edições de *O Quidditch Através dos Tempos*, que analisamos brevemente mais à frente, enquanto epitexto⁶ ficcional do universo Harry Potter, contamos ainda com um aviso escrito por esta bibliotecária:

Aviso: Se rasgar, esfarrapar, espatifar, dobrar, enrolar, estragar, deformar, sujar, borrar, atirar fora, deixar cair ou, de qualquer outra forma,

⁶ Epitexto: o que se refere à obra mas é exterior a ela ('GENETTE, 1987: 10-11) in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/elementos-paratextuais-peritextuais-e-epitextuais/30075#> [consultado em 03-08-2022]

danificar, maltratar ou mostrar falta de respeito para com este livro, as consequências serão tão terríveis quanto estiver ao meu alcance.

Irma Pince, Bibliotecária de Hogwarts (ROWLING, 2002:1)

Mais uma vez, contamos aqui com informações extra dadas pelos livros secundários deste mundo mágico. Um excerto que, desta vez, apenas vem confirmar aquilo que já sabíamos: Madame Pince defende os livros da biblioteca de Hogwarts com unhas e dentes e quem fizer asneira está metido em apuros.

Já nas versões cinematográficas, Madame Pince aparece vestida de preto, com um comprido cabelo negro e de pele muito branca. A bibliotecária Pince da versão no cinema, revela um porte altivo, um ar austero e no filme de *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* podemos vê-la a “sobrevoar” os alunos que estudam, quase como um abutre sobrevoaria uma presa. Magra e sempre silenciosa, pode não parecer tão assustadora como a versão do papel, mas a sua pele poderia ser de pergaminho e tem, sem dúvida, um ar respeitável.



Figura 6
Madame Pince no filme *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*

Apesar de vermos a Biblioteca de Hogwarts logo em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*

e a continuarmos a ver nos livros seguintes, a bibliotecária apenas surge na biblioteca e na sala de estudo em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* e uma ou outra vez ao longo da saga fílmica sentada na mesa dos professores, durante as refeições. E mesmo aqui, só para os espectadores mais atentos: ela é uma personagem secundária, que anda pelo cenário, mas não fala nem age. A não ser que consideremos o seu pairar sobre os alunos, vigiando as suas ações e espreitando-lhes, por cima dos ombros, para verificar os seus estudos, como uma ação a ter em conta. Não nos parece, no entanto, que os estudantes a evitem, já que neste segundo filme da saga podemos vê-la numa das salas, a vigiar os estudos dos alunos, e reparamos numa aluna que se lhe dirige para mostrar o seu trabalho.

Apesar das descrições e momentos em que Madame Pince surge na história, não podemos negar que ela é uma personagem-figurante. A história correria de igual maneira se ela não estivesse lá. É também uma personagem plana, que se mantém estática (REIS, 1990: 315) ao longo dos livros: a sua figura de abutre, a sua ferocidade, a sua tez pálida e o andar silencioso entre os livros. Uma personagem-tipo, facilmente reconhecível, com descrições semelhantes em muitas outras obras literárias que em nada se relacionam com o mundo de Harry Potter, a Madame Pince que nos é apresentada não representa apenas uma mulher em si, mas toda a classe social dos bibliotecários, na forma estereotipada. É uma componente do espaço social que envolve Harry e as outras personagens, uma personagem-adereço cuja presença se torna importante no espaço que é a Biblioteca de Hogwarts, biblioteca essa que tem uma presença bem mais importante que a bibliotecária.

As personagens leitoras: de Hermione a Luna Lovegood

As personagens leitoras sempre fizeram parte dos textos narrativos, mas nem todas as personagens leitoras são iguais. Algumas, usam a leitura como um escape da realidade: Dom Quixote de La Mancha leu tantos livros de cavalaria que decidiu tornar-se ele próprio cavaleiro, mesmo que isso implicasse ter de lutar com moinhos de vento; Emma Bovary era tão apaixonada por romances que se desligava da vida real e familiar para os tentar recriar com amantes; Sónia de *Sónetchka* estava tão envolvida nas suas leituras que quando encontra o homem da sua vida não repara nele. Outras personagens, por sua vez, usam-na para melhor entender e lidar com a realidade: é assim com Matilda, de Roald Dahl, que aprende tudo através dos livros, com Tyrion Lannister, de George R. R. Martin, que usa a leitura para ganhar conhecimentos e assim compensar o nanismo que o impede de lutar; e é assim com algumas das personagens leitoras de Harry Potter.

A identificação leitor-personagem é um ponto fulcral em qualquer género de texto literário. Ele leva a uma maior relação de proximidade do leitor com o enredo, a uma maior envolvência. E isso tanto pode acontecer no caso de uma identificação leitor-personagem positiva, em que o leitor sente que poderia ser ele aquela personagem, como numa desafiante relação leitor-personagem em que o leitor nunca pensou ver-se naquela posição. Ambas são formas de identificação.

Em *A Infância é um Território Desconhecido* Helena Vasconcelos fala-nos das personagens crianças a partir de um interessante ponto de vista:

[...] é possível notar que existem dois tipos de escritores: os que inventam personagens de crianças, mantendo-se próximos da infância, aproveitando-se desse facto para voltar perpetuamente a ela, como é o caso de Lewis Carrol, J. M. Barrie, Mark Twain, Louisa May Alcott e mesmo Rowling e outro género, onde se incluem Thomas Mann, Golding, Nabokov e McEwan, autores que vêem as crianças como os adultos em que se vão tornar - elas são uma espécie de espelho de si próprias - e não acalentam quaisquer ilusões quanto à «pureza» e «beleza» da infância que eles sabem ser tão

efêmera como um sopro. (VASCONCELOS, 2008:309)

A autora refere-se a Rowling como fazendo parte do primeiro tipo de escritores: aqueles que escrevem sobre crianças que efetivamente se parecem com crianças. Em Harry Potter isso é visível ao longo de toda a saga. Mais do que isso, conseguimos perceber até o crescimento dessas personagens: nos primeiros três livros Harry, Ron e Hermione são claramente mais inexperientes do que nos livros seguintes, e os perigos que enfrentam menos perigosos que os perigos futuros.

No quarto livro vemo-los entrar na adolescência. É também aqui que vemos pela primeira vez adensar-se o perigo: Cedric morre, a primeira morte a que o leitor da saga “assiste”; e Lord Voldemort retorna à vida. No quinto livro repete-se a morte de uma personagem, mas desta vez é Sirius Black, alguém muito mais próximo de Harry, uma morte que o afeta de uma maneira muito mais profunda. Nos sexto e sétimo livros, com dezasseis e dezassete anos respetivamente, o trio de personagens está cada vez mais próximo da vida adulta – e da resolução da história. Podemos intuir que o crescimento destas personagens se pode ir mantendo, mais ou menos, a par com o crescimento dos leitores a que se destina, de forma a criar identificação.

No que respeita às leituras que as personagens de Harry Potter fazem, devemos considerar, antes de mais, que nem todas elas dizem respeito a livros. A primeira referência relativa a uma leitura situa-se logo no primeiro capítulo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*:

Só quando chegou à esquina teve o primeiro sinal de que algo estranho se passava – uma gata estudava um mapa. No primeiro segundo, o senhor Dursley não teve consciência do que vira – mas, depois, voltou a cabeça para olhar melhor. E lá estava a gata malhada, na esquina de Privet Drive, mas não havia mapa nenhum à vista. Onde diabo tinha ele a cabeça? É claro que tinha sido uma ilusão de óptica. O senhor Dursley piscou os olhos e fixou bem a gata. Ela olhou para ele. Quando o senhor Dursley virou a esquina para subir a rua, espreitou pelo retrovisor. A gata lia agora a tabuleta onde estava escrito «Privet Drive» - não, não lia, olhava, os gatos não podem ler mapas nem tabuletas. (ROWLING, 2003:10)

A gata *estudava um mapa e lia* a tabuleta de Privet Drive. E este foi, segundo a própria citação, *o primeiro sinal de que algo estranho se passava*. É o primeiro despertar para toda a história sobre magia que se segue, neste livro e nos seguintes: uma gata que lê.

Um pouco mais à frente, quando Harry tem idade para entrar na escola de Hogwarts, chega a carta que o informa disso. Carta essa que, rapidamente, é confiscada pelos tios, que não querem que ele se torne feiticeiro. As cartas não param de chegar, das formas mais estranhas possíveis, e os tios não param de as confiscar, chegando ao ponto em que têm de sair de casa. Aqui, a leitura é para Harry algo proibido: ele não pode ter acesso às cartas que lhe são dirigidas, porque a sua família *muggle*, ou não-mágica, não quer que ele conheça a verdade. A história da humanidade está repleta de situações semelhantes, em que certos regimes confiscam cartas e destroem documentos e livros para que não se conheçam as suas informações.

Ao longo de toda a saga, as personagens vão lendo tabuletas e avisos, mapas e cartas que, apesar de não serem o nosso foco, são importantes para o contexto da história. Elas apresentam-nos o mundo mágico, as personagens e a trama. E são um meio para que o leitor se sinta identificado – ou não – com determinada personagem.

Em *Como Ler Literatura*, de Terry Eagleton, lemos na página 104.

Grande parte da ficção realista convida o leitor a identificar-se com as suas personagens. É suposto sentirmos como é ser outra pessoa, ainda que não gostemos da ideia de efetivamente o sermos. Ao permitir-nos recrear, imaginariamente, a experiência de outros seres humanos, o romance realista alarga e aprofunda as nossas solidariedades humanas. (EAGLETON, 2021:104)

Da mesma forma, também as leituras que estas personagens fazem evoluem à medida que elas crescem. Vejamos o exemplo de Ron: em *Harry Potter e os Talismãs da Morte* ele conta como lhe liam *Os Contos de Beedle O Bardo* na sua infância, contos infantis para crianças feiticeiras. Em *Harry Potter e a Câmara do Segredos*, com cerca de 12 anos, ele está a ler a banda desenhada *Aventuras de Martin Miggs, o Muggle Louco*, tal como muitos adolescentes dessa idade lêem Tintim ou Astérix. Em *Harry Potter e a Ordem da Fénix*, quando Umbridge não lhes ensina o suficiente em Defesa Contra as Artes Negras, ele sugere irem *procurar feitiços à biblioteca e tentar praticar*

(ROWLING, 2003:282) e vemo-lo várias vezes a consultar livros de estudo, da biblioteca e até o *Quidditch Através dos Tempos*, embora o faça maioritariamente por necessidade e sem obter o prazer que Hermione tem na leitura. No último livro da saga, *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, Ron oferece a Harry um livro igual ao que tinha recebido de Fred e George:

- *Tens aqui o teu presente. Desembrulha-o aqui, que não é para os olhos da minha mãe.*

- *Um livro? – admirou-se Harry, ao receber o embrulho rectangular. – Foge um pouco ao que é costume, não é?*

- *Não é um livro qualquer – salientou Ron. – Trata-se dum verdadeiro tesouro: Doze Truques Infalíveis para Seduzir Feiticeiras. Explica-te tudo o que precisas de saber sobre as raparigas. Se eu já o tivesse descoberto no ano passado, teria sabido exactamente o que fazer para me livrar da Lavender e para atinar com... Bom, o Fred e o George ofereceram-me um exemplar, e tenho aprendido muito. Vais ficar surpreendido, não se trata apenas de uma questão de saber manusear a varinha. (ROWLING, 2007:101)*

Doze Truques Infalíveis para Seduzir Feiticeiras, um livro que Ron usa para conquistar Hermione quando se encontram já na maioridade. Um livro que também tem os seus semelhantes no nosso mundo real. É um livro de que Ron gostou tanto que resolveu oferecer outro igual ao melhor amigo, provavelmente sem imaginar que ele o pudesse usar para conquistar a própria irmã de Ron.

Devemos, ainda, considerar a forma como cada personagem tem as suas próprias leituras habituais, que a caracterizam. Hagrid, que adora as criaturas mágicas e em determinada fase ensina sobre elas, prefere livros sobre criaturas mágicas; Neville, que mais tarde virá a ser professor dessa disciplina, lê sobre herbologia enquanto aluno de Hogwarts; Harry, o *seeker*⁷ mais novo em cerca de um século, prefere ler sobre Quidditch;

⁷ Jogador mais importante da equipa de quidditch; o seu objetivo é encontrar e apanhar a Snitch, ganhando assim 150 pontos para a sua equipa. O jogo só termina quando um seeker apanhar a snitch.

Mrs. Weasley, dona de casa e mãe de sete filhos, tem a sua própria biblioteca particular com livros sobre culinária e as mais variadas lides domésticas. E essa linha abarca quer as personagens principais, quer aquelas que apenas conhecemos brevemente. Em *Harry Potter e o Príncipe Misterioso* iniciamos o livro com o primeiro-ministro dos Muggles:

Era quase meia-noite, e o Primeiro-Ministro estava sentado sozinho no seu gabinete, lendo um extenso memorando que se lhe ia varrendo do cérebro sem deixar atrás de si o mais pequeno vestígio de significado. (ROWLING, 2005:9)

Em seguida é explicado ao leitor porque não consegue o primeiro-ministro concentrar-se naquele memorando: uma série de desgraças têm vindo a acontecer. Ainda assim, o memorando é um fator de importância no que se refere à apresentação desta personagem. Ele é o primeiro-ministro, logo, ele lê memorandos.

Os livros são uma constante ao longo de toda a saga Harry Potter. Os alunos de Hogwarts leem, bem como as suas famílias: vemos isso com Mrs. Weasley por exemplo. Os professores de Hogwarts leem: os seus gabinetes e casas particulares têm sempre estantes de livros; até Kreacher, o elfo doméstico que Harry herda do seu padrinho Sirius, é descrito como tendo no seu esconderijo, um *ninho de velhos cobertores imundos* (ROWLING, 2007:164), um livro chamado *Raízes da Nobreza: Genealogia de Feiticeiros* (ROWLING, 2007:164). Neste caso em particular não sabemos se Kreacher de facto o lia, pois não nos é dada a informação se, enquanto criatura escrava de feiticeiros, saberia ler; ou se guarda o livro consigo apenas por conhecer o seu tema e ter por ele um apego especial.

No entanto, há personagens de Harry Potter que nunca leem livros: os Dursley, os odiosos familiares Muggles de Harry. Quando começam a chegar as cartas para Harry em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* os tios decidem que ele deve deixar de dormir na despensa debaixo das escadas e passar para o segundo quarto de Dudley. O novo espaço é descrito como um local onde tudo estava partido ou estragado, exceto as prateleiras que tinham os livros e que *eram as únicas coisas em todo o quarto que pareciam nunca ter sido tocadas* (ROWLING, 2003:38). Quando Harry visita pela primeira vez a Flourish and Blotts, a livraria onde os alunos de Hogwarts compram os seus livros, é dito que ali

até o Dudley, que nunca lia nada (ROWLING, 2003:72) teria querido ler.

Sabemos que a ideia da autora em relação aos Dursley é a não identificação leitor-personagem. Eles são a família não mágica de Harry, os familiares que nunca o tratam bem, o início da sua jornada de herói e o *mais normal que é possível ser-se* (ROWLING, 2003:9). São tudo o que os jovens leitores não querem para Harry nem para si. E eles não lêem, ao contrário de quem está a ler Harry Potter.

Depois, há as personagens que leem pouco, mas leem. Em PF percebemos um certo espanto da parte de Ron quando se depara com Hagrid na biblioteca. O leitor sabe, pouco depois, que ele procurava livros sobre dragões, para poder chocar e criar Norbert.

- Mas o que é que vais fazer com ele depois de o chocar? – perguntou Hermione.

- Bem, tenh'andado a ler – disse Hagrid, retirando um grande livro debaixo da almofada. – Trouxe este da biblioteca – Criação de Dragões para Prazer e Utilização -, 'tá um pouc' ultrapassado mas diz aqui tudo. Manter o ovo ao lume porque as mães respiram sobre eles, e quando o bebé dragão nascer alimente-o com um balde de brande misturado com sangue de galinha, de meia em meia hora. E aqui, 'tão a ver? é como se reconhecem os diferentes ovos. O qu' eu tenho é um dragão negro norueguês. São muito raros. (ROWLING, 2003:194)

É claro que dessa vez nem o livro o ajuda, pois quando Norbert começa a puxar fogo a tudo Hagrid acaba por ter de o enviar para outro sítio. Mas ver este meio-homem meio-gigante, o guarda dos campos de Hogwarts que nunca passou do terceiro ano da escola, a procurar um livro quando precisa é reconfortante. Quando Hagrid se torna ele próprio professor de Hogwarts opta por *O Monstruoso Livro dos Monstros* para a sua disciplina. E aqui, mais uma vez, percebemos o quanto as leituras e as escolhas literárias se adaptam a cada personagem. Em PA lemos

- Devíamos ter calculado! – resmungou o Ron, dando um soco na mesa. – Quem mais iria escolher um livro que morde? (ROWLING, 2002:79-80)

Hagrid está longe de ser caso único. Em CF ficamos a saber que o falso Moody emprestou a Neville Longbottom o livro *Plantas Mágicas Mediterrâneas e Suas Propriedades* pois

a herbologia era a sua disciplina preferida. Harry lê repetidas vezes ao longo da saga *O Quidditch Através dos Tempos*, um livro sobre o desporto dos feiticeiros, no qual ele se destaca e que considera *o melhor desporto do mundo* (ROWLING, 2003:22). Ficamos ainda a saber, em *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, que o livro *Uma História da Magia* de Bathilda Bagshot *não se encontrava entre aqueles que lera com mais atenção* (ROWLING, 2007:137)

Hermione, por sua vez, é a leitora mais voraz em toda esta história. Quando a vemos pela primeira vez, no expresso de Hogwarts a caminho do seu primeiro ela afirma, acerca de Harry:

- A sério? – disse Hermione – Sei tudo a teu respeito, é claro; tenho alguns livros suplementares para leitura de apoio que falam de ti, como por exemplo a História da Magia Moderna, Alvorada e Crepúsculo das Artes das trevas e Os Grandes Acontecimentos da Feitiçaria no Século Vinte.

- Falam de mim? – perguntou Harry, espantado.

- Meu Deus, não sabias? Eu, no teu lugar, teria tentado descobrir tudo.

(ROWLING, 2003:92)

É a primeira vez que Hermione aparece e ela, não só fala de livros, como tinha comprado mais livros do que aqueles que realmente eram necessários para o seu primeiro ano em Hogwarts, e até já os lera.

Ao longo dos anos seguintes Hermione foi lendo e encantando jovens leitores. Se Harry tem a sua cicatriz e Ron o seu cabelo ruivo, Hermione tem os seus livros. Mas Hermione é uma personagem complexa, uma personagem redonda, e há muito mais que se pode dizer sobre ela. Em *Dicionário de Narratologia* Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes dizem-nos que

uma personagem redonda reveste-se de complexidade suficiente para constituir uma personalidade bem vincada. Trata-se, neste caso, de uma entidade que quase sempre beneficia do relevo que a sua peculiaridade justifica: sendo normalmente uma figura de destaque no universo diegético.

(REIS, 1990:315)

No início da saga, a relação de Hermione com os livros e as leituras parece inabalável. Filha de Muggles, ela nunca tinha tido qualquer contacto com a magia e não sabia da existência do mundo da feitiçaria. E o que faz quando descobre? Lê todos os livros a que consegue deitar as mãos, para ficar a saber o mais possível. Quando questionada por ter consigo o enorme livro que contém as informações sobre Nicholas Flamel, afirma *Trouxe-o da biblioteca há umas semanas porque me pareceu uma coisa leve para ir lendo aos bocadinhos.* (ROWLING, 2003:183) Ao longo dos volumes da saga são vários os momentos em que Hermione, face a face com as maiores dificuldades, se refugia na leitura para encontrar a solução. Isso vê-se na procura de informações por Flamel, na abertura da Câmara dos Segredos e em várias outras situações, como a própria tarefa de destruição dos horcruxes, os objetos em que Voldemort guardou parte da sua alma. Hermione confia tanto nos livros, que se refugia neles até quando eles não a podem ajudar, como para a sua primeira aula de voo.

Hermione Granger estava quase tão nervosa com a ideia de voar como Neville. Tratava-se de uma coisa que não podia aprender-se, de cor, não que ela não tivesse tentado. Na quinta-feira, ao pequeno-almoço chateou-os mortalmente com as informações sobre voo que tinha conseguido obter num livro da biblioteca chamado O Quidditch através dos Tempos. O Neville bebia-lhe as palavras, tal era a sua ânsia de descobrir alguma coisa que o ajudasse a agarrar-se à vassoura, mas todos os outros sentiram um imenso alívio com a chegada do correio. (ROWLING, 2003:123)

Tal como Ron, também Hermione evolui como leitora, ao longo da história. É curioso ver como, no seu segundo ano, ela se encanta com os livros de Lockart tanto como qualquer outra jovem feiticeira. E é curioso ver Ron, habitualmente muito menos atento do que ela, chamar-lhe a atenção:

- Disparate – retorquiu Hermione. – Leste os livros dele. Vê só as coisas que ele já fez!

- Que diz que fez – contrariou-a Ron (ROWLING, 2002:89)

Com o decorrer da ação, Hermione vai lendo cada vez mais e o seu sentido crítico vai aumentando. A certa altura ela deixa de acreditar em tudo o que lê e passa a interpretar as informações muito mais atentamente. Apesar de tudo isso, os livros não são para

Hermione o objeto sagrado que seriam, por exemplo, para Madame Pince. Ela lê em busca de conhecimento, de informação, mas não venera o livro enquanto objeto. Prova disso é a forma como não teme rasgar e escrever neles, se preciso for, como faz em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* ao descobrir que a criatura dentro das paredes é um Basilisk: *Era uma página retirada de um livro muito antigo da biblioteca. Harry alisou-a ansiosamente e Ron inclinou-se para poder lê-la também.* (ROWLING, 2002:235)

Hermione arranca a página do livro onde conseguiu a informação, um *livro muito antigo da biblioteca* (ROWLING, 2002:235), para que, caso algo lhe aconteça, os amigos possam perceber qual é a criatura que percorre os corredores. Um método inteligente, mas que facilmente poria a bibliotecária de Hogwarts de cabelos em pé. Em TM, Hermione separa os livros que acha que podem vir a ser-lhes úteis e aqueles que vai deixar para trás. Apesar da pilha dos livros que vai levar ser a mais alta, não apresenta grandes hesitações. Chega mesmo a atirar o *Teoria Mágica Defensiva para o caixote do livro sem hesitar* (ROWLING, 2007:89), claramente devido às más recordações das aulas de Umbridge que tinha por hábito proibir o uso de magia nas suas aulas e aplicar dolorosos castigos físicos aos alunos.

Em TM, por outro lado, há um livro de que Hermione tem uma espécie de pavor, o *Segredos da Mais Negra Magia*:

Hermione vasculhou as pilhas e, passado um instante, retirou de uma delas um grande volume, encadernado a couro preto já gasto. Fez um ar levemente nauseado e segurou-o cuidadosamente como se fosse uma criatura que tivesse sido morta havia pouco tempo.

- Este é aquele que fornece instruções explícitas sobre como fazer um Horcrux. Segredos da Mais Negra Magia... é um livro horrível, mesmo medonho, cheio de feitiços maléficos. (ROWLING, 2007:92)

No terceiro livro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, Hermione ganha a liberdade de escolher as disciplinas que considera importantes para o seu futuro. E como leitora estudiosa que é, decide escolhê-las a todas. É então que recebe um viratempo, uma ampolheta mágica que lhe permite assistir a várias aulas que decorrem no mesmo horário. Mas até para Hermione essa tarefa se transforma numa tarefa hercúlea, ao ponto de, no

fim do seu terceiro ano, decidir desistir de algumas disciplinas. Nesta fase, Hermione não é apenas alguém que lê quando precisa. Ela está sempre com livros à sua volta, por vezes mais do que devia.

Todas as noites, sem falhar uma, lá estava ela a um canto da sala comum com os livros todos espalhados sobre as várias mesas. Aritmância, gráficos, dicionários de runas, diagramas de Muggles erguendo objectos pesados e filas e filas de notas. Mal falava com quem quer que fosse e respondia agastada quando a interrompiam. (ROWLING, 2002:195)

Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban é, provavelmente, o livro da saga em que os livros e a biblioteca desempenham um papel mais pequeno. Aqui, mais do que nos outros livros, eles são algo de secundário, porque a trama se desenrola em torno da vida e da família de Harry e não é relativa a algo que eles precisem de pesquisar. No entanto, continuam presentes, ainda que sejam menos relevantes.

Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, Hermione passa horas infintas na biblioteca em busca de meios para Harry sobreviver ao Torneio dos Três Feiticeiros. Mas aqui vemos, nela e nos outros, uma drástica mudança: a adolescência, a idade das crises de identidade, das discussões e dos primeiros amores. E Hermione, entre as indecisões de Ron, acaba por encontrar o seu primeiro amor na biblioteca, entre as páginas de um livro: Viktor Krum.

- Suponho que te pediu para vires com ele quando estavam ambos na biblioteca?

- Sim, por acaso foi – respondeu Hermione, com as rosetas do rosto ainda mais coradas. – E depois?

- Como é que foi... tentaste que ele se inscrevesse nessa coisa da baba?

- Não, não foi! Se queres mesmo saber, ele... ele disse que ia todos os dias à biblioteca para tentar falar-me, mas não tinha conseguido arranjar coragem! (ROWLING, 2003:344)

Em *Harry Potter e a Ordem de Fénix* esta personagem leitora decide finalmente que precisam de algo mais que os livros e cria o Exército de Dumbledore para que possam aprender magia defensiva fora das aulas inúteis da professora Umbridge.

Quando chega a altura de Harry, Ron e Hermione partirem e irem à procura dos Talismãs da Morte, Hermione arranja forma de levar consigo tudo o que acha que vão precisar. E, claro, inclui aí várias pilhas de livros. Ron chega mesmo a afirmar que vão à *caça do Voldemort instalados numa biblioteca móvel* (ROWLING, 2007:86). Nesta parte da saga, em particular, é curioso ver a relação que Hermione desenvolve com o livro *Os Contos de Beedle, o Bardo*, que Dumbledore lhe deixa em testamento. Em primeiro lugar, esta é a primeira vez que Ron conhece um livro que Hermione não conhece.

- E quanto a este livro – afirmou Hermione -, Os Contos de Beedle, O Bardo... eu nem nunca tinha ouvido falar dele!

- Tu nunca tinhas ouvido falar d'Os Contos de Beedle, o Bardo? – retorquiu Ron com ar incrédulo. – Estás a brincar comigo, não estás?

- Não, a sério! – exclamou Hermione, surpreendida. – Porquê, tu já tinhas?

- É claro que sim!

Harry ficou a olhar para eles, divertido. A circunstância de Ron ter lido um livro de que Hermione nunca ouvira falar não tinha precedentes. Ron, todavia, não estava a ver motivo para tanta surpresa.

- Oh, vá lá! Todas as velhas histórias infantis foram supostamente escritas pelo Beedle, não é? A Fonte do Justo Merecimento... O Feiticeiro e o Caldeirão Saltitante... A Coelhoha Babita e a sua Varinha Tagarela... (ROWLING, 2007:118 119)

Hermione estuda durante meses o livro que herda de Dumbledore. No entanto, quando Lovegood lhes explica a teoria dos Talismãs da Morte, ela não acredita, pois acha que é impossível que uma história infantil seja real, que alguém se tenha cruzado com a própria Morte e falado com ela, e que os talismãs existam. Hermione considera, ainda, que os talismãs os vão desviar do seu objetivo real: a procura por horcruxes. Ron, que normalmente é mais crente que ela, também não acredita: para ele, *Os Contos de Beedle*,

o *Bardo*, não passam de histórias infantis. Apenas Harry, que não fora criado a ouvir aqueles contos e não possuiu a mente teórica de Hermione, crê. E é também ele quem acaba por se tornar dono dos três talismãs.

Hermione nunca se afasta totalmente dos livros e das leituras. É uma personagem leitora quando começamos a ler *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e continua a lê-lo até ao fim de *Harry Potter e os Talismãs da Morte*. No entanto, a evolução desta menina dos livros é inequívoca. Ela cresce, torna-se adulta e deixa de viver apenas no mundo da leitura para viver no mundo real e enfrentar perigos reais. Será certamente assim que muitas das jovens leitoras desta saga, que começam a ler a Hermione quando elas próprias têm onze anos e terminam já jovens adultas, se sentem. E esse é um dos pontos fundamentais da identificação leitor com personagem que a saga Harry Potter nos traz: as personagens crescem ao mesmo tempo e no mesmo ritmo dos leitores.

Mas, como dizíamos, Hermione está longe de ser a única personagem leitora da saga. Em *Harry Potter* a leitura é algo que atravessa toda a história e todas as personagens, uma leitura democratizada, acessível, que tanto serve para o bem como para o mal e que se adapta à personalidade de cada personagem.

Ron é uma personagem que, apesar de ler os livros escolares e de procurar informações nos livros com Harry e Hermione sempre que é preciso, não tem a forte veia leitora de Hermione. As suas únicas leituras por prazer parecem ser obras como a banda desenhada *Aventuras de Martin Miggs*, *o Muggle Louco* e *o Doze Truques Infalíveis para Seduzir Feiticeiras*. Na verdade, Ron parece ter problemas até com alguns dos seus livros escolares, como vemos em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, na aula de Adivinhação:

– Bem, tu tens uma espécie de cruz pouco firme – afirmou consultando o livro Aclarando o Futuro -, quer dizer que vais ter experiências e sofrimento, desculpa lá, mas h´aqui uma coisa que podia ser o sol. Espera, isto significa grande felicidade. Quer dizer que vais sofrer mas vais ter uma grande felicidade... (ROWLING, 2002:89)

Harry também não é uma personagem tão leitora como Hermione, mas vemo-lo a ler por prazer mais vezes do que a Ron, sobretudo obras relacionadas com Quidditch. Por

outro lado, é de salientar a maneira como os seus tios Dursley parecem crer que separar Harry dos seus próprios livros escolares vai afastá-lo da magia, o que não deixa de ser bem possível: porque ler ensina e, no mundo de Harry, a magia prende-se a ser bem aplicada.

Harry Potter era um rapazinho muito pouco vulgar. Por um lado, a época do ano que mais detestava era a das férias de Verão. Por outro, queria muito fazer os trabalhos de casa, mas via-se obrigado a fazê-los às escondidas, na calada da noite. Além disso, Harry Potter era um feiticeiro.

Era quase meia-noite e ele estava deitado de costas, na cama, com os cobertores a taparem-lhe a cabeça formando uma espécie de tenda, uma lâmpada na mão e um enorme livro com encadernação de cabedal (A História da Magia, de Adalbert Waffling) apoiado contra a almofada. (ROWLING, 2002:9)

No excerto podemos perceber que Harry Potter era um rapaz *muito pouco vulgar*, por um lado porque era um feiticeiro e, por outro, porque queria estudar e fazer os trabalhos de casa mas não o deixavam. Provavelmente, muitos jovens leitores vão concordar com este excerto: afinal, o mais normal é não quererem fazer os trabalhos de casa, mas serem obrigados a isso. Ainda na mesma obra, ficamos a saber que *Esta separação dos livros de encantamentos constituía um verdadeiro problema para Harry, porque os professores de Hogwarts tinham-lhe passado uma grande quantidade de trabalhos para fazer nas férias.* (ROWLING, 2002:10)

Harry, tal como Hermione (e em grande parte Ron), também parece crer que os livros trazem soluções para todos os seus problemas. Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* ele chega a passar noites inteiras acordado, a procurar maneiras de enfrentar os desafios do torneio dos três feiticeiros.

- Lumos – sussurrou Harry quinze minutos mais tarde, ao abrir a porta da biblioteca.

Com a ponta da varinha acesa, deslizou por entre as prateleiras, tirando

mais livros – livros de feitiços e encantamentos, livros sobre sereias e monstros marinhos, livros sobre feiticeiros e bruxos famosos, sobre invenções mágicas, sobre tudo o que pudesse incluir uma referência por mais ligeira que fosse à sobrevivência debaixo de água. Levou-os para uma mesa e lançou-se ao trabalho, lendo-os à luz, fraca da sua varinha e olhando de vez em quando para o relógio...

Uma da manhã... duas da manhã... a única forma de poder prosseguir era repetir para si próprio sem cessar No próximo livro... no próximo... no outro... (ROWLING, 2003:398)

Outra personagem leitora que vale a pena analisar é Luna Lovegood. Considerada por muitos como a aluna louca, Luna é, sem dúvida, uma rapariga invulgar, que gosta de acreditar em criaturas e teorias em que a maioria dos feiticeiros não acredita. Muitos nunca ouviram sequer falar sobre as coisas de que ela fala. O pai é o editor da revista *Voz Delirante*, que nas primeiras vezes em que é mencionada é referida como uma revista pouco credível, até mesmo algo lunática. Nos últimos livros da saga, no entanto, a *Voz Delirante* torna-se o órgão de comunicação social que realmente defende Harry e Dumbledore e que conta a verdade sobre o regresso de Lord Voldemort. Luna surge nos textos e nos filmes por diversas vezes com um exemplar da *Voz Delirante* nas mãos, quase como se fosse uma imagem de marca. Numa dessas vezes, está até a ler a revista de cabeça para baixo, o que não nos impede de pensarmos que, afinal, Luna não será assim tão influenciada pelos disparates do pasquim.

Seria de esperar que Dumbledore, o homem mais sábio de toda a saga, fosse também descrito como um leitor. No entanto, não o vemos em nenhum momento da história a pegar num livro e ler. Sabemos que existem livros no seu gabinete, pelos descrições dos livros e pelos cenários dos filmes; e sabemos que tem livros pessoais, considerando que deixa o seu exemplar (uma edição original) de *Os Contos de Beedle, O Bardo* a Hermione, em testamento. Mas o ato de ler parece não combinar com Dumbledore ou ser tão rotineiro que não vale a pena mostrá-lo aos leitores da saga. Quando Fred e George entregam o mapa do Salteador a Harry e ele repara em Dumbledore, os gémeos dizem-lhe que é comum Dumbledore passar horas a andar para cá e para lá no seu gabinete. A andar, não a ler. Dumbledore leu tanto que já só lê o mundo, fazendo de memória as ligações necessárias com o conhecimento dos livros. Como quem joga xadrez sem precisar de estar

em frente de um tabuleiro.

O livro: símbolo, matéria e ferramenta de magia

Ter o hábito da leitura não é só ter uma forma melhor de passar o tempo. A leitura estimula a criatividade, aumenta o nosso vocabulário e conhecimento no geral. Ler ajuda-nos a desenvolver a capacidade crítica e de encadeamento de ideias, torna-nos mais empáticos e compreensivos e melhora a nossa capacidade de escrita, bem como de concentração e de memorização.

O livro é, por conseguinte, um dos objetos mais notáveis da história humana. Irene Vallejo diz em *O Infinito num Junco*:

A invenção dos livros foi talvez o maior triunfo da nossa tenaz luta contra a destruição. Confiámos aos juncos, à pele, aos farrapos, às árvores e à luz a sabedoria que não estávamos dispostos a perder. Com a sua ajuda, a humanidade viveu uma fabulosa aceleração da História, do desenvolvimento e do progresso. A gramática partilhada que os nossos mitos e os nossos conhecimentos nos proporcionaram multiplica as nossas capacidades de cooperação, unindo leitores de diferentes partes do mundo e de gerações sucessivas ao longo dos séculos. (VALLEJO, 2022:398)

Os livros enquanto objeto narrativo não são uma ideia recente. No texto *European literature and the latin middle age*, de Curtius, lemos que esse uso foi originalmente criado pela igreja e pelos padres nos seus púlpitos, ao referirem-se ao Livro da Natureza. Segundo a Bíblia, a Natureza seria o livro através do qual podemos observar os reais dons de Deus enquanto criador. Através da imensidão dos oceanos, da observação das estrelas e dos planetas no céu, das criaturas vivas que existem e dos grandes rios e cascatas, um bom leitor seria facilmente capaz de ler a existência de um criador transcendental pois mais nada poderia ter dado origem a tais milagres. Entretanto, com a passagem do tempo

e a evolução do pensamento, o conceito de mundo e de natureza como livros acabou por se vulgarizar.

Nicolau de Cusa, por sua vez, defendia que alguns santos consideraram o mundo como um livro escrito. Este autor considera que o mundo é a "*manifestação da palavra interior*" e que por isso as coisas dos sentidos também devem ser consideradas como "*livros*" através dos quais Deus nos instrui. A mente humana também é muitas vezes considerada como um livro.

Para Paracelso, médico, alquimista e filósofo que revolucionou a medicina da sua época, *The physician's book must be the sick* (CURTIUS, 1990:322), ou seja, o livro do médico deve ser o doente e a natureza é ela própria um conjunto de perfeitos livros inteiros.

Também Montaigne, Francis Bacon e Descartes usaram o livro como metáfora nos seus escritos. Voltaire, mais recentemente, defendia que : *Rien n'est plus heureux qu'un philosophe qui lit dans ce grand livre que Dieu a mis so us nos yeux ...* (Curtius, p. 324)

Na obra de Dante, um dos mais importantes escritores do humanismo renascentista, vemos várias referências ao estudo, aos estudantes e à vida académica. Com uma obra repleta de símiles sobre o assunto, o autor da *Divina Comédia*, reconhecia o óbvio valor do estudo e dos estudantes, ao ponto de tornar a personagem principal da Divina Comédia também uma espécie de estudante, cujos professores eram Virgílio e Beatriz. Dante dirige-se diversas vezes diretamente ao leitor e desafia-o a pensar, o que mostra o quanto reconhecia a importância do pensamento e da leitura. Para o autor, a ignorância e a má leitura poderiam originar más ações. Em Dante vemos a metáfora que se refere ao Livro da Memória, do qual os poetas copiam os seus poemas. Por último, em Dante o Livro é a Divindade – representa a salvação.

Em William Shakespeare algumas obras também nos apresentam a imagem do livro. Num poema em que homenageia Mary Tudor, o autor afirma que a sua beleza é o único livro que quer ler. Muitos outros poetas também falaram já sobre “ler a beleza” de uma mulher. Da mesma forma, também na peça de Shakespeare *Titus Andronicus* a dor é algo “que se escreve” e a natureza é, frequentemente, algo que se lê.

Podemos afirmar que a imagem de Dante e de Shakespeare dos livros é significativamente diferente. Para Dante, livros eram algo para elevar a alma e aumentar o conhecimento, uma forma de evolução. Para Shakespeare são mais habitualmente

usados como um objeto estético, ao serem comparados à beleza feminina ou ao serem referidos pelas suas belas encadernações.

Na LIJ moderna e contemporânea, como já referimos, os livros também não faltam enquanto tema. Algumas personagens são como Matilda de Roald Dahl, a menina inteligente viciada em livros. Outras, como o Lobo de Orianne Lallemand ou o Menino de Susanna Tamaro, começam a história sem gostarem nada de livros e leituras, mas terminam leitores. Para Ralfy de Emily Mackenzie os livros eram tão importantes que ele não resistia a roubá-los para si. Diferentes perspectivas para um mesmo objetivo: a criação de hábitos de leitura nas crianças e jovens.

Uma das primeiras vezes em que se fala de livros na saga que estudámos é quando Harry e Hagrid se dirigem à livraria mágica Flourish and Blotts para comprar os livros do primeiro ano de Harry em Hogwarts.

Compraram os livros escolares para Harry numa livraria chamada Flourish and Blotts (Brilhos e Manchas), onde as prateleiras estavam cheias até ao tecto com livros tão grandes como lajes de pedra, outros do tamanho de selos de correio, com capas de seda, livros cheios de símbolos peculiares e alguns sem nada escrito. Até o Dudley, que nunca lia nada, teria gostado de deitar a mão a alguns deles. (ROWLING, 2003:72)

E como são esses livros? Na citação podemos perceber que, tal como no nosso mundo, eles são de todas as formas e feitios: *livros tão grandes como lajes de pedra*, como os antigos livros de coro das igrejas; e *outros do tamanho de selos do correio* como os livros miniatura. Outro aspecto a referir sobre os livros de Harry Potter é que, tal como as fotografias, eles têm movimento, o que dá bonitas cenas reescritas na tela do cinema.

Harry aproximou-se do livro, pegou nele e viu um dos feiticeiros marcar um golo espectacular, enfiando a bola na argola de um poste de marcação de dezasseis metros de altura. Em seguida, fechou o livro. Nem mesmo o Quidditch, na opinião de Harry, o melhor desporto do mundo, conseguia distraí-lo naquele momento. Colocou o livro Voando com os Cannons na

mesinha-de-cabeceira, foi até à janela e abriu as cortinas para observar a rua. (ROWLING, 2003:22)

Por vezes, em *Harry Potter*, os livros são um objeto de pouco valor, quase descartável, o mais banais possível. A família Weasley conta na sua biblioteca pessoal com títulos como *Encanta o teu próprio queijo*, *Encantamento na cozedura do pão e Banquetes num minuto – é mágico!* (ROWLING, 2002:34), *Guia de Gilderoy Lockhart para pragas caseiras* (ROWLING, 2002:36), e até uma banda desenhada intitulada *Aventuras de Martin Miggs, o Muggle louco.* (ROWLING, 2002:40). Feitos à medida às coleções particulares de livros do nosso mundo, que também são muitas vezes variadas e com livros banais: desde a banda desenhada, aos livros de receitas e de medicina familiar, por exemplo.

Em *Harry Potter e o Príncipe Misterioso*, após Hermione ser atacada por uma das invenções de Fred e George, Mrs Weasley recorre a um dos seus livros para a tentar ajudar, sem grande sucesso:

-Está difícil de sair – ia dizendo Mrs. Weasley ansiosamente ao lado de Hermione com a varinha em punho e um exemplar de O Ajudante de Curandeiro aberto em «Nódoas Negras, Cortes e Esfoladelas». – Isto tem sempre dado resultado, não percebo. (ROWLING, 2005:88)

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o Professor Flitwich é descrito como um homem tão pequeno que *tinha de subir para uma pilha de livros de modo a conseguir espreitar por cima da secretária* (ROWLING, 2003:114). Para Flitwich os livros ajudam-no de facto a ver mais além, tornando-o mais alto, no sentido literal e com efeito cómico. Mais à frente Dumbledore fala dos presentes de Natal referindo que: *-Peúgas quentinhas é uma coisa que faz imensa falta. Passou mais um Natal e ninguém me ofereceu um único par. Toda a gente insiste em oferecer-me livros.* (ROWLING, 2003:178). Para Dumbledore os livros são algo tão comum que ele preferia receber meias.

Em *PM*, quando Slughorn tenta simular um ataque para se esconder de Dumbledore e Harry, nem os livros escapam

A mobília regressou a voar ao seu lugar original; os ornamentos

recompuseram-se no ar; as penas voltaram rapidamente para dentro das respectivas almofadas; os livros rasgados consertavam-se à medida que iam aterrando nas prateleiras; os candeeiros a óleo subiam a voar até às mesinhas de apoio e tornavam a acender-se; uma vasta coleção de molduras de prata com o vidro despedaçado voou através da sala a reluzir e aterrou, incólume e imaculada, na secretária; rasgões fendas e buracos suturavam-se por todo o lado; e as paredes limpavam-se sozinhas. (ROWLING, 2005:60)

Com Gilderoy Lockhart, em CS, pelo contrário, a autora traz-nos um outro ponto de vista sobre o meio literário. Aqui os livros de não-ficção são de veracidade duvidosa: Lockhart é um escritor bem-sucedido, admirado por muitos dos seus leitores pelos feitos que conta ter feito, nos seus livros. Acontece que, mais à frente na história, percebemos que os seus feitos não passam de mentiras. E J. K. Rowling não se limita a falar de livros de veracidade duvidosa através desta personagem; ela fala também de preconceitos literários.

Fez-se silêncio durante alguns momentos, enquanto lia as respectivas cartas. A do Harry dizia para apanhar o Expresso de Hogwarts, como sempre na Estação de King's Cross, no dia 1 de Setembro. Havia ainda uma lista dos livros de que precisaria para o próximo ano.

Os alunos do segundo ano deverão ter:

O Livro Padrão de Feitiços, Nível 2, por Miranda Goshawk

Ensinamentos de Uma Fada Carpideira, por Gilderoy Lockhart.

Vagueando com Vampiros, por Gilderoy Lockhart.

Férias com Feiticeiras, por Gilderoy Lockhart.

Viagens com Duendes, por Gilderoy Lockhart.

Viagens com Vampiros, por Gilderoy Lockhart.

Vagueando com Lobisomens, por Gilderoy Lockhart.

Um Ano com o Abominável Homem das Neves, por Gilderoy Lockhart.

Fred, que terminara a sua própria lista, espreitou para a do Harry.

- Também te mandam comprar os livros do Lockhart – disse – A professora de Defesa Contra as Artes Negras deve ser fanática. Aposto que é uma bruxa.
(ROWLING, 2002:42)

Ao perceber os livros de Lockhart na lista, Fred achou que o novo docente seria uma professora. Afinal, que feiticeiro homem iria escolher estes livros? Por um lado, isto diz-nos algo sobre o sentido crítico de Fred: ele não confia nos livros de Lockhart, nem na palavra do seu autor, e considera que apenas as mulheres feiticeiras confiariam, possivelmente pela boa aparência do autor. Lockhart, poderíamos dizer, é no mundo dos feiticeiros um autor bestseller. Tal como, ironicamente, a própria Rowling se haveria de tornar.

A diversidade dos livros em Harry Potter não se fica por aí. Um dos mais marcantes para os jovens leitores é *O Monstruoso Livro dos Monstros*, um livro tão feroz que é preciso mantê-lo fechado numa gaiola.

Harry ficou muito espantado quando viu a montra da livraria. Em vez da exposição habitual de livros de encantamentos com as suas encadernações douradas do tamanho de ladrilhos, via-se uma grande gaiola de ferro que tinha dentro cerca de cem exemplares de O Monstruoso Livro dos Monstros. Páginas arrancadas esvoaçavam por todo o lado enquanto os livros lutavam uns com os outros, todos eles fechados numa furiosa competição, mordendo-se agressivamente. (ROWLING, 2002:47)

Em *A Pedra Filosofal*, a primeira visita noturna de Harry à biblioteca dá-nos a conhecer um livro que ao ser aberto soltou *um grito agudo de sangue coalhado* (ROWLING, 2003:173). É-nos apresentado, também, o *Moste Potente Potions*, um livro com receitas de poções que fazem um homem ser *virado do avesso* (ROWLING, 2002:137) e uma feiticeira ter *vários pares de braços suplementares a nascerem-lhe na cabeça*. (ROWLING, 2002:137)

Em *Prisioneiro de Azkaban* fala-se sobre *O Invisível Livro da Invisibilidade* que o vendedor da Flourish and Bloots nunca conseguiu encontrar (ROWLING, 2002:48) e em

Câmara dos Segredos Ron fala sobre o livro que *queimava os olhos às pessoas* (ROWLING, 2002:188-189), sobre o *Sonetos de um Feiticeiro* (ROWLING, 2002:189), que deixava todos os que o liam a *falar em verso para o resto da vida* (ROWLING, 2002:189) e afirma ainda que *Havia também uma feiticeira em Bath que tinha um livro que quem o lesse nunca mais conseguia parar* (ROWLING, 2002:189).

Simbolicamente, um livro é um objeto relacionado com a sabedoria. Um livro ensina, esclarece e guarda o ensinamento para as gerações futuras. Em Harry Potter isso é bastante evidente na forma como Harry, Ron e Hermione procuram desenfreadamente informações importantes quando precisam delas como a busca pela identidade de Nicholas Flamel:

Hermione reuniu uma lista de assuntos e títulos sobre os quais decidira pesquisar, enquanto o Ron, na tentativa de fazer qualquer descoberta, deitava abaixo uma pilha de livros colocando-os ao acaso nas prateleiras. Harry andava à volta da secção dos reservados. Não lhe saía da cabeça a ideia de que o Flamel devia ser mencionado num deles. Infelizmente, era preciso uma autorização especial, assinada por um dos professores, para consultar os livros dos reservados e ele sabia que nunca conseguiria obtê-la.(ROWLING, 2003:166)

Em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* é através dos livros que Hermione descobre como fazer a poção polissuco, que lê sobre a história da primeira abertura da Câmara e que descobre que a criatura nas paredes é um Basilisk. No quarto livro da saga, a procura desenfreada por informações nos livros repete-se, desta vez para ajudar Harry a vencer os desafios do torneio dos três feiticeiros:

Deram três voltas ao lago, tentando lembrar-se de um feitiço simples que conseguisse dominar um dragão. Não lhes ocorreu absolutamente nada e, portanto, foram para a biblioteca. Aí, Harry foi buscar todos os livros sobre dragões de que se conseguiu lembrar e ambos se deitaram ao trabalho, procurando na enorme pilha.

- Corte de garras através de feitiços... Como tratar doenças das escamas... isto não serve para nada, é para tarados como Hagrid, que os

querem manter de boa saúde...

- É extremamente difícil matar dragões, devido à antiquíssima magia que embebe as suas espessas peles, que só podem ser penetradas pelos mais poderosos feitiços... mas Sirius disse que bastava um feitiço simples...

- Então, vamos tentar livros sobre feitiços simples – disse Harry, pondo de lado o exemplar de Homens Que Amam Demasiado os Dragões. Voltou para a mesa com um monte de livros de feitiços, pousou-os e começou folhear um de cada vez, com Hermione ao lado, que não parava de murmurar. (ROWLING, 2003:276 e 277)

Um dos livros mais vezes mencionados em Harry Potter é *Hogwarts: uma história de Bathilda Bagshot*. É nele que os alunos encontram informações sobre a abertura anterior da Câmara dos Segredos, sobre os fundadores e diretores de Hogwarts e até mesmo sobre o porquê de os rapazes não poderem ir aos dormitórios das raparigas. Hermione revela-se particularmente fã deste livro e cita-o por diversas vezes. A primeira ocorre logo na sua entrada em Hogwarts em Pedra Filosofal:

A fim de evitar todos aqueles olhares fixos, Harry olhou para cima e viu um tecto preto aveludado salpicado de estrelas. Ouviu Hermione murmurar: «É pura magia para parecer o céu lá de fora, li sobre isso n' A História de Hogwarts (ROWLING, 2003:100)

Os livros são o símbolo da liberdade de conhecimento, tantas vezes negada a Harry, Ron e Hermione por serem considerados demasiado novos, pois permitem-lhes, ainda assim, obter as informações de que precisam; mas Rowling, na criação deste universo ficcional, não se limita a falar desse aspecto simbólico do livro enquanto objeto de sabedoria. Outro aspeto sobre o qual vale a pena refletir no que toca aos livros em Harry Potter é a relação que cada professor tem com eles nas suas aulas. O exemplo mais óbvio é o de Dolores Umbridge:

Durante alguns minutos, a sala encheu-se com o ruído das penas a

arranhar o pergaminho. Quando todos acabaram de copiar os três objectivos do curso da Professora Umbridge, ela perguntou-lhes: - Todos têm um exemplar da Teoria da Magia Defensiva de Wilbert Slinkhard?

Um desanimado murmúrio de anuência percorreu a aula.

- Acho que vamos tentar outra vez – disse a Professora Umbridge. – Quando eu vos faço uma pergunta, gostaria que respondessem, «Sim, Professora Umbridge», ou «Não, Professora Umbridge». Portanto, todos têm um exemplar da Teoria da Magia Defensiva de Wilbert Slinkhard?

- Sim, Professora Umbridge – ressoou na sala.

- Bom – disse a Professora Umbridge. – agradeço que o abram na página cinco e leiam o «Capítulo Um, Dados Básicos para Principiantes». Não será necessário falar. (ROWLING, 2003:209)

Quando Umbridge se torna professora de Defesa Contra as Artes das Trevas, após o regresso de Voldemort, proíbe toda a prática de magia nas suas aulas, e nega veementemente a situação perigosa em que todos se encontram. Ali, os alunos apenas se sentam e leem o livro que a professora escolheu para a disciplina. Isso, em conjunto com os agressivos castigos que pratica, tornam-na num dos docentes mais odiados de toda a saga. Em comparação, vemos Remus Lupin, professor da mesma disciplina no terceiro livro, que tinha por hábito que todas as suas aulas fossem práticas e se tornou num dos professores mais populares para os alunos de Hogwarts. Hagrid, que tem pouca noção do perigo que as criaturas mágicas podem representar, escolhe para os seus alunos um livro que morde; Lockhart, que gosta de fama e aplausos, escreve os seus próprios livros, para se vangloriar, e torna-os a todos leitura obrigatória na sua disciplina.

Alguns livros na saga são adereços secundários: são os livros lidos nas aulas, os livros escritos por Lockhart, os livros que estão nas estantes e nas prateleiras, que não alteram o desfecho da história. Outros há, no entanto, que são objetos semânticos e objetivo em si, o que Carlos Reis define em *Dicionário de Narratologia* como *aquilo que o sujeito quer alcançar* (REIS, 1990:378).

Esses livros são: *Moste Potente Potions* que Harry, Ron e Hermione tentam requisitar da secção de reservados para fabricar a Poção Polissuco e assim se fazerem passar pelos

amigos de Malfoy; bem como os livros sobre horcruxes que Hermione consegue no sexto livro da saga; estes, de forma muito breve, pois tratam-se de objetivos momentâneos e não dos grandes objetivos de cada volume da saga. Mais importantes são O *Diário de Tom Riddle* que Lucius Malfoy descarta por considerar o seu amo morto e que é procurado por todos os ocupantes de Hogwarts se considerarmos que é ele o culpado da reabertura da Câmara dos Segredos; o *Livro de Poções do Príncipe Meio Sangue*, que Snape quer confiscar e Harry quer proteger; *Os Contos de Beedle, o Bardo*, não por o procurarem a ele, mas ao seu significado.

Em relação ao *Livro de Poções do Príncipe Meio Sangue* devemos considerar que era um livro como qualquer outro, até ter sido de Snape – um aluno brilhante em poções – e de ele ter escrito diversas correções e feitiços nele. Quando vai parar, por acaso, às mãos de Harry, que nunca foi particularmente bom aluno nesta disciplina, este decide começar a seguir as instruções misteriosas e tudo passa a correr melhor. Então, um dia, decide testar um dos feitiços escritos à margem e fere perigosamente Malfoy.

Aqui temos um novo ponto de vista sobre os livros: os exemplares usados, em segunda mão. Sabemos que Snape era um aluno muito pobre quando estudava em Hogwarts, tendo vindo de uma família desestruturada. Por essa razão, via-se obrigado a usar os manuais que existiam na escola para os alunos mais necessitados. Mas Snape ultrapassa as dificuldades, apaixonou-se pela disciplina de poções onde usava aquele livro emprestado e torna-se num dos professores de Hogwarts. Apesar de ser, ao longo dos livros, uma personagem bastante odiada, quando conhecemos a sua história na íntegra no final do último livro ela torna-se numa das mais apaixonantes da saga. A sua história é uma história de dor e superação e entre muitas outras coisas o seu velho livro de poções também fez parte desse percurso.

Em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* conhecemos o Diário de Tom Riddle, que sabemos ser o antigo diário do jovem Lord Voldemort. Através dele Riddle revive em forma de memória, conversa com o leitor, transporta-o para a sua vida e acaba mesmo por ludibriar Ginny Weasley. A destruição deste diário acaba por ser o ponto alto do segundo livro da saga. Lemos

Então, num golpe de asa, Fawkes voou sobre as cabeças de ambos, deixando cair uma coisa no colo de Harry: o diário.

Durante uma fracção de segundo, tanto Harry como Riddle, ainda com a varinha levantada, ficaram a olhar para aquilo. Em seguida, sem pensar, sem ponderar, como se pensasse fazê-lo desde o princípio, Harry agarrou o dente de Basilisk que estava no chão, junto dele, e espetou-o no coração do caderno.

Ouviu-se um grito longo e terrível. A tinta esguichou em torrentes de dentro do diário, derramando-se sobre as mãos de Harry e inundando o chão. Riddle torcia-se e contorcia-se, agitando-se aos gritos. E, por fim... Desapareceu. (ROWLING, 2002:260)

O *Diário em Harry Potter e a Câmara dos Segredos* é mais do que um simples objeto - é uma personagem. Um livro que conversa com as outras personagens, que os encanta, que os enfeitiça e possui. E que, no fim, tem de ser morto, como se se matasse uma verdadeira personagem. Ao ser perfurado com o dente de Basilisk ouviu-se *um grito lento e terrível e a tinta esguichou em torrentes* (ROWLING, 2002:260) quase como se Harry tivesse perfurado não um objeto, mas uma pessoa que grita e perde sangue. Mais à frente, saberemos que o *Diário* realmente não era apenas um simples diário, mas um horcrux e que, portanto, guardava uma parte da alma de Lord Voldemort. Por isso, uma destruição tão dramática: os horcrux apenas podiam ser destruídos através dos meios mais perigosos, como veneno de Basilisk ou fogo maldito.



Figura 7
Destruição do Diário de Tom Riddle no filme *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*

Tenebroso? Talvez não. Na verdade, se compararmos estes livros a alguns livros que conhecemos no nosso mundo real eles começam a parecer quase inocentes. O *Mein Kampf* de Hitler, por exemplo, parece a qualquer um de nós bastante mais tenebroso do que um livro capaz de nos pôr a falar em verso para o resto da vida, se considerarmos que ainda hoje é capaz de influenciar alguns leitores a perigosas opiniões. O *Martelo Das Feiticeiras: Malleus Maleficarum* de James Sprenger e Heinrich Kramer, um livro que foi usado durante quase quatro séculos pela inquisição como um manual de como capturar, torturar e matar bruxas, também parece bastante mais sinistro.

Por diversas vezes ao longo da história, os livros foram considerados perigosos, levando a diversas formas de proibição. As queimas em fogueiras são tão antigas que há registo delas em livros como *As Crónicas de Nuremberg*, um incunábulo de 1493; e a história das censuras efetuadas pelos diversos regimes ditatoriais e opressivos que vigoraram em diferentes períodos históricos é conhecida pela maioria das pessoas.

Também na ficção e na literatura vemos isso: como em *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, onde os livros eram proibidos e queimados; ou em *Os Testamentos* de Margareth Atwood, onde só a elite podia ter acesso aos perigosos livros que escondiam segredos. Em *Harry Potter*, pelo contrário, eles estão apenas na Secção Reservada da Biblioteca: apenas é possível ter-lhes acesso com autorização de um professor. Ainda assim, só os que se referem à criação de horcruxes, a divisão da alma para sobrevivência eterna através do assassinio, foram considerados tão perigosos por Dumbledore que os retirou da biblioteca, já após terem sido lidos e usados por Tom Riddle para se tornar Lord Voldemort. Entre eles conta-se o *Segredos da Mais Negra Magia*, o único livro quedá informações explícitas sobre a construção dos horcruxes.

Livros perigosos, livros amaldiçoados, livros comuns, livros que são usados como meros objetos, livros que se autodestroem. Não podíamos terminar este capítulo sem falar num último tipo de livros da saga Harry Potter: aqueles que saíram do papel e renasceram, tornando-se eles próprios em livros reais. Os livros que os leitores da saga podem ler, tal como Hermione, Harry e Ron leram: *Os Contos de Beedle, o Bardo*; *o Quidditch Através dos Tempos*; *Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los*. Este conjunto de epítextos ficcionais foi uma forma de a saga *Harry Potter* não terminar no fim dos sete volumes principais, um alargar do negócio real, criado pelo universo ficcional potteriano. Mas foi, simultaneamente, uma situação criativa e socialmente relevante que merece ser analisada.

Que livros-personagem são estes que têm força suficiente para saírem da história e ganharem páginas próprias?

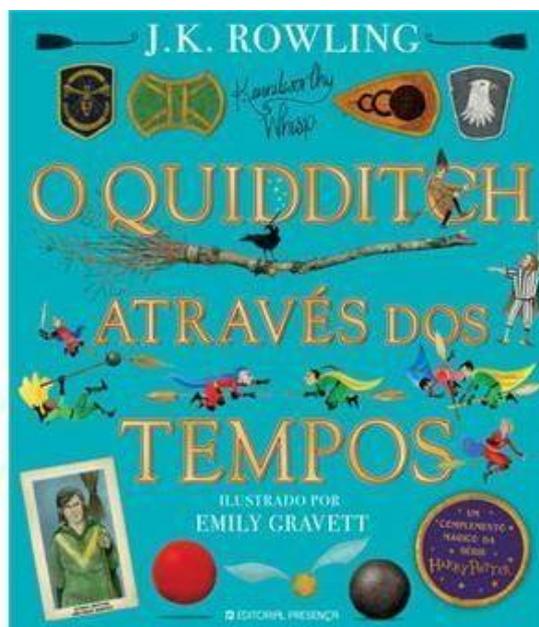


Figura 8
O Quidditch Através dos Tempos, edição ilustrada

O *Quidditch Através dos Tempos* não influencia o destino das personagens, não traz grandes e importantes descobertas, não altera o rumo da história. É só um livro famoso, para as personagens, sobre o importante desporto dos feiticeiros. Os feiticeiros adoravam Quidditch e muitos dos leitores fãs da saga também o adoram, ao ponto de realizarem jogos de Quidditch no mundo real, montados em vassouras. Foi, podemos dizer, um livro feito para vender, para que os leitores pudessem entrar um pouco mais no mundo mágico. E foi um livro criado para aumentar a identificação leitor-personagem. Afinal, muitos dos jovens leitores destas obras também são fãs de desporto. É de salientar que a primeira edição desta obra se fez com um pequeno livro de 20 cm de altura e umas meras 198 páginas. Não se saberia, imaginamos, se o livro iria ou não vender. A edição mais recente desta obra tem 30 cm, 160 páginas algumas das quais desdobráveis e inúmeras ilustrações da reconhecida autora Emily Gravett. Traz toda a história do Quidditch e fala de diversas equipas existente no mundo mágico como se fosse realmente um desporto real.

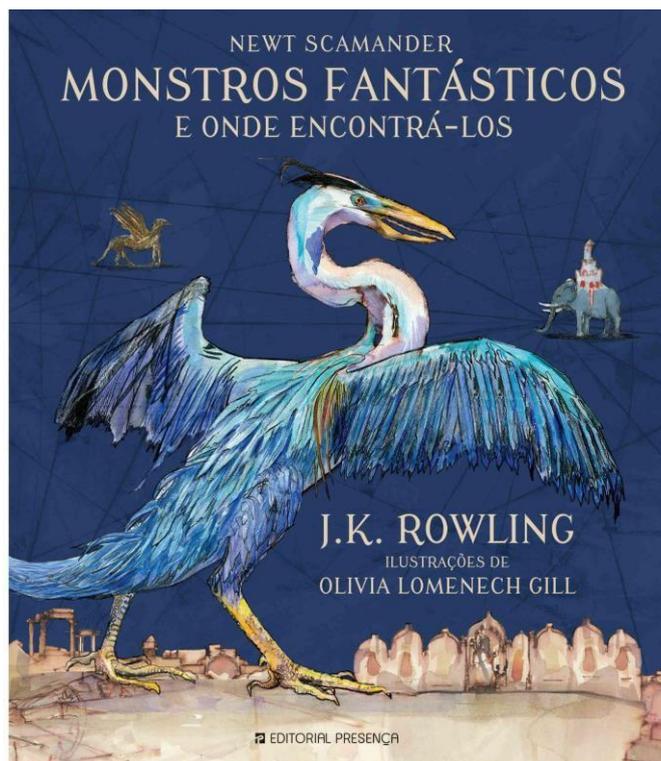


Figura 9
Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los, edição ilustrada

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los, é de autoria fictícia atribuída a Newt Scamander, personagem que irá depois surgir na prequela *Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los* como um conhecido *magizoologista*⁹. É um livro ponte que une duas histórias diferentes do mesmo mundo mágico, para os leitores da saga que queriam ler mais sobre o mundo de Harry Potter depois de a saga terminar. E é uma história que tem uma importância particular para quem queria conhecer melhor a história de Dumbledore, que aqui conhecemos como um jovem e inteligente professor de Hogwarts, antes de ter enfrentado e seu antigo amigo e mago negro Grindelwald. Teve, tal como o *Quidditch Através dos Tempos*, uma edição inicialmente bastante simples e mais tarde uma edição especial e ilustrada, que custa mais do dobro do preço.

⁹ Estudioso das criaturas mágicas

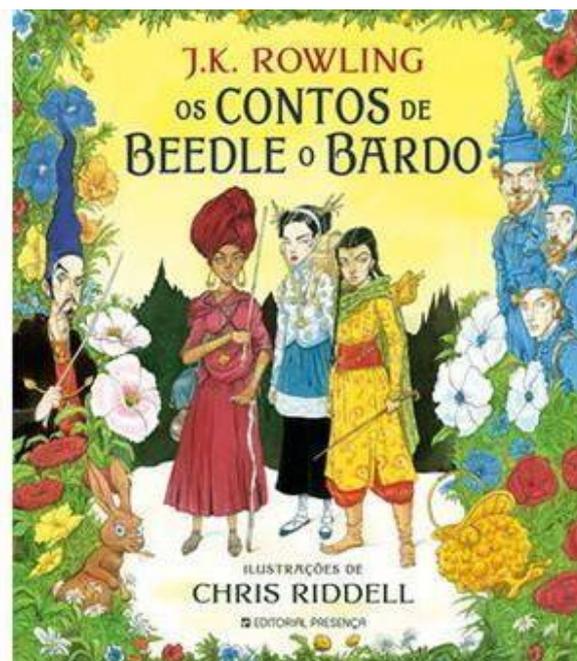


Figura 10
Os Contos de Beedle, o Bardo, edição ilustrada

Os Contos de Beedle, o Bardo é sem dúvida o mais importante destes livros. É constituído por um conjunto de histórias infantis escritos para crianças feiticeiras. São cinco pequenos contos: *O Feiticeiro e o Caldeirão Saltitante*, *A Fonte do Justo Merecimento*, *O Feiticeiro do Coração Medonho*, *A Coelhinha Babita e a Árvore Tagarela* e *O Conto dos Três Irmãos*.

Em *O Feiticeiro e o Caldeirão Saltitante* conhecemos um jovem filho de um velho e bondoso feiticeiro que tinha por hábito curar e ajudar os Muggles da vizinhança com a sua magia. Mas, após a morte do pai, o jovem expulsa bruscamente todos os que imploram a sua ajuda. É então que o velho caldeirão do pai ganha uma perna e começa aperseguir-lo, dia e noite, com os sons das dores dos que ele não quer ajudar. Até ele decidir, finalmente, ajudá-los.

Na *Fonte do Justo Merecimento* três feiticeiras e um *muggle* embarcam juntos na viagem em busca da fonte mágica capaz de curar qualquer mal. Uma das feiticeiras viu-se desapossada da sua varinha e dinheiro e procura a riqueza, outra perdeu o seu grande amor e procura uma maneira de o esquecer e a terceira tem uma doença grave que ninguém conseguiu curar. O Cavaleiro Muggle nunca chega a contar o que o leva a fonte, mas será ele a banhar-se nela, por vontade das três feiticeiras, e acaba casado com uma delas. Uma fonte milagrosa só comparável à lendária Fonte da Juventude, que

encontramos na mitologia romana, germânica, celta e irlandesa. Em *Os Contos de Beedle, o Bardo* sabemos, no fim do conto, não tem nenhum poder. A cura é encontrada durante o caminho.

O *Feiticeiro do Coração Medonho* conta a história de um jovem que decide que o amor o iria fazer parece tolo e fraco e, por isso, decide usar magia negra para nunca se apaixonar, separando o coração do corpo. Acaba, claro, por ter um trágico e tenebroso fim. Esta é provavelmente a história mais macabra deste pequeno livro.

Em *A Coelhoinha Babita e a Árvore Tagarela* um vulgar rei sem qualquer tipo de poder mágico decide que a partir daquele momento apenas ele pode praticar magia no reino. Manda perseguir todas as feiticeiras e feiticeiros para se livrar deles e começa a procurar para ele um professor de magia. Acaba por ser enganado por um charlatão que, apesar de também não ter qualquer poder mágico, o leva a crer que sim. É então que aparece Babita, uma feiticeira real, bastante mais inteligente que os dois homens. Um conto com uma curiosa semelhança com contos como *O Fato Novo do Imperador*.

Por fim, temos *O Conto dos Três Irmãos*. Três irmãos, incríveis feiticeiros, constroem uma ponte através da magia para atravessar um rio que de outra maneira os mataria. Mas a morte não gosta de ser enganada e atravessa-se no seu caminho mascarada com bondade. Pela sua fantástica magia, cede um desejo a cada um dos três irmãos. O primeiro pede a varinha mais poderosa de todas, para assim se poder tornar invencível, o segundo pede algo capaz de ressuscitar os mortos e o terceiro, mais desconfiado, pede algo que lhe permita seguir viagem sem ser seguida pela morte. Pouco depois o primeiro irmão é morto, durante o sono, por alguém que quer roubar a sua varinha e o segundo suicida-se para se juntar à mulher que um dia amou. Só o terceiro vive até à velhice e, então, parte com a morte por sua própria vontade.

Através deste conto Harry, Ron e Hermione conhecem a história dos três talismãs da morte (o manto da invisibilidade, a pedra da ressurreição e a invencível varinha de sabugueiro) que, uma vez juntos, tornariam o seu possuidor invencível, senhor da morte. No final da saga, Harry é o dono dos três talismãs e isso é, em parte, o que o salva e lhe permite vencer Lord Voldemort.

Na introdução de *Os Contos de Beedle, O Bardo* o autor fictício Newt Scamander escreve:

Em muitos aspectos, as histórias de Beedle assemelham-se aos nossos

contos de fadas; por exemplo, a virtude é normalmente recompensada e a maldade castigada. Todavia, há uma diferença óbvia: nos contos de fadas dos Muggles, a magia está normalmente na origem dos problemas do herói ou da heroína. A bruxa má envenenou a maçã, ou fez cair a princesa num sono de cem anos, ou transformou o príncipe num monstro horrível. N'Os Contos de Beedle o Bardo, pelo contrário, encontramos heróis e heroínas que sabem usar magia, mas para os quais é igualmente difícil resolver os seus problemas. (ROWLING, 2008:XII)

Beedle é para as crianças feiticeiras aquilo que os irmãos Grimm e Perrault são para as crianças reais. E os seus contos, com muitas semelhanças e algumas diferenças, lembrarão certamente aos jovens leitores da saga os contos que eles próprias leram na suainfância. É, também, uma forma de identificação leitor personagem. É curioso ver como do trio principal da saga, Harry, Ron e Hermione, apenas Ron, provavelmente o que menos lê, conhece esses contos. Para Harry e Hermione, que crescerem com Muggles, eles são inicialmente desconhecidos. Mais tarde, quando Lovegood conta ao trio a lenda dos três talismãs da morte, vemos como apenas Harry acredita na veracidade daquela informação.

Há uma curiosa intertextualidade dentro da saga que Rowling criou. Nos principais livros da saga as personagens leem livros que acabam por sair para o mundo real. Nesses livros secundários, surge a referência aos livros principais, umas vezes como fazendo parte do mundo literário, outras como se a própria Rowling fizesse parte do mundo mágico que criou. *Os Contos de Beedle o Bardo* tem inclusive edições com *Notas de Albus Dumbledore* e são *traduzidos das runas antigas por Hermione Granger*.

Não podemos de maneira nenhuma analisar a obra de J. K. Rowling considerando que a autora não tenha criado intencionalmente um universo próprio com uma agenda. O universo mágico de Harry Potter revelou-se um sucesso a vários níveis, inclusive financeiro. Mas é o ponto de vista cultural, que torna o livro um objeto central, que nos interessa. Ao longo de toda a história vemos referências históricas, mitológicas e bíblicas que nos deixam perceber que a autora não deixou nada ao acaso. Personagens como os centauros, Cérebro o cão de três cabeças e os hipogrifos vêm de lendas seculares da mitologia antiga; Nicolas Flamel foi um escriba do séc. XIV que muitos acreditam estar relacionado com a alquimia; Granger, o apelido de Hermione, é também uma personagem

de *Fahrenheit 451* que luta pela preservação dos livros e das leituras; E Voldemort, de origem francesa, significa Voo da Morte. Nada em Harry Potter foi deixado ao acaso.

Seria, talvez, de esperar que a presença dos livros na história diminuísse no último livro da saga, se considerarmos que Harry, Ron e Hermione deixam os estudos para partir à procura de horcruxes. Encontram-se, então, numa situação limite em que a sua prioridade é a sobrevivência, mantendo-se escondidos das forças do mal; e a procura pelos horcruxes, cuja destruição é a única forma de acabar com Lord Voldemort. No entanto, vemos que nem nesta situação os livros se ausentam da história de Rowling.

No início de *TM* vemos Hermione separar os livros que vão levar e os que vão deixar para trás. A pilha dos escolhidos para a viagem é maior do que a outra e ela acaba por meter quase uma pequena biblioteca dentro da sua mala de missangas. São muitos os títulos que os leitores desta obra vão conhecendo ao longo das suas páginas, mas são três aqueles que se destacam: *Os Contos de Beedle, o Bardo*, pelas razões que já falámos anteriormente; *História da Magia de Bathilda Bagshot*; *A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore* de Rita Skeeter.

História da Magia é um livro que, apesar de ser mencionado diversas vezes e das personagens chegarem mesmo a ler e conhecer certos excertos, não representa um peso real para a história. *Harry Potter e os Talismãs da Morte* é um livro com ênfase em repetições: como o símbolo dos três talismãs que vemos no colar de Lovegood, no livro de Hermione e na campã dos Peverell de maneira a chamar a atenção sobre ele; as repetidas conversas sobre *História da Magia* servem para chamar a atenção sobre a sua autora, Bathilda Bagshot, que as personagens vão visitar a determinada altura apenas para descobrir que foi assassinada e que Nagini¹⁰, a serpente, ocupa agora o seu lugar.

A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore é um livro que já apresenta uma maior importância, apesar de não alterar o desfecho. Escrito por Rita Skeeter, a jornalista que conhecemos em *CF* e que tem uma grande tendência para a mentira e o exagero naquilo que escreve, trata-se de uma biografia que, segundo a autora, revela os mais obscuros segredos de Dumbledore. Um livro de 900 páginas que Rita Skeeter escreveu em quatro semanas e que vai atormentar Harry ao longo de todo o sétimo livro da saga. Afinal Dumbledore era mesmo o homem que ele conhecia? Porque nunca lhe contou nada sobre

¹⁰ Serpente pertencente a Lord Voldemort que foi em tempos uma mulher e com que ele se comunica em serpentes

a sua vida?

Saberemos mais tarde na obra e também através da prequela *Monstros Fantásticos* que desta vez Rita Skeeter não fugiu totalmente à verdade. Dumbledore teve realmente uma irmã, era amigo de Grindelwald e esteve envolvido com magia negra. No entanto, ela não conhece a história toda e não está interessada em contá-la de forma imparcial: são os escândalos o que mais vende.

Outra leitura que se repete diversas vezes e que tem um peso significativo na história refere-se às publicações periódicas. O *Profeta Diário* em particular, o mais conhecido e respeitado jornal dos feiticeiros, está presente ao longo de toda a saga. É ele que noticia o roubo da Pedra Filosofal em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a fuga de Sirius Black da prisão de Azkaban em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* e mais tarde a fuga em massa da mesma prisão, de vários perigosos Devoradores de Morte. É também através dele que em *Harry Potter e a Ordem da Fénix* os alunos ficam a saber que Dolores Umbridge foi nomeada a Primeira Grande Inquisidora de Hogwarts. Ainda assim, notamos um maior ênfase sobre este jornal na segunda parte, após o reconhecimento do regresso de Lord Voldemort.

Viam-se vários dos seus pertences espalhados pelo quarto e também algum lixo. Penas de coruja, caroços de maçã e invólucros de guloseimas deitados pelo chão, uns quantos livros de encantamentos espalhados desordenadamente na cama, por cima dos mantos emaranhados, e uma confusão de jornais iluminados por um círculo de luz em cima da secretária.
(ROWLING, 2005:39)

Em *PM*, o *Profeta* deixa de considerar Harry e Dumbledore mentirosos para passar a publicar as teorias de que Potter seria O Eleito, o único capaz de derrotar Lord Voldemort. Com o evoluir da história, o jornal deixa de falar sobre os pequenos acontecimentos do quotidiano e passa a trazer um conteúdo cada vez mais repetitivo: desaparecimentos, catástrofes e mortes.

Uma questão curiosa no que se refere a este meio de comunicação social no mundo dos feiticeiros é que, tal como no nosso mundo real, ele pode ou não ser considerado de confiança. Em *A Ordem da Fénix o Profeta Diário* é tão controlado pelo Ministério da

Magia que chega a difamar Dumbledore e Harry, vendo-se Harry obrigado a ceder uma entrevista à estranha revista dos feiticeiros *A Voz Delirante*, para tentar limpar o seu nome e trazer a verdade ao de cima.

É importante aqui debruçarmo-nos também sobre Rita Skeeter e o seu trabalho. A escritora que trabalha para *O Profeta Diário* surge pela primeira vez no início do Torneio dos Três Feiticeiros e percorre todo o livro dificultando a vida a Harry e a outras personagens com notícias de pouca veracidade. No fim ficamos a saber que ela tinha por hábito transformar-se num inseto para assim se poder disfarçar e ouvir conversas de que não deveria ter conhecimento. O seu trabalho consiste em vender notícias e, para ela, os fins justificam os meios. Rita Skeeter mediatiza escândalos, revelando pouca ética e profissionalismo. E a atitude desta jornalista leva-nos a outra questão: quão crentes são os leitores do seu jornal?

Mais uma vez, a obra de Rowling cola-se à realidade, torna-se uma metáfora, ou parábola, e mostra aos jovens leitores, através do exemplo, que nem tudo é bem o que parece ser. Não faltam, no nosso mundo real, jornalistas e outros profissionais que, tal como Rita, difundem notícias de pouca veracidade. É essencial que eles, tal como as personagens leitoras da saga, saibam interpretar e analisar o que é verdade ou não, o que deve ou não ser considerado.

No que respeita aos filmes de Harry Potter, os livros são vistos muito menos vezes do que no texto de Rowling. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* não há livros em casa dos Dursley, não vemos a gata que é a professora McGonagall a ler o mapa nem a tabuleta e não vemos Hagrid e Harry a visitarem a Flourish and Blotts. A primeira leitura no filme é a da carta de Hogwarts para Harry, e da qual, nas primeiras cenas, apenas vemos a morada.

Os livros vão surgir no ecrã apenas quando Harry já é aluno de Hogwarts. Da mesma forma, Hermione não se refere a qualquer livro na viagem até Hogwarts. A primeira vez que percebemos que ela é uma leitora é quando os alunos do primeiro ano se dirigem para a Selecção¹¹. Nesta altura, Hermione informa que o teto do salão apenas parece o céu noturno e que leu sobre isso em *Hogwarts: Uma História*. Não acontece tão cedo como nos livros, mas é ainda assim uma das primeiras coisas que ficamos a saber sobre

¹¹ Momento em que os alunos do primeiro ano são divididos por equipas, ao chegarem a Hogwarts.

Hermione: que ela é uma leitora.

Uma vez na escola, os livros fazem muitas vezes parte dos cenários. Estão nos braços dos alunos quando percorrem a escola, quando estudam no salão e na biblioteca, nas salas de aula e nos gabinetes dos professores. Vemos o professor Filtrich, um homem extremamente pequeno tal como descrito no livro, a ensinar encantamentos em cima de livros para poder ser visto. No filme é Hermione quem sugere a Área Restrita da Biblioteca para procurarem informações sobre Nicholas Flamel mas, tal como no livro, é Harry quem acaba por ir procurar nessa zona e encontrar o livro que grita. No filme, vemos ainda um rosto a tentar sair do livro, o rosto que grita.

Quando o trio finalmente consegue descobrir quem é Nicholas Flamel, vemos Hermione surgir com um livro que na obra é descrito como *uma coisa leve para ir lendo aos bocadinhos*. E aqui interessa-nos a imagem visual que temos desta obra. De capa dura, grande e com folhas com aspecto de já terem visto passar muitos anos, as letras são manuscritas, tem aspeto de terem sido desenhadas com extremo cuidado e algumas encontram-se mais visíveis, como se estivessem naquilo a que hoje chamaríamos de negrito. É curioso que o espectador do filme possa então ler, com Hermione, Harry e Ron, a informação sobre Nicholas Flamel. Quando entram no terceiro andar para salvar a Pedra Filosofal e encontram a armadilha do diabo, Hermione acaba por salvar a vida de Ron por ter lido “algo em herbologia” que lhe ensinou o que fazer.

Por fim, apesar de o primeiro filme não ter começado com livros, é com um livro que ele acaba: o álbum de fotografias que Hagrid oferece a Harry. Sabemos que não é um livro propriamente dito, mas é semelhante.

O filme *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* tem um maior número de referências a livros. Apesar de não vermos livros no quarto de Harry em Privet Drive vemos as cartas de Hogwarts chegarem quando Harry se encontra já n'A Toca e ficamos a saber que *os livros de feitiços são caríssimos*. E então, pela primeira vez, vemos a *Flourish and Blotts*.

Com livros do chão ao tecto, alguns dos quais em pilhas bastante ingremes, podemos descrever esta livraria como um espaço acanhado. Percebemos que a maioria das personagens se encontra de bom humor enquanto faz as suas compras e conhecemos pela primeira vez Lockhart, uma personagem que não se mostra diferente daquilo que é no texto de Rowling. Lockhart gosta de manter uma boa aparência, de fotografias e de fama. Quando percebe que Harry se encontra na livraria, aproveita imediatamente para ser visto

e fotografado com ele e para divulgar não só que Harry ia comprar os seus livros como que ele, Lockhart, lhe ofereceu a coleção completa. Os livros de Lockhart que vemos nas imagens são de diferentes alturas e grossuras e o mais recente tem um corte de páginas dourado e uma fotografia em movimento do próprio Lockhart na capa.

Então, vemos os Malfoy, numa cena que abre com Draco a rasgar uma página de um livro. A profanação de um livro numa livraria mostra a ideia que os produtores tentaram passar desta família. Depois, os espectadores mais atentos poderão ver Lucius tirar um livro de Ginny do caldeirão que ela transporta e devolver dois. É o primeiro vislumbre do Diário de Tom Riddle, que vai provocar a reabertura da Câmara dos Segredos. No diálogo desta cena sabemos ainda que os Weasley usam livros em segunda mão.

Já em Hogwarts voltamos a encontrar Lockhart que congratula os alunos por todos terem comprado a coleção completa dos seus livros e lhes dá um teste de diagnóstico sobre si próprio, para ver o quão bem leram os livros. Mais uma caricata atitude deste autor-personagem quando, logo em seguida, solta na aula vários Duendes da Cornualha que não consegue controlar, o que nos leva a prever que, dificilmente, poderia ter feito todas as proezas que conta nos seus livros. Também aqui os livros são uma parte importante do cenário: quando os Duendes começam a espalhar o caos, fazem-no também através da destruição de livros presentes na sala e Harry vence um Duende que ataca Hermione batendo-lhe com um livro. Neste filme, os livros continuam a fazer parte do cenário, transportados pelos alunos, nas aulas e na biblioteca. Também os vemos no gabinete de Dumbledore, uma zona circular cheia de livros de aspeto antigos, onde fica a secretária do diretor e a sua Fénix, a ave mitológica que renasce das cinzas.

Também notamos algumas diferenças no que respeita aos livros na saga literária e nos filmes. O *Moste Potente Potions* por exemplo, aqui não se encontra na secção restrita da Biblioteca. No filme, Hermione consegue ter-lhe acesso, sem ter de pedir a assinatura de um professor, provavelmente para não alongar a duração da película, revelando uma certa dessacralização, ou um dos fatores que contribuiria para a sacralização, de um objeto poderoso que, não por acaso, é um livro.

O *Diário de Tom Riddle* é uma presença esporádica no segundo filme, mas que no fundo sabemos que está sempre lá. Vemo-lo pela primeira vez quando Lucius Malfoy o atira para o caldeirão de Ginny e só voltamos a vê-lo quando a própria Ginny se tenta ver livre dele, atirando-o para uma sanita e acabando por acertar em Murta Queixosa, o fantasma de uma antiga aluna chorosa que assombra a casa de banho. É aqui que o Diário

passa para as mãos de Harry e tem a oportunidade de lhe contar a sua própria versão sobre a abertura da Câmara. E o diário fá-lo não só através de palavras ou imagens, mas literalmente sugando Harry para dentro da sua história, para o passado.

É já perto do fim do filme que Harry e Ron, finalmente, desmascaram Lockhart, que admite nessa altura nunca ter feito as proezas de que se gaba nos seus livros – roubou as histórias a outros feiticeiros, antes de lhes apagar a memória. Para vender os seus livros, afirma, desculpando-se.

Por fim, vemos um Riddle que sai do Diário, mostrando-nos que o Diário é muito mais do que aquilo que parece; e vemos Harry matá-lo, através da destruição do Diário com um dente de Basilisk. A última aparição do Diário na saga é quando Harry o usa como forma de Malfoy dar a liberdade a Dobby, escondendo uma meia suja no seu interior. Um livro que se transforma em liberdade.

No filme PA vemos pela primeira vez livros em casa dos Dursley, ainda que brevemente. Harry, impedido de estudar magia pelos tipos Muggles, fá-lo à noite, escondido sob os cobertores. Depois, acaba por fugir de casa e encontra-se com Fudge, o Ministro da Magia que tomou a liberdade de lhe comprar ele próprio os livros de que Harry vai precisar em Hogwarts, para que ele não tivesse de sair.

É nesta altura que vemos pela primeira vez no ecrã *O Monstruoso Livro dos Monstros*. De capa castanha, o livro tem garras, pêlos, olhos, dentes e uma língua que anda constantemente pendurada do lado de fora. Faz um som particular e persegue tudo o que mexe, pronto a atacar. Enquanto anda e ataca, vai libertando pedacinhos de papel por todo o lado, como se fosse uma espécie de trituradora. Os alunos prendem-no com cintos e para o conseguirem abrir precisam de lhe afagar a lombada. Este livro animado é um curioso objeto que materializa o conteúdo, como alguns livros-objeto da LIJ usando linguagens para além da verbal – ilustração e engenharia do papel – materializam a capacidade de imaginação que um texto verbal, património imaterial cultural, partilha com o leitor.

Mais uma vez, os livros fazem constantemente parte dos cenários: nas aulas de Hagrid e de Trelawney, como material de estudo e a serem transportados pelos estudantes. É através do livro de estudo que Snape leva a que Hermione descubra o segredo de Lupin, levando-os a ler e escrever sobre lobisomens.

Quando Hermione não mostra interesse pela disciplina de Adivinhação, a professora

Trelawney diz sobre ela que tem uma *alma ressequida como as páginas de um livro, que a menina lê de uma forma tão diligente*. Uma comparação que leva Hermione a desistir definitivamente daquela disciplina, algo único.

No quarto, quinto e sexto filmes continuamos a notar a mesma tendência: os livros estão lá, as personagens leitoras leem, mas tudo em muito menor quantidade do que nos textos de Rowling. Será, consideramos, natural esta supressão de informações à passagem de uma história literária para o grande ecrã; mas não deixa aqui de nos chamar a atenção.

Outra diferença significativa no que a este aspeto diz respeito é a existente no final da saga: apesar de no livro *Harry Potter e os Talismãs da Morte* os livros serem uma constante, ao ser adaptada esta história foi dividida em dois filmes em vez de um e os livros apenas surgem na primeira parte. Não há qualquer referência a livros e leituras no último filme da saga.

No que se refere aos livros, interessa-nos também interpretar a saga no que ao seu aspeto físico diz respeito, enquanto puro objeto. Alberto Manguel refere, em *Uma História da Leitura* que *desde a origem que os leitores exigem livros em formatos adaptados ao uso que lhes tencionam dar* (MANGUEL, 2020, p. 171). Sabemos que isso inclui desde os Livros de Horas, criados para poderem ser transportados nos bolsos dos seus proprietários, até aos enormes livros de coró. Mas será que isto também acontece em Harry Potter?

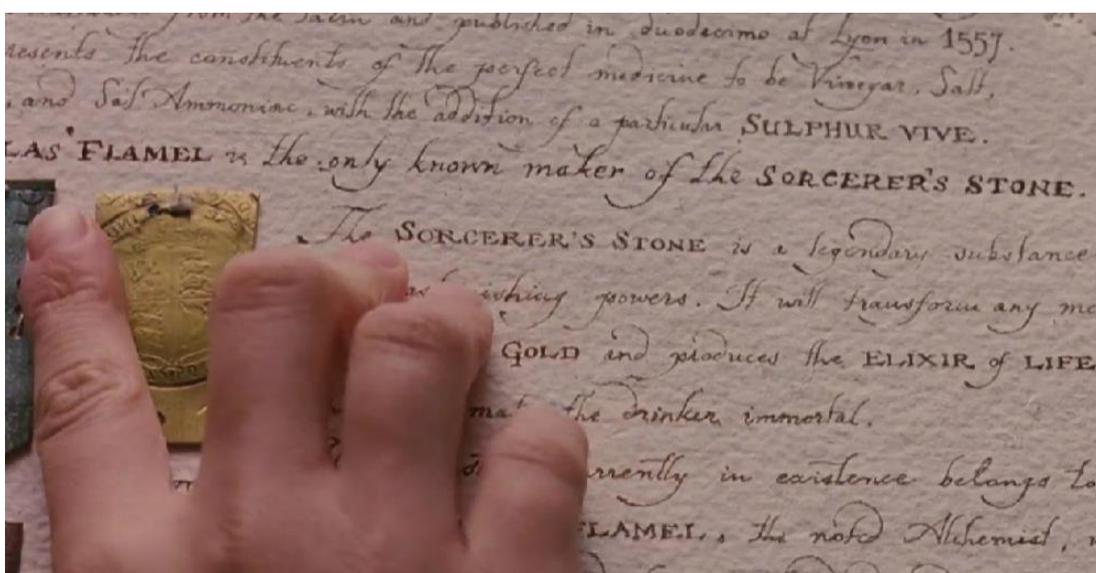


Figura 11

Livro onde Hermione lê as informações sobre Flamel, no filme *Harry Potter e a Pedra*

Filosofal

O primeiro livro que nos parece destacar na saga pelo seu aspeto físico é aquele de onde Hermione lê as informações sobre Nicholas Flamel. No texto, esta jovem leitora refere que o trouxe da biblioteca de Hogwarts porque queria *uma coisa leve para ir lendo aos bocadinhos* (ROWLING, 2003, p. 183). Apesar de para ela aquela obra ser claramente uma leitura leve, a verdade é que o livro era evidentemente bastante pesado fisicamente, tendo em conta o seu enorme tamanho e número de páginas. Depois, no filme, temos a oportunidade de ler a página sobre Flamel junto com a nossa protagonista e percebemos que não se trata de um livro qualquer: é um manuscrito. De letra delicadamente desenhada e em algumas zonas bastante mais carregada do que noutras, o livro tem até mesmo alguns destaques. Um livro que contrasta, sem dúvida, com *Os Contos de Beedle, o Bardo*, que Hermione transporta de um lado para o outro no último filme, sem qualquer dificuldade graças ao seu pequeno tamanho. Na obra *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, Rowling dá-nos mais informações sobre esta obra: é a edição original, escrito em Runas Antigas, algo que podemos considerar talvez equivalente ao latim no nosso mundo real.



Figura 12
Os Contos de Beedle, O Bardo no filme *Harry Potter e os Talismãs da Morte - parte 1*

Mas não são apenas estes os livros que se destacam fisicamente. Já falámos sobre o livro da secção de reservados da biblioteca, de onde sai um rosto que grita quando aberto. Um livro, portanto, com características humanas. Também já comentámos o livro *O Monstruoso Livro dos Monstros*, que persegue e morde tudo o que mexe, a não ser que o afaguem antes de o libertar. Um livro animal.



Figura 13

O Monstruoso Livro dos Monstros no filme *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*

Referimos ainda o *Invisível Livro da Invisibilidade*, que causou problemas na Flourish and Blotts por ser invisível e ninguém o conseguir encontrar. Um livro com poderes mágicos. Vale ainda salientar o *Livro de Defesa Contra as Artes Negras* que vemos Umbridge distribuir pelos seus alunos no filme *Harry Potter e a Ordem da Fénix*. Aqui, um espectador mais atento conseguirá perceber que o livro é claramente mais infantil do que deveria ser para jovens de 15 anos, graças à capa e ao facto de ser um livro para principiantes; algo que tem lógica, se considerarmos que Umbridge quer evitar a todo o custo que os alunos aprendam magia nas suas aulas.



Figura 14

Livro *Defesa Contra as Artes Negras* no filme *Harry Potter e a Ordem da Fénix*

Mas nem todos os livros da saga se destacam pelo seu aspeto físico. A maioria deles é, na verdade, bastante comum. Vemos livros de tamanho e dimensão comuns um pouco por todo o lado, desde as salas de aula aos gabinetes dos professores e aos braços dos alunos. Várias vezes conseguimos perceber que o livro aberto é um livro normal, comum, impresso, sem qualquer tipo de imagem que iria revelar a sua criação mágica, uma vez que em Harry Potter as imagens dos livros têm movimento.

Podemos concluir sobre esta representação temática que os livros são uma constante ao longo de toda a saga. E estes livros são, tal como no nosso mundo, de todas as formas e feitios, de todas as épocas, com conteúdos extremamente diversos. Vemos desde livros de estudo a livros pouco fiáveis, livros com poderes mágicos e outros que servem apenas para alguém parecer mais alto. A representação dos livros na saga é, no final de contas, apenas uma *mimesis* dos livros que conhecemos no nosso próprio mundo.

Concluindo

Antes de concluirmos este trabalho, queremos começar por notar que não nos referimos aos paratextos ao longo do mesmo de forma propositada. A verdade é que as edições consultadas dos livros principais da saga não tinham paratextos que considerássemos suficientemente relevantes para fazer alguma diferença nos propósitos da nossa análise. Alguns títulos de capítulos fazem referências a livros, à biblioteca ou à *Flourish and Blotts*, mas muito esporadicamente. A capa de *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* mostra um pergaminho atrás da imagem de Harry e do Hipogrifo, mas julgamos tratar-se do Mapa do Salteador e não propriamente um documento de interesse literário. Em *Harry Potter e os Talismãs da Morte* a autora inicia a obra com uma citação de Ésquilo e outra de William Penn, ambas sobre a morte, a luta e a amizade:

Ó castigos ingénitos, sangrento e inominável golpe

Do infortúnio! Ai, lamentáveis e terríveis lutos!

Ai a dor irrefreável!

É no interior do Palácio, e não fora dele, vindo não

De estranhos, mas de quem o habita, que está o bálsamo

Para estas feridas, através de uma luta funesta e sangrenta

É para os deuses subterrâneos, este Hino!

Ouvi então esta súplica, ó abençoados deuses da terra,

E de boa vontade enviai a estas crianças o auxílio

Que lhes garanta a vitória!

Ésquilo, *Os Portadores da Libação* (ROWLING, 2007:9)

A morte é apenas uma travessia do mundo, como os amigos atravessam os mares. Continuam a viver uns nos outros, pois não podem deixar de estar presentes, para que amem e vivam no que é omnipresente. Neste espelho divino, vêem-se face a face e a sua conversa é livre, para além de pura. É este o consolo dos amigos: embora sejam mortais, a sua amizade e companhia estão todavia, no melhor dos sentidos, sempre presentes, porque imortais.

William Penn, *More Fruits of Solitude* (Rowling, 2007:9)

Esta citações revelam uma relação intertextual cujo estudo seria pertinente se o nosso tema fosse o da morte, da amizade ou o da luta, mas não é o caso.

Quanto aos cartazes dos filmes, notamos apenas o poster de procurado de Sirius Black em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Já os livros secundários da saga revelam um pouco mais de interesse neste aspeto, principalmente *O Quidditch Através dos Tempos*, que conta com diversas ilustrações de livros e jornais e que inclui, logo no início, a respetiva ficha de requisição da Biblioteca de Hogwarts e o recado de Madame Pince.

No que respeita à representação das bibliotecas, tivemos em atenção que os espaços, em literatura, são dados geográficos moldados por sensações e emoções e, simultaneamente, locais com fronteiras definidas pela e para a construção da narrativa. Nada existe para além delas. As descrições destes lugares são, ainda assim, descrições evocativas. Elas levam a imaginação do leitor para os espaços que conhece, seja através da sua realidade ou de outros meios, informativos e/ou ficcionais. A biblioteca de Hogwarts tem, certamente, pouco a ver com as bibliotecas modernas nossas contemporâneas, onde reinam, a par dos livros, os computadores e as atividades de animação cultural. São sobretudo as bibliotecas patrimoniais e aquelas que apresentarem um aspeto mais vitoriano que mais se assemelham a este espaço mágico. Ainda assim, e apesar de toda a magia que envolve as estantes de Hogwarts, também esta biblioteca é uma representação bastante realista das nossas, no que ao espaço físico diz respeito.

Já no que se refere ao trabalho de biblioteconomia, notamos fortes diferenças entre o mundo de Potter e o nosso. Na biblioteca de Madame Pince vemos os livros planarem para os seus respetivos lugares, muitas vezes incutidos a isso pelos alunos. Nas bibliotecas da nossa realidade, é sempre preferível que os livros sejam deixados nas mesas e em locais próprios, desarrumados, para que seja o bibliotecário a arrumá-los. Afinal, como se costuma dizer no meio “um livro mal arrumado é um livro perdido”.

De igual modo, nem tudo o que Rowling usou para representar os livros em *Harry Potter* foi a partir de um ponto de vista positivo. Acima de tudo podemos concluir que toda a saga nos traz, no que se refere a este elemento no mundo literário, uma concretização do princípio da *mimesis* mais realista, até no que já só é preconceito ou restos de práticas ultrapassadas. Os livros do mundo mágico de *Harry Potter* são, tal como os livros do nosso mundo real, de todos os tamanhos, formas e feitios possíveis e com

todos os tipos de conteúdo imagináveis. Também as atitudes das personagens em relação a eles são, como na realidade, as mais diversas: 1) desde Madame Pince que os venera e castiga severamente qualquer tipo de maltrato ao livro enquanto objeto; 2) até Hermione e Draco que os rasgam em determinadas alturas da saga; 3) passando por Flitwick que os usa como escada; 4) e por Snape que escreve neles. Os livros mágicos de Hogwarts não se tornam, assim, objetos de culto para os leitores reais, parecendo-lhes quase tão acessíveis como os próprios livros de Rowling. Quase esperaríamos ver *O Monstruoso Livros dos Monstros* dentro de uma gaiola numa das nossas livrarias, como a Livraria Lello, no Porto, onde Rowling terá ido buscar inspiração.

A bibliotecária Madame Pince é, das representações que analisámos, aquela que mais se destaca pela negativa. Com aspeto de abutre e um constante mau humor, é uma senhora assustadora e austera, rezingona e capaz de tudo para defender os livros. Se quiséssemos analisar tal situação do ponto de vista psicológico poderíamos ser levados a crer que J. K. Rowling conta, na sua história de vida, com más experiências com bibliotecários e que deixou transparecer isso nas suas obras. Ou, menos dramaticamente, que só deu ouvidos a estereótipos. A verdade é que há poucas personagens em *Harry Potter* que sejam descritas negativamente em todos os excertos a elas relativos. Até Snape, que passa seis livros a ser descrito como detestável, se torna uma das personagens mais apaixonantes no fim da saga. Madame Pince é uma personagem secundária, mas as suas constantes descrições negativas põem-na quase lado a lado com Umbridge, provavelmente a professora mais odiosa de toda a saga. Nos filmes, por sua vez, Madame Pince parece estar simplesmente ali, uma personagem figurante. E isso, apesar de não a tornar especial, torna-a mais apelativa do que a sua descrição literária. Podemos ainda analisar esta personagem comparando-a com os bibliotecários do mundo real, cumprindo as suas funções: 1) vemos Madame Pince a vigiar a biblioteca e a proteger o seu silêncio, tal como muitas vezes acontece na realidade, apesar de as bibliotecas já não serem os velhoslugares de silêncio total; 2) vemo-la, também, vigiar os alunos e o seu estudo, como muitas vezes sucede nas bibliotecas escolares, mas nada além disso; 3) não é uma bibliotecária que realize trabalho técnico, não a vemos participar das etapas do circuito documental nem realizar catalogação; 4) e, nos filmes, os livros da biblioteca de Hogwarts não têm sequer as habituais cotas nas lombadas como os livros das bibliotecas do nosso mundo. (serão provavelmente apetrechos desnecessários num mundo onde tudo se encontra através de um simples feitiço); 5) também não vemos esta bibliotecária

desenvolver atividades ou qualquer tipo de promoção da leitura. Podemos concluir que, quanto às representações da biblioteca e da bibliotecária, elas estão lá como parte de um espaço total – que é Hogwarts – mas não têm uma identidade própria, o leitor não se aprofunda no conhecimento delas e não vemos a maioria das suas funções e objetivos de intervenção serem desenvolvidos.

As personagens leitoras de Harry Potter, por outro lado, têm uma representação que se assemelha mais à dos livros: elas são todas diferentes entre si, com gostos diversos, opiniões diversas e diferentes formas de ler e de estar na vida. São, novamente, um bom exemplo de *mimesis* na questão da literatura e da sua relação com a realidade. E este é um fator importante, pois será talvez aquele que, de entre os analisados neste trabalho, mais proporciona uma relevante identificação leitor-personagem. Muitos jovens leitores de *Harry Potter* identificar-se-ão com a coragem e insensatez de Harry; outros, serão como Ron, desastrados e bem-humorados; outros ainda como Luna que gosta de acreditar em coisas impossíveis. Mas mais do que todas essas personagens, quando se fala de jovens leitores da saga, todos serão certamente um pouco como Hermione, ou nunca conseguiriam absorver as mais de 3 300 páginas que Rowling escreveu.

Pode não ser óbvio, à primeira vista, a relação entre a análise da representação literária dos livros e das bibliotecas em alguma literatura infantojuvenil e o trabalho real e prático de uma biblioteca. Ainda assim, consideramos que existe um fio condutor entre os dois que pode ser, não só interessante do ponto de vista da Literatura Comparada, mas também útil para o dia a dia de um bibliotecário que deseje promover a leitura e ajudar a criar novos leitores. Vimos, no início deste estudo, que o número de leitores e de leituras atualmente se encontra num nível assustadoramente baixo. E isso é tão preocupante para as bibliotecas como para todo o sistema literário; e até mesmo para a própria sociedade.

Como afirmava Daniel Pennac *O verbo ler não suporta o imperativo* (PENNAC, 1999). A leitura deve ser, não uma aborrecida obrigação imposta, mas sim algo aliciante e desafiador, capaz de nos pôr a pensar e de nos fazer querer ler sempre mais. Não faz mal começar a ler com Harry Potter; o erro está em nunca ler.

Consideramos agora que as perguntas a que nos propusemos no início eram bastante ambiciosas. Pudemos perceber como são os leitores, a leitura, os livros e as bibliotecas representados neste caso da literatura infantojuvenil, especificamente na saga estudada; mas qual é o efeito disso na realidade? Arriscamo-nos a dizer que, no que se refere à representação das personagens leitoras, irá certamente ser criada uma identificação leitor-

personagem relevante. É fácil, como acabámos de ver, um jovem leitor identificar-se com um dos jovens leitores da história, até pela quantidade de leitores que a saga nos traz. A biblioteca de Hogwarts, por outro lado, apesar de não ser um espaço central, seria certamente um espaço que estes jovens leitores iriam gostar de visitar. Mas no que toca a Madame Pince, dificilmente um leitor da história quereria ser amigo dela, ou tornar-se ele próprio um bibliotecário. É também difícil dizer como podem as bibliotecas fazer usode tudo isto a seu favor. Parece-nos agora que, mais do que ver como as bibliotecas são retratadas na literatura, devemos ver como as bibliotecas tratam a literatura. Fazer as histórias saltar das páginas dos livros para as salas das nossas bibliotecas, deixar que a literatura ganhe vida própria para assim dinamizar as nossas bibliotecas, tornando-as ainda mais vivas. Talvez, então, as próprias bibliotecas comecem a ser cada vez melhor “traduzidas”, uma representação com semântica, na literatura.

Conhecemos a importância que as bibliotecas têm para a literatura, não apenas como lugar de salvaguarda dos objetos livro, mas considerando que é através delas que a literatura pode chegar a todos os que a procuram, mesmo que quem a procure não disponha de meios financeiros. Consideramos também que a literatura e o seu estudo são fundamentais para que as nossas bibliotecas possam ser cada vez mais e mais atrativas. E sabemos que, apesar de elas nem sempre serem representadas da melhor forma na literatura, isso não invalida esta relação, nem a importância de se transformarem em bons “lugares literários”, categorias de narrativas ou palavras ouvidas em lugar de rima. Simultaneamente, consideramos importante que as bibliotecas se adaptem cada vez mais aos dias de hoje, na esperança de criar novos leitores. E isso não pode ser feito tornando a leitura numa obrigação; é essencial que as bibliotecas e todos os outros promotores de leitura consigam levar a literatura mais longe, fazê-la sair dos livros, como o faz o cinema, ainda que temporariamente, apenas para agarrar novos leitores como o *Diário de Tom Riddle* agarra Harry, e para que os espectadores possam voltar ou começar a ser leitores. A literatura pode ser um organismo complexo vivo, originando objetos quase magicamente sencientes, se estivermos disponíveis para com ela convivermos, para termos os livros perto de nós, à nossa volta, como vizinhos, como numa biblioteca.

Bibliografia ativa

ROWLING, J. K. (2003). *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Queluz de Baixo: Editorial Presença

ROWLING, J. K. (2002). *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*. Queluz de Baixo: Presença

ROWLING, J. K. (2002). *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Queluz de Baixo: Presença

ROWLING, J. K. (2003). *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Queluz de Baixo: Editorial Presença

ROWLING, J. K. (2003). *Harry Potter e a Ordem da Fénix*. Queluz de Baixo: Editorial Presença

ROWLING, J. K. (2005). *Harry Potter e o Príncipe Misterioso*. Queluz de Baixo: Presença

ROWLING, J. K. (2007). *Harry Potter e os Talismãs da Morte*. Queluz de Baixo: Presença

ROWLING, J. K. (2008). *Os Contos de Beedle O Bardo*. Lisboa: Editorial Presença

ROWLING, J. K. (2001). *O Quidditch através dos tempos*. Lisboa: Editorial Presença

ROWLING, J. K. (2017). *Monstros Fantásticos e onde encontra-los*. Lisboa: Editorial Presença

Bibliografia passiva

- ARAÚJO, Manuel António Teixeira (2008). *A Emancipação da Literatura Infantil*. Porto: Campo de Letras
- AZEVEDO, Fernando (2015). *Literatura Infantil e Imaginário*. Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho
- BACH, Pierre (1991). *O Prazer na Escrita: Pedagogia da Narrativa*. Rio Tinto: Edições Asa
- BALÇA, Ângela e PIRES, Maria da Natividade Carvalho (2012). *Literatura Infantil e Juvenil: Formação de Leitores*. Carnaxide: Santillana
- BASTOS, Glória e PINHEIRO, Maria da Graça Nogueira (2008). *Entre a realidade e a ficção: percepções sobre o universo de Harry Potter*. In <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1978/1/POTTER.pdf>
- BLOCKEEL, Francesca (2001). *Literatura Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa: Caminho
- BORGES, Jorge Luis (2000). *Ficções*. Linda-a-Velha: Abril/Controljornal
- CANDIDO, António (2004). *O Direito à Literatura: e outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novus
- CEIA, Carlos (1999). *A Literatura Ensina-se?: Estudos de Teoria Literária*. Lisboa: Colibri
- CHRISTIE, Agatha (1998). *Um cadáver na biblioteca*. Lisboa: Círculo de Leitores
- CHORÃO, João Bigotte (2014). *Além da Literatura*. Lisboa: Quetzal
- CURTIUS, Ernst Robert (1990). *European Literature and the Latin Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press
- EAGLETON, Terry (2021). *Como ler literatura*. Lisboa: Edições 70
- ENDE: Michael (1996). *A História Interminável*. Lisboa: Presença
- FERREIRA, Carmen Zita (2015). *O Morcego Bibliotecário*, Porto: Trinta por uma Linha
- FRANCISCO, Beatriz Masson (2019). *Leitores e Leituras de Harry Potter*. São Paulo in https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-19112019-171247/publico/2019_BeatrizMassonFrancisco_VCorr.pdf

- GOTTMAN, John e DECLAIRE, Joan (1999). *A Inteligência Emocional na Educação*. Lisboa: Pergaminho
- GUYARD, Marius François (1956). *A Literatura Comparada*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro
- HESSE, Hermann (2018). *Uma Biblioteca da Literatura Universal*. Amadora: Cavalo de Ferro
- MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri (2001). *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Presença
- MANGUEL, Alberto (2019). *Monstros Fabulosos: Drácula, Alice, Super-Homem e outros amigos literários*. Lisboa: Tinta da China
- MANGUEL, Alberto e GUADALUPI, Gianni (2020). *Dicionário de Lugares Imaginários*. Lisboa: Tinta da China
- MANGUEL, Alberto (2020). *Uma História da Leitura*. Lisboa: Tinta da China
- PETIT, Michèle (2020), *Ler o Mundo*. Matosinho: Faktoria K
- PORTELA, Manuel (2003). *O Comércio da Literatura: Mercado & Representação*. Lisboa: Antígona
- RAMOS, Ana Margarida (2007). *Livros de Palmo e Meio*. Lisboa: Caminho
- RECHOU, Blanca-Ana Roig (2013). *Educação Literária e Literatura Infantojuvenil*. Porto: Tropelias e Companhia
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. (1990). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina
- REIS, Carlos (1997). *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*. Porto: Almedina
- REIS, Carlos (2006). *Figuras da Ficção*. Coimbra: Faculdade de Letras Centro de Literatura Portuguesa
- SCHWANITZ, Dietrich (2008). *Cultura: tudo o que é preciso saber*. Alfragide: Livros D' Hoje
- SILVA, Luiza Tropia (2013). *A Formação Do Leitor Literário: um estudo de caso com*

leitores de Harry Potter. Belo Horizonte in

file:///C:/Users/arisso/Downloads/luiza_tr_pia_silva_pronto.pdf

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e (1991). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina

ULITSKAYA, Ludmila (2007). *Sónetchka*. Porto: Campo das Letras

VALIM, Júlio Pancrácio (2014). *Mito, arte e educação: o imaginário em Harry Potter*.

São Paulo in [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122014-](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122014-104552/publico/JULIO_PANCRACIO_VALIM.pdf)

[104552/publico/JULIO_PANCRACIO_VALIM.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122014-104552/publico/JULIO_PANCRACIO_VALIM.pdf)

VALLEJO, Irene (2021) *O Infinito Num Junco*. Lisboa: Bertrand

VASCONCELOS, Helena (2008). *A Infância é um território desconhecido*. Lisboa:

Quetzal

VICKERS, Salley (2020). *A Bibliotecária*. Lisboa: Cultura Editora

RUIZ ZAFÓN, Carlos (2008). *A Sombra do Vento*. Alfragide: Dom Quixote

Anexos

Glossário

Azkaban – A prisão dos feiticeiros, que se situa numa ilha rochosa no meio do mar e é guardada pelos Dementors.

Basilisk – Serpente gigante que nasce de um ovo de galinha chocado por um sapo e apenas teme o cantar dos galos. O seu olhar é fatal.

Beauxbatons – Escola Feminina de Feitiçaria, localizada algures em França.

Cálice de Fogo – Cálice mágico usado para selecionar os alunos para o torneio dos três feiticeiros.

Câmara dos Segredos – Local secreto de Hogwarts, criado por Salazar Slytherin, um dos fundadores da escola. Segundo a lenda viria um dia o seu herdeiro, que iria abrir a câmara e libertar o monstro existente nela (um Basilisk) para eliminar todos os meio sangue e sangue de lama.

Defesa Contra as Artes Negras – disciplina de Hogwarts, também chamada de Defesa Contra as Artes das Trevas.

Dementor – Criatura sem rosto que suga a alegria e a felicidade das pessoas. Em casos extremos, pode mesmo sugar a alma das pessoas pela boca, algo a que se chama “o beijo do dementor”.

Diagon-Al – Rua dos feiticeiros, repleta de lojas, onde os alunos de Hogwarts vão habitualmente fazer as suas compras antes do início do ano letivo.

Dobby – Elfo Doméstico que pertencia à família dos Malfoy até Harry Potter ter conseguido que fosse libertado.

Durmstrang – Escola de Feitiçaria masculina, localizada algures na Suécia ou Noruega

Elfo Doméstico – criatura escrava doméstica das famílias ricas de feiticeiros.

Flourish and Blotts – livraria mágica localizada na Diagon-Al.

Gryffindor – Uma das quatro equipas de Hogwarts. Alberga os alunos mais ousados e corajosos

Herbologia – Disciplina de Hogwarts, que se baseia no estudo das plantas mágicas e é lecionada nas estufas em redor do castelo.

Hogwarts – Escola de Magia e Feitiçaria da Grã-Bretanha.

Horcruxes – Objetos onde, graças a uma poderosa magia negra, um feiticeiro esconde parte da sua alma para conseguir a vida eterna.

Hufflepuff – Uma das quatro equipas de Hogwarts. A mais inclusiva das quatro equipas, valoriza o trabalho árduo e a paciência.

Lord Voldemort – Antigamente chamado Tom Marvolo Riddle, é o vilão da história, o mais poderoso mago negro de sempre

Manto da Invisibilidade – O terceiro dos três Talismãs da Morte. Um manto que, segundo a lenda, foi produzido pela própria morte e que tem desde então passado de pai para filho. Torna quem o usa invisível.

Meio Sangue – Feiticeiros meio-sangue são aqueles que descendem de um feiticeiro e de um muggle.

Muggles – Os não-mágicos

Ordem da Fénix – Organização secreta que luta contra Lord Voldemort

Pedra da Ressurreição – O segundo dos três talismãs da morte. Criada pela própria morte, tem o poder de trazer de volta ao mundo dos vivos os mortos que o seu possuidor amou. No entanto, apenas parcialmente.

Pedra Filosofal – Pedra criada por Nicholas Flamel através da Alquimia, que produz o elixir da vida eterna e transforma qualquer metal em ouro.

Poção Polissuco – Poção que transforma temporariamente aquele que a bebe em outra

pessoa

Privet Drive – localidade da Grã-Bretanha onde vive a família muggle de Harry, Vernon, Petúnia e Dudley Dursley.

Profeta Diário – O mais reconhecido jornal dos feiticeiros

Quidditch – O jogo dos feiticeiros. Jogado em vassouras com sete jogadores e cinco bolas.

Ravenclaw – Uma das quatro equipas de Hogwarts, alberga os alunos mais inteligentes.

Sangue de Lama – Insulto usado para chamar aos feiticeiros filhos de Muggles.

Sangue Puro – Adjetivo usado para definir os feiticeiros que descendem de longas linhagens de feiticeiros.

Seeker – Um dos jogadores de uma equipa de Quidditch. A sua tarefa é apanhar a Snitch.

Slytherin – Uma das quatro equipas de Hogwarts. Alberga os alunos mais ambiciosos.

Snitch – Bola pequena e dourada, usada nos jogos de Quidditch. O jogo só termina quando a Snitch é capturada.

Talismãs da Morte – Conjunto que engloba a varinha de sabugueiro, a pedra da ressurreição e o manto da invisibilidade, que segundo a lenda foram criados pela própria morte e tornariam o seu possuidor senhor da morte.

Torneio dos Três Feiticeiros – Torneio tradicional inter-escolas entre Hogwarts, Durmstrang e Beauxbatons.

Varinha de Sabugueiro – O primeiro dos três talismãs da morte e aquele que mais facilmente se encontra uma vez que passa de um dono para outro através do assassinato.

Voz Delirante – Revista dos feiticeiros

Citações

Harry Potter e a Pedra Filosofal

Só quando chegou à esquina teve o primeiro sinal de que algo estranho se passava – uma gata estudava um mapa. No primeiro segundo, o senhor Dursley não teve consciência do que vira – mas, depois, voltou a cabeça para olhar melhor. E lá estava a gata malhada, na esquina de Privet Drive, mas não havia mapa nenhum à vista. Onde diabo tinha ele a cabeça? É claro que tinha sido uma ilusão de óptica. O senhor Dursley piscou os olhos e fixou bem a gata. Ela olhou para ele. Quando o senhor Dursley virou a esquina para subir a rua, espreitou pelo retrovisor. A gata lia agora a tabuleta onde estava escrito «Privet Drive» - não, não lia, olhava, os gatos não podem ler mapas nem tabuletas. (ROWLING, 2003:10)

-Uma carta? – repetiu a professora McGonagall quase sem voz, voltando a sentar-se no muro. – Francamente, Dumbledore, acha que é possível explicar tudo isto numa carta? – Esta gente nunca na vida vai entendê-lo. Elevai ser famoso – um gênio -, não me espantaria nada se o dia de hoje viesse no futuro a ser conhecido como o dia de Harry Potter – vão escrever-se livros a seu respeito, todas as crianças do nosso mundo conhecerão o seu nome! (ROWLING, 2003:19)

As outras prateleiras estavam cheias de livros e eram as únicas coisas em todo o quarto que pareciam nunca ter sido tocadas (ROWLING, 2003:38)

Harry sentou-se a pensar em tudo aquilo enquanto Hagrid lia o jornal, o Daily Prophet (O Profeta Diário). Tinha aprendido com o tio Vernon que as pessoas gostavam que as deixassem em paz quando liam o jornal mas era muito difícil. (ROWLING, 2003:59)

Série de livros

Todos os alunos deverão ter um exemplar dos seguintes livros:

O Livro Básico dos Feitiços (grau 1), por Miranda Goshawk

A História da Magia, por Bathilda Bagshot

A Magia Teórica, por Adalbert Waffling

A Transfiguração – Um Guia para Principiantes, por Emeric Switch

Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos, por Phyllida Spore

Planos e Poções Mágicas, por Arsenius Jigger

Animais Fantásticos e Onde Encontrá-los, por Newt Scamander

As Forças das Trevas: Guia para Autoproteção, por Quentin Trimble

(ROWLING, 2003:61)

Calculo que venha tratar do equipamento. Eu venho buscar um novo livro sobre vampiros. – Parecia apavorado com a simples ideia. (ROWLING, 2003:64)

-É, coitado. Uma inteligência brilhante. Não era assim quando estudava só p'los livros mas quando tirou um ano p'ra fazer as primeiras experiências... (ROWLING, 2003:64)

Havia lojas de capas e mantos, lojas de telescópios que vendiam também uns estranhos instrumentos prateados que ele nunca tinha visto, montras cheias de caixas com morcegos mal-dispostos e olhos de enguias, pilhas instáveis de livros de feitiços, penas de ave e rolos de pergaminho, garrafas com poções, globos lunares... (ROWLING, 2003:65)

- 'Tá prá 'qui não sei onde, - disse Hagrid que começou a esvaziar os bolsos em cima do balcão, espalhando uma mão cheia de biscoitos de cão todos amassados sobre o livro de contabilidade dos duendes. O duende torceu o nariz. (ROWLING, 2003:66)

-O meu pai está aqui ao lado a comprar-me os livros e a minha mãe está numa loja lá adiante à procura de varinhas – disse o rapaz (ROWLING, 2003:70)

Compraram os livros escolares para Harry numa livraria chamada Flourish and Blotts (Brilhos e Manchas), onde as prateleiras estavam cheias até ao tecto com livros tão grandes como lajes de pedra, outros do tamanho de selos de correio, com capas de seda, livros cheios de símbolos peculiares e alguns sem nada escrito. Até o Dudley, que nunca lia nada, teria gostado de deitar a mão a alguns destes. Hagrid teve quase de arrastar Harry para longe das Maldições e Contramaldições (enfeitiça os teus amigos e confunde os teus inimigos com as últimas vinganças: perda de cabelo, amolecimento das pernas, língua presa e muitos, muitos outros) pelo professor Vindictus Viridian (ROWLING, 2003:72)

Uma varinha mágica... era o que Harry realmente mais desejava. A última loja era estreita e encontrava-se em muito mau estado. Nas letras douradas e descarnadas, da porta, podia ler-se Ollivander: Fabricante das melhores varinhas desde 382 a.C. Na montra suja estava uma única varinha, sobre uma almofada de carmesim descolorido.

Uma campainha ouviu-se algures no fundo da loja quando eles entraram. Era um espaço pequenino, vazio, , que tinha uma única cadeira raquítica onde Hagrid se sentou enquanto esperava. Harry experimentou a estranha sensação de ter entrado numa biblioteca muito austera, engoliu uma série de novas perguntas que acabavam de lhe passar pela cabeça e olhou para os milhares de caixas estreitinhas, metodicamente empilhadas até ao tecto. Sem saber porquê sentiu um formigueiro na nuca. O silêncio e o pó que ali reinavam pareciam entorpecê-lo com uma magia secreta. (ROWLING, 2003:73 e 74)

Harry ficava no quarto tendo como companhia a sua coruja a quem resolveu chamar Hedwig, um nome que encontrou no livro História da Magia. Os seus livros de estudo eram muito interessantes e ele ficava deitado em cima da cama até altas horas da noite a ler. (ROWLING, 2003:78)

- A sério? – disse Hermione – Sei tudo a teu respeito, é claro; tenho alguns livros suplementares para leitura de apoio que falam de ti, como por exemplo a História da Magia Moderna, Alvorada e Crepúsculo das Artes das trevas e Os Grandes Acontecimentos da Feitiçaria no Século Vinte.

- Falam de mim? – perguntou Harry, espantado.

- Meu Deus, não sabias? Eu, no teu lugar, teria tentado descobrir tudo (ROWLING, 2003:92)

O Charlie está na Roménia a estudar dragões e o Bill está em África a fazer um trabalho para Gringotts -, disse o Ron. – Ouviste as notícia sobre Gringotts? Não se fala noutra coisa no Profeta Diário, mas não deves recebê-lo em casa dos Muggles; alguém tentou assaltar um cofre de alta segurança. (ROWLING, 2003:93)

A fim de evitar todos aqueles olhares fixos, Harry olhou para cima e viu um tecto preto aveludado salpicado de estrelas. Ouviu Hermione murmurar: «É pura magia para parecer o céu lá de fora, li sobre isso n' A História de Hogwarts (ROWLING, 2003:100)

O professor Flitwick, que ensinava os encantamentos, era um feiticeiro pequenino que tinha de subir para uma pilha de livros de modo a conseguir espreitar por cima da secretária. No princípio da sua primeira lição pegou no livro de ponto e quando chegou ao nome de Harry ficou tão perturbado que se desequilibrou, deu um guincho e os alunos deixaram de o ver. (ROWLING, 2003:114)

Snape, tal como Flitwick, começou a aula pegando no livro de ponto e, tal como Flitwick, parou no nome de Harry.

- Ah! Sim – disse com toda a calma. – Harry Potter. A nossa nova celebridade. (ROWLING, 2003:116)

- Bem me parecia que não ias abrir um livro antes de começarem as aulas. Não foi, Potter?

Harry fez um esforço para aguentar aquele olhar frio. Ele tinha aberto os livros, sim, em casa dos Dursleys, mas será que o Snape esperava que ele se lembrasse de todos os nomes contidos em Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos? (ROWLING, 2003:117)

Hermione Granger estava quase tão nervosa com a ideia de voar como Neville. Tratava-se de uma coisa que não podia aprender-se, de cor, não que ela não tivesse tentado. Na quinta-feira, ao pequeno-almoço chateou-os mortalmente com as informações sobre voo que tinha conseguido obter num livro da biblioteca chamado O Quidditch através dos Tempos. O Neville bebia-lhe as palavras, tal era a sua ânsia de descobrir alguma coisa que o ajudasse a agarrar-se à vassoura, mas todos os outros sentiram um imenso alívio com a chegada do correio. (ROWLING, 2003:123)

O professor Flitwick, que ensinava os encantamentos, era um feiticeiro pequenino que tinha de subir para uma pilha de livros de modo a conseguir espreitar por cima da secretária. No princípio da sua primeira lição pegou

no livro de ponto e quando chegou ao nome de Harry ficou tão perturbado que se desequilibrou, deu um guincho e os alunos deixaram de o ver. (ROWLING, 2003:114)

- O que é que tens aí, Potter?

Era o Quidditch através dos tempos. Harry mostrou-lho.

- Os livros da biblioteca não podem sair da escola – disse o professor. – Dá-mo. Cinco pontos a menos para os Gryffindor. (ROWLING, 2003:153)

-Só um – disse Hermione. – E isso vem lembrar-me que – Harry, Ron, temos meia hora até ao almoço -, devíamos estar na biblioteca.

- É verdade – disse o Ron, afastando o olhar do professor Flitwick que fazia sair bolas douradas da ponta da sua varinha mágica e estava a dispô-las nas ramadas da última árvore.

- A biblioteca? – Perguntou Hagrid, seguindo-os. Mesm'antes do começo das férias, meio estranho, não acham?

-Ah, não é para nenhum trabalho – disse-lhe o Harry alegremente. – Desde que fizeste referência ao Nicolas Flamel, temos andado a tentar descobrir de quem se trata. (ROWLING, 2003:165)

Hermione reuniu uma lista de assuntos e títulos sobre os quais decidira pesquisar, enquanto o Ron, na tentativa de fazer qualquer descoberta, deitava abaixo uma pilha de livros colocando-os ao acaso nas prateleiras. Harry andava à volta da secção dos reservados. Não lhe saía da cabeça a ideia de que o Flamel devia ser mencionado num deles. Infelizmente, era preciso uma autorização especial, assinada por um dos professores, para consultar os livros dos reservados e ele sabia que nunca conseguiria obtê-la. (ROWLING, 2003:166)

Madame Prince, a bibliotecária, ameaçou-o com um espanador de penas. (ROWLING, 2003:166)

Lamentando não ter tido a capacidade de inventar rapidamente uma desculpa, Harry saiu da biblioteca. Tinham decidido os três não perguntar a Madama Pince onde podiam encontrar Flamel. Estavam certos de que ela saberia informá-los, mas não podiam correr o risco de o Snape desconfiar do que eles andavam a fazer. (ROWLING, 2003:166)

A biblioteca estava escura como breu e misteriosa. Harry acendeu uma lâmpada para ver o caminho e as fileiras de livros. A luz parecia flutuar sozinha no ar e, apesar de ele lhe sentir o peso e saber que era o seu braço que pegava nela, a imagem da luz solta no ar causava-lhe arrepios.

A secção dos reservados ficava na parte de trás da biblioteca. Passando com todo o cuidado por sobre a corda que separava estes livros dos outros, ergueu a luz para conseguir ler os títulos.

Não lhe diziam muito. As letras douradas, desbotadas e gastas formavam palavras em idiomas que Harry desconhecia. Alguns nem tinham título. Havia um livro com uma mancha escura que se parecia horrivelmente com sangue. Harry ficou com os cabelos em pé. Talvez fosse imaginação sua, ou talvez não, mas pareceu-lhe ouvir um sussurro vindo dos livros, como se eles

soubessem que estava ali alguém que não deveria estar.

Era preciso começar por um lado qualquer. Colocando a lâmpada no chão com todo o cuidado, procurou na prateleira de baixo um livro que lhe parecesse interessante. Um volume de capa negra e prateada chamou-lhe a atenção, Retirou-o com alguma dificuldade porque era extremamente pesado e, apoiando-o nos joelhos, abriu-o.

Um grito agudo de sangue coalhado quebrou o silêncio – o livro gritava! Harry fechou-o com um estalido mas a gritaria continuava, uma nota aguda, constante e ensurdecadora. (ROWLING, 2003:172 e 173)

-Peúgas quentinhas é uma coisa que faz imensa falta. Passou mais um Natal e ninguém me ofereceu um único par. Toda a gente insiste em oferecer-me livros. (ROWLING, 2003:178)

Tinham perdido praticamente a esperança de encontrar Flamel num dos livros da biblioteca, apesar de Harry continuar a ter a certeza de que tinha lido o nome dele em qualquer lado. Mal as aulas começaram, recomeçou o sistema de visitas rápidas à biblioteca entre uma aula e outra. (ROWLING, 2003:180)

-Fiquem aí – disse ela e correu pelas escadas acima até à camarata das raparigas. Harry e Ron mal tiveram tempo de trocar um olhar de espanto e já ela estava de volta com um enorme livro nas mãos.

- Nunca me lembrei de procurar aqui! – murmurou excitada. – Trouxe-o da biblioteca há umas semanas porque me pareceu uma coisa leve para ir lendo aos bocadinhos. (ROWLING, 2003:183)

Harry, que estava à procura de «díctamo» em Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos, só olhou quando ouviu Ron gritar: - Hagrid, o que estás a fazer na biblioteca? (ROWLING, 2003:191)

-Vou verificar em que secção é que ele esteve -, disse o Ron que já tinha trabalhado bastante. Voltou minutos depois com um monte de livros nos braços e depositou-os sobre a mesa.

-Dragões -, murmurou. – O Hagrid andava à procura de alguma coisa sobre dragões. Olhem só os títulos: Espécies de Dragões do Reino Unido e Irlanda, Do Ovo ao Inferno, Um Guia para os Guardas de Dragões. (ROWLING, 2003:191 e 192)

- Mas o que é que vais fazer com ele depois de o chocar? – perguntou Hermione.

- Bem, tenh'andado a ler – disse Hagrid, retirando um grande livro debaixo da almofada. – Trouxe este da biblioteca – Criação de Dragões para Prazer e Utilização -, 'tá um pouc' ultrapassado mas diz aqui tudo. Manter o ovo ao lume porque as mães respiram sobre eles, e quando o bebé dragão nascer alimente-o com um balde de brande misturado com sangue de galinha, de meia em meia hora. E aqui, 'tão a ver? é como se reconhecem os diferentes ovos. O qu' eu tenho é um dragão negro norueguês. São muito raros. (ROWLING, 2003:194)

Faltava uma semana para os exames quando a nova resolução de Harry, de não interferir em nada que não lhe dissesse respeito, foi inesperadamente posta à prova. À saída da biblioteca, uma tarde, ouviu alguém choramingar numa sala de aulas lá em cima, um pouco mais adiante. Quando se aproximou apercebeu-se que se tratava da voz de Quirrel. (ROWLING, 2003:204)

-Talvez o Snape tenha descoberto como passar pelo cão sem perguntar ao Hagrid – sugeriu o Ron, olhando para os milhares de livros que os rodeavam. – Aposto que há um livro qualquer a dizer como passar por um cão gigantesco com três cabeças. (ROWLING, 2003:204)

Fosse o que fosse que a professora McGonagall estivesse à espera, não era certamente daquilo. Os livros que tinha nos braços espalharam-se pelo chão e ela nem sequer tentou apanhá-los. (ROWLING, 2003:221)

-Claro que não – disse rispidamente Hermione. – Como é que chegarias à pedra sem a nossa ajuda? Vou procurar nos livros, quem sabe se descubro ainda alguma coisa útil... (ROWLING, 2003:224)

Hermione vasculhava em todos os seus apontamentos na esperança de deparar com um dos encantamentos que eles queriam tentar quebrar. (ROWLING, 2003:224)

Harry Potter e a Câmara dos Segredos

Todos os livros de feitiços de Harry, assim como a varinha, os mantos, o caldeirão e a vassoura topo da gama Nimbus Dois Mil tinham sido encerrados pelo tio Vernon na despensa que ficava debaixo das escadas, no momento em que Harry regressara a casa. (ROWLING, 2002:11)

O relógio na parede em frente dele, tinha apenas um ponteiro e nenhum número. Em volta, estavam escritas frases como «Hora de fazer o chá», «Hora de dar de comer às galinhas» e «Estás atrasado». Empilhados no rebordo da lareira estavam livros com títulos como Encanta o teu próprio queijo, Encantamento na cozedura do pão e Banquetes num minuto – é mágico! (ROWLING, 2002:34)

É muito simpático da tua parte, querido, mas é um trabalho chato. – explicou Mrs. Weasley. – Vejamos o que o Lockhart tem a dizer acerca disto.

E puxou do rebordo da lareira um livro pesadíssimo. George resmungou.

- Mãe, nós sabemos des-gnomizar o jardim.

Harry olhou para a capa do livro de Mrs. Weasley. Em grandes letras douradas, que ocupavam grande parte da capa, podia ler-se Guia de Gilderoy Lockhart para pragas caseiras. Via-se também a grande fotografia de um feiticeiro bem-parecido, de cabelos loiros ondulados e olhos azuis-brilhantes. Como sempre, no mundo dos feiticeiros, a fotografia mexia-se. O feiticeiro, que Harry calculou ser Gilderoy Lockhart, não parava de lhes piscar os olhos descaradamente. Mrs. Weasley sorriu-lhe.

- Oh, ele é fantástico – disse. – Conhece bem as pragas caseiras. É um livro maravilhoso. (ROWLING, 2002:36)

Os livros de estudo de feitiços de Ron estavam empilhados desordenadamente a um canto, junto de um monte de B.D., todas elas relativas às Aventuras de Martin Miggs, o Muggle louco. (ROWLING, 2002:40)

Fez-se silêncio durante alguns momentos, enquanto liam as respectivas cartas. A do Harry dizia para apanhar o Expresso de Hogwarts, como sempre na Estação de King's Cross, no dia 1 de Setembro. Havia ainda uma lista dos livros de que precisaria para o próximo ano.

Os alunos do segundo ano deverão ter:

O Livro Padrão de Feitiços, Nível 2, por Miranda Goshawk Ensinaamentos de Uma Fada Carpideira, por Gilderoy Lockhart.

Vagueando com Vampiros, por Gilderoy Lockhart.

Férias com Feiticeiras, por Gilderoy Lockhart.

Viagens com Duendes, por Gilderoy Lockhart.

Viagens com Vampiros, por Gilderoy Lockhart.

Vagueando com Lobisomens, por Gilderoy Lockhart.

Um Ano com o Abominável Homem das Neves, por Gilderoy Lockhart.

Fred, que terminara a sua própria lista, espreitou para a do Harry.

- Também te mandam comprar os livros do Lockhart – disse – A professora de Defesa Contra as Artes Negras deve ser fanática. Aposto que é uma bruxa. (ROWLING, 2002:42)

Uma hora mais tarde dirigiram-se à Flourish and Blotts. Não eram de modo algum os únicos a encaminhar-se para a livraria. À medida que se aproximavam viram com grande surpresa uma grande multidão à porta, tentando entrar na loja. O motivo de tal confusão estava anunciado num cartaz que se estendia ao longo da montra superior.

GILDEROY LOCKHART

Assinará exemplares da sua autobiografia

EU, O MÁGICO

Hoje 12.30-16.30 (ROWLING, 2002:54)

A multidão aplaudiu e bateu palmas e Harry deu consigo a ser presenteado com a obra completa de Gilderoy Lockhart.

Cambaleando ligeiramente sob o peso dos livros conseguiu abrir caminho para longe dos projetores até à porta da sala onde estava Ginny com o seu novo caldeirão.

*- Podes ficar com estes . murmurou Harry, enfiando os livros no caldeirão.
– Eu vou comprar os meus. (ROWLING, 2002:56)*

Hagrid aproximava-se através de um mar de livros. Num segundo afastou Mr. Weasley e Mr. Malfoy. Mr Weasley tinha um lábio cortado e Mr. Malfoy fora agredido num olho por uma Enciclopédia de Cogumelos Venenosos. Tinha ainda na mão o livro sobre Transfiguração da Ginny. Atirou-lho com os olhos a brilhar de malvadez.

*- Toma o teu livro, garota. É o melhor que o teu pai pode oferecer-te.
(ROWLING, 2002:57)*

Acabaram de almoçar e foram para o pátio sombrio. Hermione sentou-se num degrau de pedra e enfiou o nariz nas Viagens com Vampiros (ROWLING, 2002:84)

Quando todos estavam nos seus lugares, Lockhart pigarreou alto e fez-se silêncio. Ele inclinou-se para a frente, pegou no exemplar de Viagens com Duendes de Neville Longbottom e levantou-o para mostrar a sua fotografia a piscar os olhos na capa. (ROWLING, 2002:86)

- Disparate – retorquiu Hermione. – Leste os livros dele. Vê só as coisas que ele já fez!

- Que diz que fez – contrariou-a Ron (ROWLING, 2002:89)

O ataque afectara também Hermione. Era costume dela passar muito tempo a ler, mas agora parecia não fazer mais nada. (ROWLING, 2002:124)

- Algures por aí – disse Ron, apontando para as estantes. – À procura de outro livro. Acho que ela está a tentar ler a biblioteca toda antes do Natal (p. 124)

- Todos os exemplares de Hogwarts: Uma História foram requisitados – disse, sentando-se ao lado de Harry e Ron. – E há uma lista de espera de

duas semanas. Quem me dera não ter deixado o meu exemplar em casa, mas não consegui que coubesse na mala com todos os livros do Lockhart.

- Para que o queres? – perguntou Harry.

- Pelo mesmo motivo que toda a gente o quer – disse Hermione. – Para ler a lenda da Câmara dos Segredos. (ROWLING, 2002:125)

-Desaparece ao fim de algum tempo – disse Hermione, gesticulando impacientemente com a mão – mas conseguir a receita é muito difícil. O Snape disse que vinha num livro chamado As Mais Potentes Poções e está com certeza na Secção de Livros Reservados da Biblioteca.

Só havia uma maneira de obter um livro dos reservados: era com uma autorização assinada por um professor.

- Não estou a ver por que quereríamos o livro – disse Ron. – Se não para tentar fabricar uma das poções. (ROWLING, 2002:134)

Baixaram as vozes ao entrar na quietude abafada da biblioteca. Madam Prince, a bibliotecária, era uma mulher magra e irritável que parecia um abutre mal nutrido. (ROWLING, 2002:137)

Desapareceu entre as estantes e voltou alguns minutos mais tarde, transportando um livro grande e de aspecto antiquado. Hermione meteu-o com todo o cuidado no saco e saíram, tentando não andar depressa de mais nem aparentar um ar culpado. (ROWLING, 2002:137)

Hermione abriu o exemplar de Moste Potente Potions com todo o cuidado e os três inclinaram-se sobre as páginas manchadas de humidade. Era fácil e perceber, logo à primeira vista de olhos, por que pertencia à secção de reservados. Algumas das poções tinham efeitos quase impensáveis de tão macabros e havia ilustrações bastante desagradáveis, como, por exemplo, aquela em que um homem parecia ter sido virado do avesso e da feiticeira com vários pares de braços suplementares a nascerem-lhe na cabeça. (ROWLING, 2002:137)

–Ficarias surpreendido... - explicou ele, olhando com ar apreensivo para o caderno. – Entre os livros que o Ministério confiscou, contou-me o meu pai, havia um que queimava os olhos às pessoas. E todos os que leram os Sonetos de um Feiticeiro ficaram a falar em verso para o resto da vida. Havia também uma feiticeira em Bath que tinha um livro que quem o lesse nunca mais conseguia parar, tinha de andar por aí com o nariz enfiado nas folhas, a fazer todas as coisas só com uma mão e... (ROWLING, 2002:188 e 189)

Era uma página retirada de um livro muito antigo da biblioteca. Harry alisou-a ansiosamente e Ron inclinou-se para poder lê-la também. (ROWLING, 2002:235)

Então, num golpe e asa, Fawkes voou sobre as cabeças de ambos, deixando cair uma coisa no colo de Harry: o diário.

Durante uma fracção de segundo, tanto Harry como Riddle, ainda com a varinha levantada, ficaram a olhar para aquilo. Em seguida, sem pensar, sem ponderar, como se pensasse fazê-lo desde o princípio, Harry agarrou o dente

de Basilisk que estava no chão, junto dele, e espetou-o no coração do caderno.
Ouviu-se um grito longo e terrível. A tinta esguichou em torrentes de dentro do diário, derramando-se sobre as mãos de Harry e inundando o chão. Riddle torcia-se e contorcia-se, agitando-se aos gritos. E, por fim... Desapareceu.
((ROWLING, 2002:260))

Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban

Harry Potter era um rapazinho muito pouco vulgar. Por um lado, a época do ano que mais detestava era a das férias de Verão. Por outro, queria muito fazer os trabalhos de casa, mas via-se obrigado a fazê-los às escondidas, na calada da noite. Além disso, Harry Potter era um feiticeiro.

Era quase meia-noite e ele estava deitado de costas, na cama, com os cobertores a taparem-lhe a cabeça formando uma espécie de tenda, uma lâmpada na mão e um enorme livro com encadernação de cabedal (A História da Magia, de Adalbert Waffling) apoiado contra a almofada. (ROWLING, 2002:9)

Tudo o que actualmente podiam fazer era fechar-lhe os livros de encantamentos, a varinha, o caldeirão e a vassoura no início das férias de Verão e proibi-lo de falar com os vizinhos. Esta separação dos livros de encantamentos constituía um verdadeiro problema para Harry, porque os professores de Hogwarts tinham-lhe passado uma grande quantidade de trabalhos para fazer nas férias. (ROWLING, 2002:10)

Harry riu-se de novo, enquanto pegava no seu presente. Era muito pesado. Conhecendo a Hermione como conhecia, calculou que se tratasse de um livro enorme cheio de feitiços complicados. Mas não era. O seu coração deu um salto quando ele rasgou o papel e viu um estojo preto com letras douradas que diziam: Kit de tratamento de vassouras. (ROWLING, 2002:17)

Muito nervoso, Harry fez um buraco no embrulho. A coisa tentou novamente mordê-lo. Harry pegou na lâmpada que tinha à cabeceira da cama, agarrou-a com força com uma das mãos e levantou-a à altura da cabeça, pronto para lhe bater. Em seguida retirou o resto do papel de embrulho.

E a coisa caiu no chão. Era um livro. Harry só teve tempo de pegar nele para admirar a sua bonita capa verde, adornada com o título a dourado O Monstruoso Livro dos Monstros antes de ele lhe escapar das mãos e fugir apressadamente pelo quarto fora. Harry seguiu-o sub-repticiamente. O livro escondera-se no vão escuro debaixo da secretária. (ROWLING, 2002:18)

Harry achou bastante sinistro que o Hagrid tivesse pensado que um livro capaz de morder iria ser-lhe útil, mas colocou o cartão ao lado dos de Ron e Hermione, cada vez mais satisfeito. (ROWLING, 2002:18)

Harry ficou muito espantado quando viu a montra da livraria. Em vez da exposição habitual de livros de encantamentos com as suas encadernações douradas do tamanho de ladrilhos, via-se uma grande gaiola de ferro que tinha dentro cerca de cem exemplares de O Monstruoso Livro dos Monstros. Páginas arrancadas esvoaçavam por todo o lado enquanto os livros lutavam uns com os outros, todos eles fechados numa furiosa competição, mordendo-se agressivamente.

Harry tirou do bolso a lista de livros e consultou-a pela primeira vez. O Monstruoso Livro dos Monstros estava lá, como o livro obrigatório de Cuidados com as Criaturas Mágicas. Naquele momento, Harry compreendeu por que motivo Hagrid dissera que o livro lhe seria útil. Sentiu-se aliviado. Tinha-lhe passado pela cabeça que Hagrid podia precisar de ajuda por causa de algum pavoroso animalzinho de estimação. (ROWLING, 2002:47)

Um ruído de papel a ser rasgado encheu o ar. Dois dos livros dos monstros tinham agarrado um terceiro e estavam a destruí-lo.

- Parem. Parem – gritava o gerente, enfiando a bengala por entre as grades e tentando separar os livros.

- Nunca mais os mando vir, nunca mais. Tem sido a maior confusão. Pensei que não me aconteceria nada pior do que quando encomendei duzentos exemplares d'O Invisível Livro da Invisibilidade... custaram-me uma fortuna e nunca os encontramos... ((ROWLING, 2002:48)

Mas Harry não estava a ouvi-lo. Os seus olhos tinham-se fixado num outro livro que se encontrava sobre a mesa, em exposição: Presságios de Morte: o que fazer quando se sabe que o pior está a chegar? ((ROWLING, 2002:48)

- Em segundo lugar – continuou Dumbledore, mal os frouxos aplausos ao professor Lupin se esvaíram -, devo comunicar-vos com pesar que o mestre kettleburn, o nosso professor de Cuidados com as Criaturas Mágicas, se reformou no final do ano passado, a fim de poder usufruir tranquilamente dos seus últimos anos de vida. Tenho, contudo, o grande prazer de vos informar de que o seu lugar será ocupado nem mais nem menos que por Rubeus Hagrid, que aceitou acumular este lugar docente com as suas funções de guarda dos campos.

Harry, Ron e Hermione olharam uns para os outros, perplexos. Em seguida juntaram-se aos aplausos que foram exuberantes, principalmente na mesa dos Gryffindor. Harry inclinou-se para a frente para ver Hagrid que estava vermelho como um pimentão e olhava para as mãos enormes com o sorriso oculto no emaranhado da sua barba preta.

- Devíamos ter calculado! – resmungou o Ron, dando um soco na mesa. – Quem mais iria escolher um livro que morde? (ROWLING, 2002:79 e 80)

– Bem, tu tens uma espécie de cruz pouco firme – afirmou consultando o livro Aclarando o Futuro -, quer dizer que vais ter experiências e sofrimento, desculpa lá, mas h'á aqui uma coisa que podia ser o sol. Espera, isto significa grande felicidade. Quer dizer que vais sofrer mas vais ter uma grande felicidade... (ROWLING, 2002:89)

Uma costura acabava de rebentar no saco da Hermione. Harry não ficou surpreendido. Via-se que estava a abarrotar, com mais de uma dúzia de livros grandes e pesados. (ROWLING, 2002:108)

– Boa-tarde – cumprimentou – Façam o favor de guardar de novo os livros nos sacos. A aula de hoje vai ser prática. Precisarão apenas das vossas varinhas. (ROWLING, 2002:108)

- Francamente, será que fui a única pessoa que se deu ao trabalho de ler A História de Hogwarts? – disse Hermione, aborrecida, ao Harry e ao Ron. (ROWLING, 2002:134)

E num momento linhas finas de tinta começaram a espalhar-se como se fossem uma teia de aranha, a partir do ponto em que a varinha de George tocara. Juntaram-se, cruzaram-se, encheram completamente a folha de pergaminho. (ROWLING, 2002:156)

Era um mapa que representava detalhadamente o castelo e os campos de Hogwarts. Mas o mais incrível eram as minúsculas manchas de tinta que se moviam, cada uma identificada com um pequenino nome. Abismado, Harry inclinou-se. Uma mancha identificada no topo do canto esquerdo mostrava o professor Dumbledore no seu escritório. (ROWLING, 2002:156)

Todas as noites, sem falhar uma, lá estava ela a um canto da sala comum com os livros todos espalhados sobre as várias mesas. Aritmancia, gráficos, dicionários de runas, diagramas de Muggles erguendo objectos pesados e filas e filas de notas. Mal falava com quem quer que fosse e respondia agastada quando a interrompiam. (ROWLING, 2002:195)

Harry olhou para a mesa atafalhada de livros onde se via um longo trabalho de Aritmancia em que a tinta ainda brilhava. Depois olhou para o trabalho ainda mais longo de Estudos de Muggles (Explique por que motivo os Muggles precisam de electricidade) e para a tradução das runas em que Hermione estava a pegar naquele momento.

- Como consegues entender-te no meio disto tudo? – perguntou-lhe Harry
- Oh! Bem, tu sabes, com muito trabalho. – disse Hermione. Olhando-a bem de perto, Harry apercebeu-se de que ela parecia quase tão cansada como o professor Lupin.

- Por que que não desistes de algumas matérias? – perguntou-lhe, observando os livros que estavam no ar enquanto ela procurava o dicionário de runas. (ROWLING, 2002:200)

Harry Potter e o Cálice de Fogo

Rolos de pergaminho enchiam o pedaço de secretária que não estava pela enorme gaiola vazia onde a sua coruja das neves, Hedwig, costumava empoleirar-se. No chão, junto da cama estava um livro aberto. Tinha estado a lê-lo na noite anterior antes de adormecer. As ilustrações do livro estavam todas em movimento. Homens de túnicas cor de laranja entravam e saíam de cena sobre as suas vassouras, lançando uma bola vermelha de uns para os outros.

Harry aproximou-se do livro, pegou nele e viu um dos feiticeiros marcar um golo espectacular, enfiando a bola na argola de um poste de marcação de dezasseis metros de altura. Em seguida, fechou o livro. Nem mesmo o Quidditch, na opinião de Harry, o melhor desporto do mundo, conseguia distraí-lo naquele momento. Colocou o livro Voando com os Cannons na mesinha-de-cabeceira, foi até à janela e abriu as cortinas para observar a rua. (ROWLING, 2003:22)

Que lhe diriam eles se lhes escrevesse a contar que lhe doía a testa no sítio da cicatriz?

Ouviu, de imediato, a voz de Hermione Granger dentro da sua cabeça, estridente e em pânico.

- A tua cicatriz dói? Harry, isso é muito grave... escreve ao professor Dumbledore! Eu vou consultar o manual de Padecimentos Vulgares e Calamidades Mágicas. Talvez encontre alguma coisa sobre cicatrizes de maldição.

Sim, esse seria muito provavelmente o conselho de Hermione: ir rapidamente ter com o director de Hogwarts e, enquanto isso, consultar um livro. Harry espreitou pela janela para o céu azul escuro. Tinha dúvidas sobre se algum livro poderia ajudá-lo agora. Tanto quanto sabia, era a única pessoa a ter sobrevivido a uma maldição como a de Voldemort. Era portanto muito pouco provável que os seus sintomas fizessem parte dos Padecimentos Vulgares e Calamidades Mágicas. (ROWLING, 2003:24)

Harry riu-se, mas não deixou transparecer o grande espanto que sentira ao ouvir falar de outras escolas de feitiçaria. E agora, que se apercebia da existência de feiticeiros de tantas nacionalidades, sentiu-se um pouco estúpido por ter imaginado que Hogwarts era a única escola. Olhou para Hermione, cuja

expressão não denotava a menor surpresa. Certamente soubera por algum livro da existência das múltiplas escolas de feitiçaria. (ROWLING, 2003:75)

Enquanto isso Hermione folheava ansiosamente o seu programa com capa de veludo. (ROWLING, 2003:87)

-Beauxbatons – murmurou Hermione

- O quê?

- Elas devem ser de Beauxbatons. Li a esse respeito no Tratado de Educação Mágica na Europa... (ROWLING, 2003:107)

Já te disse que é o sinal do Quem Nós Sabemos, Ron – explicou Hermione antes que mais alguém tivesse tempo de responder. – Lisobre isso na Ascensão e Queda da Magia Negra. (ROWLING, 2003:121)

As reacções de Ron e Hermione foram exactamente as que ele imaginara no seu quarto de Privet Drive. Hermione sobressaltou-se e começou logo a dar sugestões, mencionando uma série de livros e pessoas. Desde Albus Dumbledore a Madam Pomfrey, a enfermeira-chefe de Hogwarts. (ROWLING, 2003:126 e 127)

A chuva escorria pelas janelas da sala. Hermione estava imersa no seu exemplar do Livro Clássico de Feitiços, Grau 4 que Mrs Weasley trouxera da Diagon-Al para ela, Harry e Ron. (ROWLING, 2003:129)

-Tem de ser – respondeu Hermione com a voz empastada. – O trabalho é muito.

- Mas disseste-nos que o professor Vector...

- Não é trabalho da escola – Explicou. Cinco minutos mais tardetinha o prato limpo e saído. (ROWLING, 2003:172)

- Estive na...

- ...biblioteca – Harry terminou a frase (ROWLING, 2003:175)

Sentaram-se apressadamente em três cadeiras mesmo em frente da secretária do professor, tiraram os exemplares de Forças das Trevas – Um Guia de Autoprotecção e esperaram invulgarmente quietos. Pouco depois ouviram os passos inconfundíveis de Moodya atravessar o corredor e a entrar na sala com um ar mais

estranho e assustador que nunca. A sua garra de madeira era visível por baixo do manto.

- Podem guardar isso – disse secamente, aproximando-se da secretária e sentando-se. – Não vão precisar desses livros. (ROWLING, 2003:175)

Vendo que estavam todos a olhar para ela disse, com o seu habitual ar de impaciência, que mais ninguém tinha lido os livros que ela lera: - Isso está tudo em Hogwarts: Uma História. Embora, claro, o livro não seja inteiramente de fiar. «Uma História Revista de Hogwarts» seria um título mais adequado. Ou

«Uma História Altamente Preconceituosa e Selectiva de Hogwarts, com os Aspectos mais Desagradáveis da Escola já Atenuados.» (ROWLING, 2003:197)

- Elfos domésticos! – bradou Hermione em voz alta, dando razão a Harry. – Nem uma única vez, em mais de mil páginas, se refere em Hogwarts: Uma História que somos todos coniventes na omissão de uma centena de escravos. (ROWLING, 2003:197)

Deram três voltas ao lago, tentando lembrar-se de um feitiço simples que conseguisse dominar um dragão. Não lhes ocorreu absolutamente nada e, portanto, foram para a biblioteca. Aí, Harry foi buscar todos os livros sobre dragões de que se conseguiu lembrar e ambos se deitaram ao trabalho, procurando na enorme pilha.

- Corte de garras através de feitiços... Como tratar doenças das escamas... isto não serve para nada, é para tarados como Hagrid, que os querem manter de boa saúde...

- É extremamente difícil matar dragões, devido à antiquíssima magia que embebe as suas espessas peles, que só podem ser penetradas pelos mais poderosos feitiços... mas Sirius disse que bastava um feitiço simples...

- Então, vamos tentar livros sobre feitiços simples – disse Harry, pondo de lado o exemplar de Homens Que Amam Demasiado os Dragões.

Voltou para a mesa com um monte de livros de feitiços, pousou-os e começou a folhear um de cada vez, com Hermione ao lado, que não parava de murmurar. (ROWLING, 2003:276 e 277)

Leu desesperadamente o índice de Feitiços Básicos para os Ocupados e Vexados: escalpamento instantâneo... mas os dragões não tinham pelo... bafo de pimenta... isso só iria provavelmente

aumentar o poder de fogo do dragão... língua de chifre... mesmoo que ele precisava, para lhe dar ainda mais uma arma...(ROWLING, 2003:277)

- Oh, não, aí vem ele outra vez, porque é que ele não fica a ler naquele estúpido do navio? – disse Hermione irritada, quando Viktor Krum entrou indolentemente, lançando-lhes um olhar sinistro e instalando-se num canto distante com uma pilha de livros.

- Anda, Harry, vamos voltar para a sala comum, o clube de fãs dele deve estar a chegar a qualquer momento para fazer a algazarra do costume. E, na verdade, ao saírem da biblioteca, passou por eles um bando de raparigas em pontas de pés, uma delas com um lenço búlgaro atado à cintura. (ROWLING, 2003:277)

- Suponho que te pediu para vires com ele quando estavam ambos na biblioteca?

- Sim, por acaso foi – respondeu Hermione, com as rosetas dorsto ainda mais coradas. – E depois?

- Como é que foi... tentaste que ele se inscrevesse nessa coisa dababa?

- Não, não foi! Se queres mesmo saber, ele... ele disse que ia todos os dias à biblioteca para tentar falar-me, mas não tinha conseguido arranjar coragem! (ROWLING, 2003:344)

Ele, Ron e Hermione estavam sentados na biblioteca enquanto o sol de punha lá fora, folheando febrilmente páginas após páginas livros de feitiços, cada um deles oculto pela imensa pilha de livros que lhe cobria a secretária. O coração de Harry dava um pulo enorme sempre que via a palavra «água» numa página, mas era quase sempre «use dois decilitros de água, duzentos gramas de folhas de mandrágora desfiadas e um...» (ROWLING, 2003:395)

- Tem de haver alguma coisa – murmurava Hermione, puxando uma vela para mais perto de si. – Tinha os olhos tão cansados que examinava a letra minúscula de Encantamentos e Feitiços Antigos e Esquecidos com o nariz a dois centímetros do papel. – Nunca teriam dado uma tarefa impossível de fazer.

- Mas deram – disse Ron. – Harry, amanhã vais até ao lago, enfias a cabeça lá dentro, gritas às sereias para te devolverem o que te tiraram e vês se elas a deitam cá para fora. É o melhor que

podes fazer, amigo.

- Há uma maneira de o fazer! – exclamou Hermione, zangada. – Tem de haver!

Parecia que ela considerava a falta de informações úteis da biblioteca sobre aquele assunto como um insulto pessoal; nunca lhe falhara antes. (ROWLING, 2003:395 e 396)

- Encontramo-nos contigo na sala comum – disse Hermione a Harry, ao levantar-se para sair com Ron, ambos com um ar muitoansioso. – Traz o maior número de livros possível, está bem?

- ‘Tá – disse Harry, angustiado.

Às oito horas, Madam Prince tinha apagado todos os candeeiros e veio pôr Harry fora da biblioteca. A cambalear sob o peso de tantos livros quantos conseguia carregar, Harry regressou à sala comum dos Gryffindor, puxou uma mesa para um canto e continuou a busca. Não havia nada em Magia Activa para Bruxos Excêntricos... nada em Um Guia de Feitiçaria Medieval... nem uma menção de feitos subaquáticos em Uma Antologia de Feitiços do Século Dezoito ou em Habitantes Medonhos das Profundezas, ou Poderes que Desconhecia Possuir e Que Fazer com Eles Agora Que os Descobriu. (ROWLING, 2003:397)

Às dez para a meia-noite ficou sozinho na sala com Crookshanks. Procurara em todos os livros restantes e Ron e Hermione não tinham regressado. (ROWLING, 2003:397)

- Lumos – sussurrou Harry quinze minutos mais tarde, ao abrir a porta da biblioteca.

Com a ponta da varinha acesa, deslizou por entre as prateleiras, tirando mais livros – livros de feitiços e encantamentos, livros sobre sereias e monstros marinhos, livros sobre feiticeiros e bruxos famosos, sobre invenções mágicas, sobre tudo o que pudesse incluir uma referência por mais ligeira que fosse à sobrevivência debaixo de água. Levou-os para uma mesa e lançou-se ao trabalho, lendo-os à luz fraca da sua varinha e olhando de vez em quando para o relógio...

Uma da manhã... duas da manhã... a única forma de poder prosseguir era repetir para si próprio sem cessar No próximo livro... no próximo... no outro... (ROWLING, 2003:398)

Harry abriu os olhos. Continuava na biblioteca. O manto da invisibilidade escorregara-lhe da cabeça enquanto dormia e tinha a cara colada às páginas de Ter Uma Varinha é Ter Poder.

(ROWLING, 2003:399)

O exterior de Hogwarts nunca parecia tão convidativo como quando Harry tinha de ficar dentro da escola. Nos dias que se seguiram passou todo o seu tempo livre na biblioteca com Hermione e Ron, à procura de feitiços, ou em salas de aula vazias para onde se esgueiravam a fim de praticar. (ROWLING, 2003:466)

Não percebeste de que o livro que precisavas esteve o tempo todo no teu dormitório? Puxa-lo lá muito antes, dei-o ao pequeno Longbottom, não te lembras? Plantas Mágicas Mediterrâneas e Suas Propriedades. Ter-te-ia dito tudo o que precisavas sobre o Guelracho (ROWLING, 2003:546)

Se Snape ou McGonagall acharam aquelas instruções esquisitas, ocultaram a sua confusão. Ambos se viraram imediatamente e saíram do gabinete. Dumbledore dirigiu-se à arca das sete fechaduras, enfiou a primeira chave na fechadura e abriu-a. Continha uma série de livros de feitiços. Dumbledore fechou a arca, colocou a segunda chave na segunda fechadura e abriu de novo a arca. Os livros de feitiços tinham desaparecido; (ROWLING, 2003:549)

Harry Potter e a Ordem da Fénix

- HARRY! Ron, ele está aqui, o Harry está aqui! Não te ouvimos chegar! Como é que estás? Está tudo bem? Estás furioso connosco? Aposto que sim, sei que as nossas cartas não diziam nada de jeito, mas não te podíamos contar nada. O Dumbledore fez-nos jurar que não te contaríamos. Oh, temos tanto que conversar... E os Dementors? Quando soubemos disso... E a audiência no Ministério? É indecente. Eu andei a vasculhar nos livros e eles não te podem expulsar, não podem mesmo. Existe uma cláusula no Decreto de Restrições Razoáveis à Feitiçaria de Menores que fala do uso de magia em casos de legítima defesa. (ROWLING, 2003:61)

Mrs Weasley estava dobrada sobre a página do livro Guia de Gilderoy Lockhart dos Monstros Domésticos, que se achava aberto em cima do sofá.

- Muito bem, meninos, é preciso ter cuidado porque os Doxys mordem e a dentada é venenosa. Tenho aqui uma garrafa de antídoto, mas é melhor não vir a ser necessária. (ROWLING, 2003:95)

Durante alguns minutos, a sala encheu-se com o ruído das penas a arranhar o pergaminho. Quando todos acabaram de copiar os três objectivos do curso da Professora Umbridge, ela perguntou-lhes: - Todos têm um exemplar da Teoria da Magia Defensiva de Wilbert Slinkhard?

Um desanimado murmúrio de anuência percorreu a aula. - Acho que vamos tentar outra vez – disse a Professora Umbridge. – Quando eu vos faço uma pergunta, gostaria que respondessem, «Sim, Professora Umbridge», ou «Não, Professora Umbridge». Portanto, todos têm um exemplar da Teoria da Magia Defensiva de Wilbert Slinkhard?

- Sim, Professora Umbridge – ressoou na sala.

- Bom – disse a Professora Umbridge. – agradeço que o abram na página cinco e leiam o «Capítulo Um, Dados Básicos para Principiantes». Não será necessário falar. (ROWLING, 2003:209)

-Varinha guardadas – ordenou ela com um sorriso e todos os que as haviam tirado, cheios de esperança, devolveram-nas pesadamente aos sacos. – Como acabámos o Capítulo Um na última aula, agradeço que todos abram na página dezanove e comecem o Capítulo Dois, «Teorias de Defesa Usuais e suas Derivações». Não será necessário falar.

Ainda com o seu convencido sorriso rasgado, sentou-se à secretária. A turma soltou um suspiro audível enquanto, um a um, os alunos abriam o livro na página dezanove. Harry perguntou-se, entorpecido, se o livro teria capítulos suficientes para os manter a ler durante todas as aulas desse ano e preparava-se para verificar o conteúdo da página quando reparou que Hermione tinha de novo a mão no ar. (ROWLING, 2003:274)

- O que é desta vez, Miss Granger?

- Já li o Capítulo Dois – disse Hermione

- Bom, então continue para o Capítulo Três.

- Também já o li. Já li o livro todo. (ROWLING, 2003:275)

-Trata-se de nos prepararmos, como o Harry disse na primeira aula da Umbridge, para aquilo que nos espera lá fora. Trata-se de ter a certeza de que nos sabemos realmente defender. Se não aprendermos nada durante um ano inteiro.

-Não podemos fazer grande coisa sozinhos – comentou Ron em tom derrotado. – É assim, tudo bem, podemos ir procurar feitiços à biblioteca e tentar praticar, suponho eu...

-Não, concordo em que já passamos a fase em que nos podemos limitar a aprender coisas pelos livros – declarou Hermione. (ROWLING, 2003:282)

-Bem, é uma regra antiquada – esclareceu Hermione, que acabava de deslizar impecavelmente para um tapete diante deles e estava a levantar-se -, mas diz em Hogwarts: uma história, que os fundadores achavam os rapazes menos dignos de confiança que as raparigas. E para que é que querias lá ir? (ROWLING, 2003:305)

-E vejam só os livros! – exclamou Hermione muito excitada, passando o dedo pelas lombadas de grandes tomos encadernados a pele. – Compêndio de Maldições Vulgares e suas Contramaldições... A Magia Negra Vencida... Feitiços de Autodefesa... uau... - Virou-se para Harry, de rosto radiante, e ele viu que a presença de centenas de livros tinha finalmente convencido Hermione de que estavam a agir correctamente. – Harry, isto é maravilhoso, há aqui tudo aquilo de que precisamos! (ROWLING, 2003:336 e 337)

-Um dia – começou Hermione num tom profundamente exasperado -, vais ler Hogwarts: Uma História e talvez te recordes, então, de que ninguém se pode Materializar e Desmaterializar no interior da escola. Nem mesmo o Voldemort teria conseguido fazer-te voar do dormitório, Harry. (ROWLING, 2003:431)

Boa colheita, este ano – comunicou a Harry do meio de uma nuvem de papel. – Obrigado pela Bússola para Vassouras, é excelente. É muito melhor que a da Hermione... ela deu-me uma agenda para marcar os trabalhos de casa...

Harry remexeu os presentes e descobriu um com a letra de Hermione. Também lhe oferecera o mesmo, um livro que parecia um diário, só que sempre que abria uma página, esta anunciava coisas como: «Não deixes para amanhã o que deves fazer hoje!» (ROWLING, 2003:432)

- Desde os seis anos que arromba alpendre das vassouras do vosso jardim leva uma das vossas, à vez, quando vocês não reparam. – explicou Hermione, escondida por uma pilha oscilante de livros sobre Runas Antigas.

-Oh – exclamou George, um tanto impressionado – Bem... isso explica tudo.

-O Ron já defendeu algum golo? – perguntou Hermione espreitando por cima do topo de Hieróglifos e Logogramas Mágicos. (ROWLING, 2003:492)

Lupin pegara num livro e lia. Sirius olhava para os alunos que enchiam o relvado, com um ar muito superior e enfadado, mas sempre belo. James continuava a brincar com a snitch, deixando-a afastar-se um pouco mais,

quase escapando. ; conseguia, porém, sempre agarrá-la no último segundo. Wormtail observava-o de boca aberta. (ROWLING, 2003:550)

Pegou no seu volume de Teoria Mágica Defensiva e fingiu que andava à procura de qualquer coisa no índice. Crookshanks deu-o como um caso perdido e escapuliu-se para debaixo da cadeira de Hermione. (ROWLING, 2003:556)

Espero que tenhas pensado melhor naquilo que pretendes fazer – sussurrou Hermione no momento em que abriam os livros no «Capítulo Trinta e Quatro, Não-Retaliação e Negociação». (ROWLING, 2003:568)

De quando em vez, Umbridge lançava uns olhares incandescentes a Harry, que mantinha a cabeça baixa, a fixar o volume de Teoria da Magia Defensiva, com o olhar abstraído, a pensar... (ROWLING, 2003:569)

Entretanto, Ron andava a ler os apontamentos de Encantamentos correspondentes a dois anos, com os dedos enfiados nos ouvidos e os lábios a moverem-se silenciosamente. Seamus Finnigan estava deitado de costas no chão a recitar a definição do Feitiço Duradouro enquanto Dean a verificava no Livro Básico dos Feitiços Nível 5 [...] (ROWLING, 2003:608)

Harry Potter e o Príncipe Misterioso

Era quase meia-noite, e o Primeiro-Ministro estava sentado sozinho no seu gabinete, lendo um extenso memorando que se lhe ia varrendo do cérebro sem deixar atrás de si o mais pequeno vestígio de significado. (ROWLING, 2005:9)

Viam-se vários dos seus pertences espalhados pelo quarto e também algum lixo. Penas de coruja, carochos de maçã e invólucros de guloseimas deitados pelo chão, uns quantos livros de encantamentos espalhados desordenadamente na cama, por cima dos mantos emaranhados, e uma confusão de jornais iluminados por um círculo de luz em cima da secretária. (ROWLING, 2005:39)

No meio do quarto via-se um grande malão. Estava aberto: parecia estar à espera; contudo, encontrava-se praticamente vazio, à excepção de alguns vestígios de roupa interior velha, doces, frascos de tinta vazios e penas partidas que cobriam o fundo. Ali próximo, no chão, encontrava-se um panfleto púrpura decorado com as seguintes palavras:

*Publicado em Nome do Ministério da Magia
COMO PROTEGER A SUA CASA E A SUA FAMÍLIA CONTRA AS
FORÇAS NEGRAS (ROWLING, 2005:41)*

A seu lado, preso dentro da mão descontraída de Harry, via-se um bocadinho de pergaminho coberto dum caligrafia fina e inclinada. Lera esta carta tantas vezes desde a sua chegada, havia três dias, que, embora lhe tivesse sido entregue num rolo firmemente enrolado, estava agora quase lisa. (ROWLING, 2005:42)

- E... professor... eu li a notícia a respeito de Madame Bones.
- Sim – disse Dumbledore em voz baixa – Uma perda terrível. Era uma grande feiticeira. Excelente mesmo, creio eu... au.
- Tinha tocado sem querer na mão magoada.
- Professor, o que é que lhe aconteceu à...?
- Agora não tenho tempo para te explicar – retorquiu Dumbledore. – Trata-se dum história muito emocionante, desejo poder fazer-lhe justiça.
- Dirigiu um sorriso a Harry, que percebeu que não estava a ser repreendido, e que tinha permissão para continuar a fazer perguntas-
- Professor... recebi um panfleto do Ministério da Magia por coruja, acerca das medidas de segurança que todos devíamos tomar contra os Devoradores de Morte...
- Sim, eu próprio também recebi um – disse Dumbledore ainda a sorrir. – Achaste-o útil?
- Nem por isso.
- Não, também me pareceu que não. Por exemplo, tu também não me perguntaste qual era o meu sabor preferido de compota para ficares com a certeza de que eu sou, de facto, o Professor Dumbledore e não um impostor.

(ROWLING, 2005:57)

A mobília regressou a voar ao seu lugar original; os ornamentos recompuseram-se no ar; as penas voltaram rapidamente para dentro das respectivas almofadas; os livros rasgados consertavam-se à medida que iam aterrando nas prateleiras; os candeeiros a óleo subiam a voar até às mesinhas de apoio e tornavam a acender-se; uma vasta colecção de molduras de prata com o vidro despedaçado voou através da sala a reluzir e aterrou, incólume e imaculada, na secretária; rasgões fendas e buracos suturavam-se por todo o lado; e as paredes limpavam-se sozinhas. (ROWLING, 2005:60)

-Está difícil de sair – ia dizendo Mrs. Weasley ansiosamente ao lado de Hermione com a varinha em punho e um exemplar de O Ajudante de Curandeiro aberto em «Nódoas Negras, Cortes e Esfoladelas». – Isto tem sempre dado resultado, não percebo. (ROWLING, 2005:88)

Teriam sido umas férias felizes e pacíficas não fossem os vários relatos de desaparecimentos, estranhos acidentes e até mesmo mortes que agora surgiam n' O Profeta a um ritmo quase diário. (ROWLING, 2005:93)

No dia a seguir a este lanche de aniversário algo sombrio chegaram as suas cartas e listas de livros de Hogwarts. A de Harry incluía uma surpresa: tinha sido nomeado Capitão de Quidditch. (ROWLING, 2005:94)

Diagon-Al estava diferente. Já não se viam os livros de encantamentos, os ingredientes para poções nem os caldeirões que davam brilho e colorido às montras, ocultadas por trás de enormes cartazes que o Ministério mandara afixar. (ROWLING, 2005:97)

Molly, não faz sentido irmos todos à loja da Madame Malkin – declarou Mr. Weasley – Por que é que eles três não vão lá com o Hagrid enquanto nós vamos à Borrões e Floreados e compramos os livros escolares para todos? (ROWLING, 2005:98)

Não vos disse para pegarem nos livros – proferiu Snape, fechando a porta e avançando para trás da secretária a fim de enfrentar a turma; Hermione apressou-se a meter outra vez o seu exemplar de Confrontando o Oculto no saco e enfiou este por baixo da cadeira. – Quero falar convosco e exijo a vossa inteira atenção. (ROWLING, 2005:150)

-Eh! – protestou Harry, indignado, quando ela pousou o seu exemplar de Preparação de Poções: Nível avançado do saco e ergueu a varinha.

- Specialis revelio! – proferiu Hermione, batendo levemente na capa. Não aconteceu absolutamente nada. O livro permaneceu ali, velho, sujo e com folhas dobradas.

-Acabaste? – perguntou Harry, irritado. – Ou queres esperar para ver se ele dá uns mortais à retaguarda?

- Parece bem – comentou Hermione, ainda a fitar o livro, desconfiada. – Quer dizer, parece realmente ser... apenas um livro de estudo. (ROWLING, 2005:163)

Tendo acabado de cortar as suas raízes, Harry voltou a debruçar-se sobre o livro. Era, de facto, muito irritante ter de se esforçar para decifrar as instruções debaixo de todos aqueles gatafunhos do anterior proprietário, que, vá-se lá saber porquê, discordava da ordem para cortar o Feijão Soporífico e escrevera nas instruções alternativas:

Esmagar com o lado chato de uma adaga de prata; liberta melhor o sumo do que cortando. (ROWLING, 2005:160)

O Slughorn podia ter-me entregado esse livro, mas não, a mim calhou-me aquele em que ninguém escreveu nada. Vomitado sim, pelo aspecto da página cinquenta e dois, mas... (ROWLING, 2005:162)

-Não é nada – tranquilizou-a, baixando a voz. – Não é nada como o diário de Riddle. É apenas um livro escolar em que alguém escreveu. (ROWLING, 2005:162)

Harry perguntara vagamente a si mesmo quem poderia ter sido o Príncipe Meio-Sangue. Embora a quantidade de trabalhos de casa que lhes tinham sido passados o impedissem de ler a totalidade do seu Preparação de Poções: Nível Avançado, folheara-o o suficiente para verificar que não havia uma página em que o Príncipe não tivesse posto notas adicionais, nem todas relacionadas com a elaboração de poções. Aqui e além, havia instruções para a execução do que pareciam ser feitiços inventados por ele próprio. (ROWLING, 2005:164)

Acordou cedo na manhã do passeio, que se mostrava tempestuosa, e entreteve o tempo até ao pequeno-almoço a ler o seu exemplar de Preparação de Poções: Nível Avançado. Em geral, não ficava deitado a ler livros de estudo; esse género de procedimentos, como Ron muito bem afirmava, era indecente em todos menos em Hermione, que simplesmente tinha essa excentricidade. No entanto, Harry achava que o exemplar de Poções que pertencera ao Príncipe Meio-Sangue não podia ser classificado como livro de estudo. Quanto mais se debruçava sobre ele, mais se apercebia de quanto ali existia, não apenas as sugestões práticas e atalhos para preparar poções que o estavam a fazer adquirir tão brilhante reputação junto de Slughorn, mas também pequenos feitiços imaginativos garantidos à margem que, a avaliar pelos cortes e revisões, Harry tinha a certeza de terem sido inventados pelo próprio Príncipe. (ROWLING, 2005:196)

Interrompeu-se; Harry também ouvira. Alguém se aproximara deles por entre as escuras estantes de livros. Esperaram, e instantes depois surgiu à esquina a figura de abutre de Madame Pince, as faces cavadas, a pele de pergaminho e o comprido nariz adunco cruelmente iluminados pelo candeeiro que empunhava.

- A biblioteca encerrou – informou ela. – Vejam lá se voltam a colocar o que tiraram no sítio cer... o que estiveste tu a fazer a esse livro, rapaz malvado?

-Não é da biblioteca, é meu! – apressou-se Harry a afirmar, tirando o seu exemplar de Preparação de Poções: Nível Avançado de cima da mesa,

quando ela estendeu para ele a mão semelhante a uma garra.

- Espoliado! – sibilou ela. – Profanado! Maculado!

-É só um livro em que se escreveu! – repontou Harry, arrancando-lhe o exemplar da mão.

Madame Pince parecia prestes a ter um ataque. Hermione, que arrumara rapidamente as suas coisas, agarrou no braço de Harry e empurrou-o para fora.

-Se não tens cuidado, ela proíbe-te de ir à biblioteca. Por que é que havias de trazer esse livro idiota? (ROWLING, 2005:249)

Harry Potter e os Talismãs da Morte

Demorou mais uma hora até o esvaziar por completo, deitar fora o que já não prestava e separar os restantes objectos em pilhas, consoante fosse ou não precisar deles daí em diante. O seu uniforme da escola e o de Quidditch, o caldeirão, os pergaminhos, as penas e a maior parte dos livros de estudo foram amontoados a um canto, para serem arrumados. Interrogou-se que fim lhes iriam dar os tios; queimá-los a altas horas da noite provavelmente, como se constituíssem provas dalgum crime hediondo. As suas roupas de Muggle, o Manto da Invisibilidade, o kit de fazer poções, certos livros, o álbum de fotografias que Hagrid em tempos lhe oferecera, um molho de cartas e a sua varinha foram guardados dentro duma velha mochila. (ROWLING, 2007:22)

Restava-lhe uma pilha de jornais em cima da secretária ao lado da sua coruja-das-neves, Hedwig: cada um correspondente a um dia que Harry passara em Privet Drive nesse Verão. (ROWLING, 2007:22)

Harry tinha a certeza de que o Ministério estava a pressionar O Profeta para que este não publicasse qualquer notícia sobre Voldemort. (ROWLING, 2007:27)

«É claro que o Dumbledore é o sonho de qualquer biógrafo», afirma Skeeter. «Uma vida tão longa e preenchida. Estou certa de que o meu livro será o primeiro de uma longa, longa série.»

Skeeter não perdeu seguramente tempo a reagir. O seu livro de novecentas páginas ficou concluído escassas quatro semanas após a misteriosa morte de Dumbledore, em Junho. (ROWLING, 2007:28)

«Então, Betty, deixe-se disso, não me vou pôr para aqui a desvendar os momentos altos do livro antes de as pessoas o comprarem!» (ROWLING, 2007:29)

«Eu dedico um capítulo inteiro à relação entre o Potter e o Dumbledore. Tem sido descrita como pouco saudável, sinistra, até. Repito, os leitores terão de comprar o livro para ficarem a par de toda a história, mas é inquestionável que o Dumbledore desenvolveu um estranho interesse pelo Potter desde o primeiro momento. Se isso trouxe algum proveito ao rapaz... Bom, veremos. O que não é segredo para ninguém é que o Potter teve uma adolescência conturbada.» (ROWLING, 2007:30)

O quarto continuava tão desleixado como estivera a semana toda; a única alteração era que Hermione estava agora sentada no canto mais afastado, com o seu gato felpudo arruivado, Crookshanks, aos pés, a fazer uma escolha aos livros, alguns dos quais Harry reconheceu como seus, e a dividi-los em duas enormes pilhas. (ROWLING, 2007:84)

Atirou Numerologia e Gramática para uma pilha e Ascensão e Queda das Artes Mágicas para outra. (ROWLING, 2007:84)

que sopesava agora As Equipas de Quidditch da Inglaterra e da Irlanda numa das mãos (ROWLING, 2007:84)

Sobressaltado, Harry olhou para ela mesmo a tempo de a ver desfazer-se num pranto em cima do seu exemplar do Silabário de Spellman. (ROWLING, 2007:85)

- Mas afinal para que é que tu queres estes livros todos? – perguntou-lhe Ron, voltando a coxear para a cama.

- Estou só a tentar decidir quais é que havemos de levar connosco – esclareceu Hermione. – Quando formos à procura de Horcruxes.

- É claro, é claro – disse Ron, batendo com uma mão na teste. – Esqueci-me de que íamos à caça do Voldemort instalados numa biblioteca móvel.

- Ah, ah – zombou Hermione, baixando os olhos para o Silabário de Spellman. – Deixa-me cá ver... será que vamos precisar de traduzir runas? É bem possível... Acho que é melhor levarmo-lo connosco, para o caso de nos fazer falta.

Deixou cair o silabário na mais alta das duas pilhas e pegou em Hogwarts: Uma História. (ROWLING, 2007:86)

esclareceu Hermione, enquanto examinava Ruptura com Uma Banshee sem se conseguir decidir. (ROWLING, 2007:89)

- O que nós temos de decidir de uma vez por todas – declarou Hermione, atirando Teoria Mágica Defensiva para o caixote do livro sem hesitar e pegando em Uma Avaliação da Educação Mágica na Europa – é para onde iremos quando sairmos daqui. (ROWLING, 2007:89)

- E quando lhe deitarmos a mão, como é que se destrói um horcrux? – inquiriu Ron.

- Bom – afirmou Hermione. – Andei a investigar isso.

- Como? – admirou-se Harry. – Julguei que não havia nenhum livro acerca de Horcruxes na nossa biblioteca.

- E não havia, de facto – confirmou Hermione, que estava agora muito corada – O Dumbledore retirou-os a todos mas... mas não os destruiu.

Ron sentou-se muito direito, de olhos arregalados.

- Pelas cuecas de Merlin! E como é que tu conseguiste deitar a mão a esses livros sobre Horcruxes?

- Não... não foi roubar! – apressou-se Hermione a dizer. Olhando de Harry para Ron com um certo ar de desespero. – Mesmo depois de o Dumbledore os retirar das prateleiras, os livros continuam a pertencer à biblioteca. Seja como for, se ele não quisesse mesmo que ninguém os consultasse, tenho a certeza de que teria feito com que fosse muito mais difícil... (ROWLING, 2007:90 e 91)

- Ouviste algum de nós a queixar-se? – retorquiu Ron. – Mas então, afinal onde é que param esses livros?

Hermione vasculhou as pilhas e, passado um instante, retirou de uma delas um grande volume, encadernado a couro preto já gasto. Fez um ar levemente nauseado e segurou-o cuidadosamente como se fosse uma criatura que tivesse sido morta havia pouco tempo.

- Este é aquele que fornece instruções explícitas sobre como fazer um Horcrux. Segredos da Mais Negra Magia... é um livro horrível, mesmo medonho, cheio de feitiços maléficos. Pergunto-me quando é que o Dumbledore o terá retirado da biblioteca... Se isso aconteceu só depois de se tornar Director, aposto que foi aqui que o Voldemort veio buscar todas as informações de que necessitava. (ROWLING, 2007:92)

- Fiquei com a sensação de que o diário morreu quando eu o apunhalei – disse Harry, recordando-se de ver tinta a jorrar como sangue das páginas perfuradas e dos gritos do fragmento da alma de Voldemort à medida que esta desaparecia. (ROWLING, 2007:93)

- Tens aqui o teu presente. Desembrulha-o aqui, que não é para os olhos da minha mãe.

- Um livro? – admirou-se Harry, ao receber o embrulho rectangular. – Foge um pouco ao que é costume, não é?

- Não é um livro qualquer – salientou Ron. – Trata-se dum verdadeiro tesouro: Doze Truques Infalíveis para Seduzir Feiticeiras. Explica-te tudo o que precisas de saber sobre as raparigas. Se eu já o tivesse descoberto no ano passado, teria sabido exactamente o que fazer para me livrar da Lavender e para atinar com... Bom, o Fred e o George ofereceram-me um exemplar, e tenho aprendido muito. Vais ficar surpreendido, não se trata apenas de uma questão de saber manusear a varinha. (ROWLING, 2007:101)

- «A Miss Hermione Jean Granger, deixa o meu exemplar de Os Contos de Beedle, o Bardo, na esperança de que ela os ache divertidos e instrutivos.»

Scrimgeour retirou então de dentro do saco um pequeno livro que parecia ser tão antigo quanto o exemplar de Segredos da Mais Negra Magia guardado no quarto de Ron. A encadernação estava manchada e a descascar-se nalgumas partes. Hermioneaceitou-o das mãos de Scrimgeour sem dizer uma única palavra. Pousou o livro em cima do colo e ficou a olhar para ele. Harry reparou que o título estava escrito em runas; ele nunca chegara a aprender a lê-las. E reparou ainda numa lágrima a salpicar os símbolos gravados em relevo.

- Qual lhe parece que tenha sido o motivo para o Dumbledore lhe deixar esse livro, Miss Granger? – perguntou-lhe Scrimgeour em tom irónico.

- Ele... ele sabia que eu gostava de livros – respondeu Hermione com a voz embargada, limpando os olhos à manga.

- Mas porquê este livro em particular?

- Não faço ideia. Talvez tenha pensado que me fosse agradar.

- Alguma vez o Dumbledore conversou consigo a respeito de códigos, ou de qualquer outra forma de transmitir mensagens secretas?

- Não, nunca – disse Hermione, ainda a limpar os olhos à manga. – E se, em trinta e um dias, o Ministério não foi capaz de descobrir nenhum código oculto neste livro, duvido que eu consiga fazê-lo. (ROWLING, 2007:111)

- E quanto a este livro – afirmou Hermione -, *Os Contos de Beedle, O Bardo...* eu nem nunca tinha ouvido falar dele!

- Tu nunca tinhas ouvido falar d’*Os Contos de Beedle, o Bardo?* – retorquiu Ron com ar incrédulo. – *Estás a brincar comigo, não estás?*

- Não, a sério! – exclamou Hermione, surpreendida. – *Porquê, tu já tinhas?*

- *É claro que sim!*

Harry ficou a olhar para eles, divertido. A circunstância de Ron ter lido um livro de que Hermione nunca ouvira falar não tinha precedentes. Ron, todavia, não estava a ver motivo para tanta surpresa.

- *Oh, vá lá! Todas as velhas histórias infantis foram supostamente escritas pelo Beedle, não é? A Fonte do Justo Merecimento... O Feiticeiro e o Caldeirão Saltitante... A Coelhoa Babita e a sua Varinha Tagarela...*

- *Como?* – disse Hermione com uma gargalhadinha. – *Como se chama a última?*

- *Deixa-te de coisas!* – atirou-lhe Ron, olhando, espantado, de Harry para Hermione. – *Deves ter ouvido falar d’ A Coelhoa Babita...*

- *Ron, tu sabes perfeitamente que eu e o Harry fomos educados por Muggles!* – protestou Hermione. – *Nós não ouvimos essas histórias quando éramos pequenos, ouvimos A Branca de Neve e os Sete Anões e a Cinderela...*

- *O que é isso, uma doença?* – indagou Ron.

- *Então este livro tem histórias para crianças?* – concluiu Hermione, tornando a debruçar-se sobre as runas.

- *Acho que sim* – disse Ron hesitante. – *Quer dizer, isso é o que se costuma dizer, percebes, que todas estas velhas histórias foram escritas pelo Beedle. Não sei como elas eram na versão original.* (ROWLING, 2007:118 e 119)

- *Por falar n’O Profeta Diário... Não sei se terá visto Mr. Doge...?*

- *Oh, por favor, trata-me por Elphias, meu caro.*

- *Elphias, não sei se terá visto a entrevista que a Rita Skeeter deu a propósito do Dumbledore?*

O rosto de Doge toldou-se de indignação.

- *Oh, claro, Harry, podes ter a certeza de que li. Essa mulher... abutre talvez seja um termo mais adequado para a descrever... importunou-me até mais não para me convencer a falar com ela. Tenho de confessar que fui bastante descortês, chamei-lhe truta inconveniente, o que resultou, como seguramente terás visto, num ataque à minha sanidade mental.*

- *Bom, nessa entrevista – prosseguiu Harry -, a Rita Skeeter deu a entender que, na juventude, o Professor Dumbledore esteve envolvido na Magia Negra.*

- *Não acredites numa única palavra acerca disso!* (ROWLING, 2007:133)

- *A Rita Skeeter? Oh, eu adoro-a, nunca perco uma linha do que ela escreve!*

Harry e Doge levantaram os olhos e depararam-se com a tia Muriel, as plumas a dançarem-lhe no chapéu, uma taça de champanhe na mão. – Ela escreveu um livro sobre o Dumbledore, sabiam? (ROWLING, 2007:133)

- *Mas afinal o que estavas tu a dizer a respeito da Rita Skeeter, Elphias? Sabias que ela escreveu uma biografia do Dumbledore? Estou ansiosa por*

lê-la, não me posso esquecer de a encomendar na Borrões e Floreados!
(ROWLING, 2007:133 e 134)

- *A Bathilda nunca aceitaria falar com a Rita Skeeter!* – murmurou Doge.
- *A Bathilda Bagshot?* – inquiriu Harry. – *A autora d’ Uma História da Magia?*

O nome aparecia impresso na capa de um dos livros de estudo de Harry, embora se visse obrigado a reconhecer que não se encontrava entre aqueles que lera com mais atenção. (ROWLING, 2007:137)

- *Uma historiadora da magia de enorme talento e uma velha amiga do Albus.*

- *Bastante gagá, nos últimos tempos, ao que ouvi dizer* – ripostou a tia Muriel, muito prazenteira.

- *A ser assim, ainda é mais condenável da parte da Skeeter ter-se aproveitado dela* – afirmou Doge – *e não se pode dar qualquer crédito a nada do que a Bathilda tenha dito!* (ROWLING, 2007:138)

- *Feitiço de Extensão Indetectável* – declarou Hermione. – *Não é fácil, mas acho que me saí bem; seja lá como for, consegui encafiar aqui dentro tudo o que nos vai fazer falta.* – *Deu um safanão à malinha de aspecto frágil esta ecoou como um porão de carga à medida que uma série de objectos pesados se reviravam no seu interior.* – *Oh, bolas, devem ser os malditos livros* – comentou, espreitando para o fundo -, *e eu que os tinha empilhado por temas... Oh, deixa lá...* (ROWLING, 2007:141)

Harry varreu o soalho com os olhos. Lá fora, o céu começava a clarear: um rio de luz revelou pedaços de papel, livros e pequenos objectos espalhados pelo tapete. Era óbvio que o quarto de Sirius também fora revistado, embora a maior parte do seu conteúdo, se não mesmo a totalidade, parece-se ter sido considerada inútil. Alguns dos livros haviam sido maltratados ao ponto de se separarem das capas, e viam-se diversas páginas dispersas pelo chão. Harry baixou-se, pegou nuns quantos pedaços de papele examinou-os. Reconheceu um deles como fazendo parte de uma velha edição de Uma História da Magia, de Bathilda Bagshot, e outro de um manual de manutenção de motas. (ROWLING, 2007:155 e 156)

- *Quem?*

- *A Bathilda Bagshot, a autora de...*

- *Uma História da Magia* – completou Hermione, com ar interessado – *Então os teus pais conheciam-na? Era uma grande especialista em história da magia.* (ROWLING, 2007:159)

Por baixo, via-se uma colecção de recortes de jornais amarelados que, juntos, formavam uma colagem irregular. Hermione atravessou o quarto para os examinar.

- *Dizem todos respeito ao Voldemort* – constatou ela – *Parece que o Regulus deve ter sido um grande admirador dele durante os poucos anos em que pertenceu aos Devoradores da Morte...* (ROWLING, 2007:162)

Harry varreu o quarto com o olhar, à procura de esconderijos prováveis e abeirou-se da secretária. Mais uma vez, alguém a revistara antes deles. O conteúdo das gavetas fora remexido havia pouco tempo, o pó levantado, mas não havia ali nada de valor: penas velhas, livros de estudo desatualizados que osentavam sinais de terem sofrido maus tratos às mãos de alguém, um frasco de tinta recentemente partido, os seus resíduos pegamentos espalhados por cima do conteúdo da gaveta. (ROWLING, 2007:162)

Harry atravessou a cozinha a correr, parou com uma derrapagem diante da porta do armário de Kreacher e abriu-a com toda a força. Lá estava o ninho de velhos cobertores imundos onde o elfo doméstico em tempos dormira, mas por entre eles já não brilhavam as bugigangas que Kreacher tinha por hábito surripiar. A única coisa que havia ali era um exemplar de Raízes da Nobreza: Genealogia de Feiticeiros. (ROWLING, 2007:164)

Inquieto e irritadiço, Ron desenvolvera o hábito incomodativo de brincar com o Apagador que guardava dentro do bolso; isto enfurecia sobretudo Hermione, que ocupava o tempo à espera de Kreacher, entregando-se ao estudo d’Os Contos de Beedle, o Bardo, e não apreciava a maneira como as luzes estavam constantemente a acender e a apagar. (ROWLING, 2007:174)

- *Porque é que não arranja qualquer coisa útil para te entreteres?*
- *O quê, como ler histórias para miúdos, por exemplo?*
- *O Dumbledore deixou-me este livro, Ron... (ROWLING, 2007:174)*

Harry alisou o jornal. Uma enorme fotografia do seu rosto enchia a primeira página. Leu o título que encabeçava:

PROCURADO PARA INTERROGATÓRIO NO ÂMBITO DA MORTE DE ALBUS DUMBLEDORE (ROWLING, 2007:178)

- Então os Devoradores da Morte também se apoderaram d’O Profeta Diário? – inquiriu Hermione, furiosa.

Lupin assentiu com a cabeça. (ROWLING, 2007:178)

Lupin apontou para O Profeta Diário.

- Abre-o na página dois.

Hermione virou as páginas com uma expressão de repulsa similar àquela com que folheara Segredos da Mais Negra Magia.

- «Registo dos Feiticeiros de Origem Muggle» - leu ela em voz alta. - «O Ministério da Magia está a levar a cabo um levantamento dos pretensos feiticeiros de origem Muggle, com o intuito de compreender melhor como foi que eles entraram na posse de segredos mágicos. (ROWLING, 2007:179)

Harry enganara-se: o que acabara de ler fizera-o ficar pior. Tornou a virar a sua atenção para a fotografia da família aparentemente feliz. Seria verdade? (ROWLING, 2007:187)

Ele e Hermione tinham estado debruçados sobre um molho de apontamentos rabiscados e mapas desenhados à mão que cobriam

completamente uma das extremidades da enorme mesa da cozinha, mas agora dirigiam o olhar para Harry, que se acercava deles e atirava o jornal para cima dos pergaminhos espalhados.

Uma grande fotografia de um homem de nariz adunco e cabelo preto que lhes era familiar olhava-os fixamente, por debaixo de um cabeçalho onde se lia: SEVERUS SNAPE CONFIRMADO COMO DIRECTOR DE HOGWARTS.

- Não! – exclamaram Ron e Hermione em uníssono. (ROWLING, 2007:192 e 193)

Atravessou a sala a correr e pegou-lhe, mas, no instante em que lhe tocou, percebeu que não se tratava de um espelho. Dumbledore sorria pensativamente da capa de um livro. Harry não notara logo as letras verdes ornamentadas a toda a largura do chapéu: A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore, nem os dizeres levemente mais pequenos sobre o peito: por Rita Skeeter, autora do bestseller Armando Dippet: Mestre ou Mentecapto?

Abriu o livro ao acaso e viu uma fotografia de página inteira com dois rapazes adolescentes, a rir à gargalhada, os braços passados por cima dos ombros um do outro. (ROWLING, 2007:15)

– Hum? – Estava enroscada num dos estafados cadeirões com Os Contos de Beedle, O Bardo. Harry não conseguia imaginar o que mais conseguiria ela extrair do livro, que até nem era muito grande; mas evidentemente ela ainda procurava decifrar qualquer coisa, porque tinha o Silabário de Spellman aberto no braço da cadeira. (ROWLING, 2007:263)

– Harry, és capaz de me ajudar numa coisa?

Aparentemente ela nem o ouvira. Inclinou-se para a frente e estendeu-lhe Os Contos de Beedle, O Bardo.

- Olha para este símbolo – pediu ela, apontando para o topo da página. Por cima daquilo que Harry presumiu ser o título da história (como não sabia ler runas, não podia ter a certeza), via-se a imagem de algo semelhante a um olho triangular, com a pupila atravessada por uma linha vertical.

- Eu nunca tive Runas Antigas, Hermione.

- Eu sei, mas isto não é uma runa e também não está no silabário. Durante muito tempo pensei que fosse o desenho de um olho, mas não creio que seja! Foi feito a tinta, olha, alguém o desenhou aqui, não faz realmente parte do livro. Pensa bem, já alguma vez viste isto? (ROWLING, 2007:263 e 264)

– Harry, tu alguma vez abriste Uma História da Magia?

- Hummm – fez ele sorrindo, ao que lhe parecia, pela primeira vez em meses, sentindo os músculos da cara estranhamente hirtos. – Talvez o tenha aberto, sabes, quando o comprei... só dessa vez... (ROWLING, 2007:265)

Abriu a mala de missangas, vasculhou lá dentro durante um bocado, extraindo finalmente o seu exemplar do antigo livro escolar, Uma História da Magia, de Bathilda Bagshot, que desfolhou até encontrar a página desejada. (ROWLING, 2007:265)

Harry recordou Uma História da Magia; constava que o cemitério era

assombrado. E se...? Mas nessa altura ouviu um roçar e viu um pequeno remoinho de neve junto do arbusto para onde Hermione apontara. Os fantasmas não faziam a neve mover-se. (ROWLING, 2007:274)

Harry relanceou um olhar a Hermione, sorrindo tranquilizadamente, mas não teve a certeza de ela ter reparado; a amiga parara no meio da sala imunda e mal iluminada, apertando os braços contra o corpo, a olhar para a estante. (ROWLING, 2007:280)

– Harry, tu querias saber quem era o homem daquela fotografia. Bem... eu trouxe o livro.

Timidamente, pousou no colo dele um exemplar intacto de A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore.

- Onde... como...?

- Estava na sala da Bathilda, pousado ao acaso... com esta nota a sair de lá de dentro.

Hermione leu em voz alta as poucas linhas de uma caligrafia angulosa, verde-ácido.

- «Querida Batty, Obrigada pela ajuda. Mando um exemplar do livro, espero que goste. Foi você quem disse tudo, mesmo que não se lembre. Rita.» (ROWLING, 2007:291)

Ela hesitou, mas percebeu a despedida. Apanhou o livro e depois rodeou-o para voltar à tenda, mas, ao passar, roçou-lhe levemente com a mão pela cabeça. Ele cerrou os olhos ao sentir o toque, e odiou-se por desejar que o que ela dissera fosse verdade: que Dumbledore lhe tivera realmente afecto. (ROWLING, 2007:299)

– Temos de conversar – começou ela.

Ele olhou para o livro que ela ainda apertava. Era A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore.

- Que foi? – perguntou, apreensivo. Passou-lhe pela cabeça que houvesse ali um capítulo a seu respeito; não tinha a certeza de conseguir aguentar ouvir a versão de Rita acerca do seu relacionamento com Dumbledore. (ROWLING, 2007:323)

Enfiou A Vida e as Mentiras de Albus Dumbledore debaixo dos olhos do renitente Harry e ele viu uma fotografia do original da carta que Dumbledore escrevera a Grindelwald (ROWLING, 2007:323)

Mas isto está sempre a aparecer, Harry! O Dumbledore deixou-me Os Contos de Beedle, o Bardo, como é que sabes que não era para nós procurarmos o significado do símbolo? (ROWLING, 2007:324)

A divisão de cima parecia ser uma combinação de sala com oficina, e, assim sendo, encontrava-se ainda mais entulhada que a cozinha. Embora muito mais pequena, e totalmente redonda, assemelhava-se de certo modo à Sala das Necessidades na inesquecível ocasião em que se transformara num gigantesco labirinto, formado por séculos de objectos escondidos. Havia pilhas atrás de pilhas de livros e jornais em todas as superfícies. Do tecto

pendiam delicados modelos de criaturas que Harry não reconheceu, todos a bater as asas ou a fecharem as queixadas. (ROWLING, 2007:328)

- Como é que sabes que é um chifre de Erumpent? – indagou Ron, afastando-se o mais depressa que he foi possível, dada a extrema barafunda da sala.

- Há uma descrição em Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los. (ROWLING, 2007:329)

- Bem, bem, Mr. Potter, tudo começa com O Conto dos Três Irmãos... tenho um exemplar do livro algures por aqui...

Relanceou um olhar vago em redor da sala, às pilhas de pergaminhos e livros, mas Hermione atalho: - Eu tenho um exemplar, Mr. Lovegood, tenho-o aqui mesmo.

E tirou Os Contos de Beedle, o Bardo da pequena mala de missangas.

- O original? – indagou Xenophilius vivamente e, perante o seu aceno afirmativo, sugeriu: - Bem, então porque não lê alto? É a melhor forma de termos a certeza de que todos compreendem... (ROWLING, 2007:332 e 333)

E a Morte falou-lhes»

- Desculpa – interrompeu Harry -, mas a Morte falou-lhes?

- Isto é um conto de fadas, Harry! (ROWLING, 2007:333)

- O Conto dos Três Irmãos é uma história – frisou Hermione. – Uma história sobre o medo que os humanos têm da morte. Se sobreviver fosse tão fácil quanto escondermo-nos debaixo do Manto da Invisibilidade, já não precisaríamos de mais nada! (ROWLING, 2007:348)

Voldemort fora criado num orfanato para Muggles. Em criança, nunca ninguém lhe lera Os Contos de Beedle, o Bardo, tal como Harry também nunca os ouvira. Dificilmente quaisquer feiticeiros acreditariam nos Talismãs da Morte. Seria possível que Voldemort tivesse conhecimento deles? (ROWLING, 2007:352)

Nem sequer reconheceu a sala. Era enorme e assemelhava-se ao interior de uma casa na árvore particularmente sumptuosa, ou talvez uma cabina de navio gigantesca. Viam-se camas de rede multicoloridas suspensas do tecto e de uma galeria que se estendia a toda a volta das paredes sem janelas, revestidas por painéis de madeira escura, de onde pendiam tapeçarias garridas; Harry viu o leão dourado dos Gryffindor, sobre um fundo escalarte, o texugo preto dos Hufflepuff, num fundo amarelo e a águia de bronze dos Ravenclaw, sobre azul. Só faltava o verde e prata dos Slytherin. Havia estantes carregadas de livros, algumas vassouras encostadas às paredes e, no canto, um enorme aparelho de rádio com caixa de madeira. (ROWLING, 2007:463)

- Então, é verdade? – perguntou Harry. – Tudo? Os irmãos Peverell...

- ...eram os três irmãos do conto – disse Dumbledore, com um aceno de cabeça. – Ah, sim, acho que sim. Se encontraram ou não a Morte numa

estrada solitária... acho mais provável que os irmãos Peverell fossem apenas feiticeiros cheios de talento e perigosos que conseguiram criar aqueles objectos poderosos. A história de serem os Talismãs da própria Morte parece-me o tipo de lenda que pode desenvolver-se em torno daquele tipo de criações.
(ROWLING, 2007:569)